Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 14 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º17564 - ANO 51º - PREÇO 1$50

QUEM TEM MEDO DOS SAPATOS DO DEFUNTO?

Hoje é dia de Suplemento Literário. E do respectivo sumário, como sempre, constam assuntos do maior interesse e actualidade. Eduardo Guerra Carneiro fala do Cinema Novo português, a propósito do filme «Quem Espera por Sapatos de Defunto», de João César Monteiro. António Quadros responde ao inquérito sobre crítica literária. Fernando Arroio escreve sobre «O homem que lia suplementos literários» e Pedro Luzes comenta «Vocabulário da Psicanálise», edição recente da Moraes. E além do «Prontuário das Letras», há ainda uma apresentação de vários trechos dos textos de poesia «Outubro». Portanto: noticiário, crítica, polémica.

A

VOLTA A PICAR

nas págs. 7 a 10

A CERVEJA ILEGAL

A cerveja levanta delicados problemas de medida na Inglaterra, Diz a lei que as canecas deverão conter exactamente um «pint» (cerca de seis decilitros), mas a espuma tão apreciada pelos entusiastas da cervejinha, não permite que as «mugs» comportem os 5,679 decilitros prescritos. Há dias um comerciante de Blakpoool foi multado em cem libras (sete mil escudos) por ter vendido cerveja com espuma a mais, e portanto, menos líquido do que a lei manda. Na foto, exemplo do que é, agora, uma cerveja «ilegal». Mas, como a maioria dos apreciadores, Karen Kerr, modelo profissional, prefere cerveja com espuma. Há mal nisso? A lei impávida e severa, diz que sim...

IBM Vende computador aos russos

Mal equipada quanto a meios de tratamento automático da informação, a URSS acaba de comprar um computador ao maior fabricante mundial, a IBM, para o que teve de negociar longamente. Em 1970, o então presidente do conselho de administração da companhia norte-americana, James Watson, esteve em Moscovo a tratar do assunto, mas ele próprio fez gorar qualquer hipótese ao responder finalmente com um seco «não». O seu sucessor, Learson, acha agora que o «sim» é mais adequado. O curioso é que o «sim» de Learson teve de ser precedido por outro «sim», este da NATO, através da sua Comissão de Coordenação (COCOM). Vender computadores a Moscovo é um passo que o bloco ocidental quer dar com toda a segurança: a mercadoria «pesa». Ler nas páginas centrais

HOJE 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

EU, Paulo de Carvalho

A ordem é devolver os 3-0 aos belgas

O seleccionador Gomes da Silva veio assustado da Escócia e achando que a tarefa dos portugueses, tendo de vencer os belgas por dois golos de diferença, vai ser difícil. O comentarista Neves de Sousa, pelo contrário acha que devolver os 3-0 que os belgas nos infligiram em Bruxelas não é apenas fácil: é **obrigação.** Afinal, homem por homem, os nossos jogadores são melhores e se eles têm um Vam Himmst, nós temos um Eusébio, um Artur Jorge, um Rui Rodrigues, um Damas, um Jaime Graça, um Nené, um Simões. Leia carta de Neves de Sousa a Gomes da Silva na página 20.

Aí estão Thilo Krasman, Paulo de Carvalho e as três meninas do coro «Lá-Lá-Lá», gravando nos Estúdios Celada, em Madrid, o novo LP do cantor: «Eu, Paulo de Carvalho». Os «slogans» promocionais dizem que Paulo está mais «hábil, seguro, imaginativo, vigoroso e personalizado» do que nunca. (Mais notícias em DL SHOW).

Ah, a grande noite do fado

Por Fernandò Assis Pacheco

O faaado é uma chumbada. Quando me propõem uma ida ao faaado eu desço as escadas da cave, pego na escopeta de dois canos e grito detrás da secretária: «Sobre o meu cadáver, sandeus!» No entanto gosto do faaado ao quilo que todos os anos a Casa da Imprensa organiza naquela bruta caixa de ressonância que é, Gambrinus a vinte metros, o Coliseu. Destas contradições não poderei nunca absolver-me. Detesto o faaado, é um xarope, uma sanduíche de anteontem. Gozo que me farto com o campeonato dos fadistas amadores, e é tão pobrezinho (probezinho ficava melhor), tão coiso tão chacha, tão. E não se trata sequer disso.

Volto ao princípio: o que eu gramo na Noite do Faaado não é o produto que eles aviam, mas quem o avia. As histórias de cada um, a entretela do fatinho coçado. Topei uma vez o representante da Bica, estava em Alverca a pintar umas tubulagens metálicas e marcou-me encontro com essa noite en su sítio. Chegado à Rua (da Bica) de Duarte Belo vou apurar bem e sai-me que o Manuel P. é mas é campista, campista dos tesos, ele e a patroa todos os domingos de saco às costas, numa furiosa alegria de bem respirar. Anoto: Manuel P., Bica, adepto do campismo. Pois nada, não é isso, o seu óbi está nos passarinhos. Leva-me a dar uma volta pela casa, estonteia-me com a lancinância de meia dúzia de canários. Já nem me importa a má classificação que ele acabará por arranjar no Coliseu, pois de faaado nem toda a gente gargareja com conhecimento de causa. Uns acertam, outros desafinam algum tanto. Algum tanto desafinavas, meu caro, meu estupendo Manuel P. da Bica, que ias quase convencendo este teu servidor a comprar um ou dois dos tais bichinhos amarelos, finos de nalgas mas grandes produtores de esterco entre um e outro armandinho engaiolado, como me explicaste.

Volto novamente ao princípio: uma bela manhã irrompemos, eu e o Salvador Ribeiro, por um infra-andar subdigno da Rua Conde de Sabugosa. Objectivo: entrevistar a fadista X, tantos anos oficiosas mais sete ou oito oficiais, voz de briol do lote, esperanças relativamente poucas de ganhar o concurso. Estava ela e estava um ganapo dela. («é o meu sobrinho»). Como competia e a casa confirmava, puxei de toda a minha labrega delicadeza para entrar no assunto. A páginas tantas, eu humilde, ele deveras suspensa da notícia, encaminhávamos tudo para um panegírico em quatro volumes de boa carneira. O Salvador cortou-nos a conversa e disse. «Ó filha, vamos à fotografiazinha, tá bem?» Rápida, X foi buscar uma ex-mantilha preta e indicou-nos com um gesto todo braços o quintal: «Acho que ali dá muito bem. E espaçoso». Não era. Era um quintal lisboeta dos magros, debruado a vasinhos com muita sardinheira. Triste, a galinha da Páscoa olhava sem interesse o terceiro. «Ó filha», sugeriu o Salvador, «pões-te aí ao pé do muro e esticas o pano assim e assim» «A mantilha», sussurrou ela, «a mantilha». «Tá bem, a mantilha. Puxas isso para as costas e agora viras-te para aqui e fazes um sorriso, tá bem?».

Se estava: qualquer coisa seria bem-vinda no subquintal daquela infratoca. Mas quando tudo acabou e eu e o Salvador arrumávamos a traquitana esparsa, X chamou-me de parte, tossiu no desejo de ser perfeitamente ouvida: «Só fica o busto na fotografia, não é?» Tinhas as meias rotas e uma corda de torpe angústia enrolada ao pescoço.

Gramo, é por isso que eu gramo, não o faaado, é claro, mas isto que anda por dentro dele escondido. Este cotão de verdade faminta. O resto, se calhar até mesmo o campeonato dos amadores não passa de mentira. Não faltarei.

COPPOLA CAI NA REDE ARMADA CONTRA A MAFIA

Por Jacques Nobecourt

ROMA, Novembro - Após três meses de aparente inactividade, a Polícia Judiciária de Palermo lançou de novo uma vaga de rusgas contra os indivíduos suspeitos de pertencer à Mafia.

A operação policial cobriu todo o território italiano. Já tinham sido presos, em Julho, 45 membros da «honrada sociedade», sem contar com os indivíduos com residência forçada em diversas ilhas. No dia 28 de Outubro os carabineiros algemaram e acorrentaram mais 10 suspeitos. Entre estes conta-se um homenzinho de 62 anos, que foi vendedor de frutas e legumes em Detroit e regressou à terra natal depois de ter feito fortuna na América. Trata-se de Francesco Paolo Coppola, conhecido por Frank Coppola, ou ainda por «Frank Três Dedos» ou «Frank la Motta», ex-grande eleitor do candidato democrático Harry Truman, em Kansas-City.

O FANFARRÃO

A Mafia? Claro, Frank Coppola nada sabe disso, e não gosta que pronunciem a palavra diante dele. Aos jornalistas que de há umas semanas a esta parte procuravam entrar em contacto com ele alegava sempre que era homem dado à boa paz.

No entanto, quando os carabineiros lhe apareceram pela frente, o pacífico cidadão parecia estar preparado para abandonar a casa que tem em Pomezia, perto de Roma, e abalar sabe-se lá para onde. Ei-lo uma vez mais na prisão de Ucciardone, em Palermo. Por quanto tempo? As suas condenações anteriores nunca foram pesadas. E quantas vezes não teve a Justiça de o largar de mão por «insuficiência de provas»?

Num relatório para o «Narcotic Bureau», o senador McLellan, que conseguiu que Frank Coppola fosse expulso dos Estados Unidos em 1948, atribuía-lhe «três grandes qualidades, tão escondidas como inúteis: uma incrível capacidade de silêncio, uma enorme prudência, um engenho infalível na escolha do homem indicado para determinada missão». O jovem siciliano de Partanico que em 1926 partiu para Marselha, Cuba e Florida entrou no circuito do «whisky» nós tempos da Lei Seca. Viveu clandestinamente nos Estados Unidos durante 20 anos, no meio da camarilha dos grandes

Frank «Três Dedos» Coppola e outros mafiosos caíram na rêde

da «Cosa Nostra». Suspeito, mas nunca inculpado, foi por fim expulso.

Em Roma obteve, aí por volta de 1950, um passaporte em regra, e foi com um visto em boa ordem que regressou ao Texas através do México. Em 1952, de regresso a Itália, à propriedade que adquirira perto de Roma, Frank Coppola foi condenado a três anos de cadeia por tráfico de heroína. Cumprida a pena, foi-lhe fixada residência na sua terra natal. Nunca mais se ouvira falar dele, até que vieram à luz do dia algumas coisas desagradáveis: sequestros, tentativas de homicídio. Em suma: ninharias.

Mostrava-se senhor de si quando há dias abandonou a estação de Roma, algemado entre dois carabineiros. «Vocês, cá de Roma, não pensem que contam seja para o que for», atirou aos jornalistas. «É a Sicília que manda, porque temos muitas pessoas importantes».

Por detrás da fanfarronada, que realidade se dissimulará? Foi o que a magistratura tentou estabelecer durante meses, ao trazer à luz do dia um incrível encadeamento de delitos que começaram com a entrada, para o secretariado da região do Lácio, de um «mafioso», jovem, mas já com provas dadas, vindo de Trapani.

Do favoritismo às falsificações em escrituras públicas, o inquérito judicial foi subindo até atingir gente influente da democracia-cristã, chegando mesmo a um juiz de Roma que por sinal fora designado como conselheiro jurídico da comissão parlamentar encarregado do inquérito sobre a Mafia...

Quem é que pertence à «honrada sociedade»? Quem é que se limita a fechar os olhos? A suspeita é como uma mancha de óleo que vai alastrando, e todos os meios políticos, sobretudo os que detêm as alavancas do Poder, surgem como incriminàveis aos olhos do homem da rua. O certo é que o desenvolvimento industrial da região de Roma e a especulação imoboliária podem ter despertado a atenção e os apetites de alguns «grandes tubarões» da Sicília.

OS DIAS SANTOS

De há três anos a esta parte têm-se multiplicado os crimes atribuíveis à Mafia. Os carabineiros não esmorecem na condução do inquérito. Tratar-se-á, no caso de Frank Coppola, de desmantelar uma rede de distribuição da droga? O passado do homem assim o faz crer.

Os ricochetes sucessivos, de semana para semana, já não surpreendem a opinião pública. Esta cai fàcilmente no seu velho instinto de condenação colectiva do Sul, e afirmações como «é a Sicília que dá os dias santos», »é a Sicília que está por detrás de tudo», prejudicam evidentemente todos os esforços feitos contra a segregação de facto de que são muitas vezes vítimas os emigrantes meridionais quando se deslocam para o Norte.

Se Frank Coppola beneficiar mais uma vez de uma absolvição por «insuficiência de provas», será de novo a Sicília a vítima, como se o seu nome fosse sinónimo de Mafia.

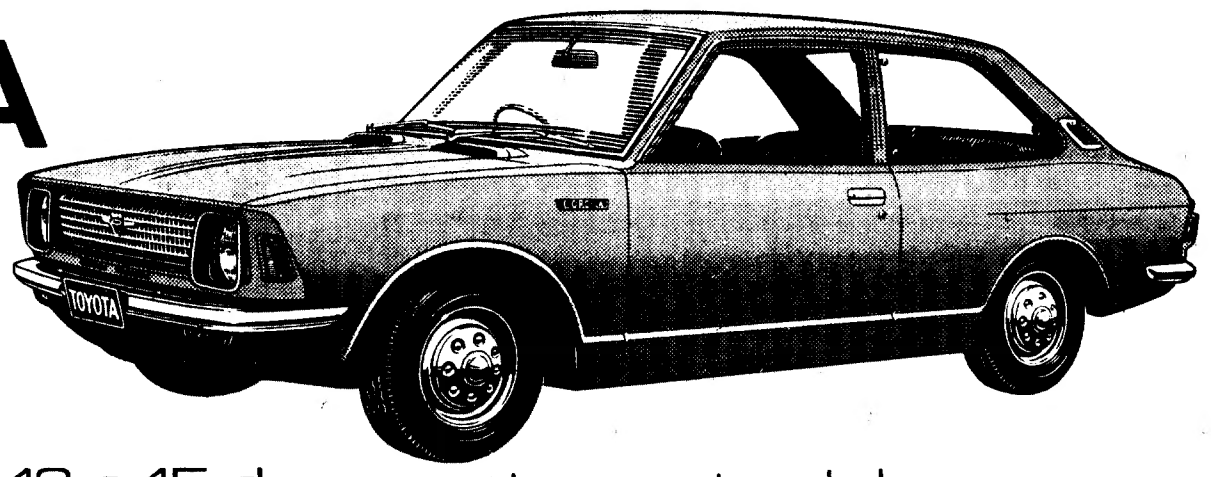
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COROLLA

TOYOTA

EM EXPOSIÇÃO



veja-o das 9h às 24h de 12 a 15 do corrente no stand da

EM LISBOA: AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 17-A Tels. 52316 - 52241

Transmotor

A hora e a vez dos brasileiros

No I Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural que decorreu em Santarém, nos últimos dias do mês de Outubro, valeu sobretudo a pena o conjunto de longas metragens seleccionadas para o efeito e que documentaram, com certa felicidade, aspectos diversos do **Cinema Novo** na Alemanha Federal e no Brasil, para além de levantarem um pouco do véu que encobria, até agora, a produção cinematográfica nacional proveniente do primeiro ano de trabalho da Cooperativa de Cineastas portugueses , resultante do auxílio económico da Fundação Calouste Gulbenkian.

— Vejamos primeiramente quais as longas metragens exibidas:

Da ALEMANHA FEDERAL: **«Cenas de Caça na Baixa Baviera»** («Jagdsezenen Aus Nierderbayern»), de Peter Fleischman (1968);**«A Repentina Riqueza dos Pobres Lavradores de Kombach»** («Der Plotzliche Riechtum der Armen Lente von Kombach»), de Volker Schlondorff (1971);

. Do BRASIL: **«A Hora e a vez de Augusto Matraga»**, de Roberto Santos (1965); **«Macunaíma»**, de Joaquim Pedro de Andrade (1970).

. De FRANÇA: **«A Fábula da Primeira Pedra»** «(La Fable de la Premiére Pierre»), de Gérard Gosslan (1970);

. Do CANADÁ: **«Um Outro País»** («Un Autre Pays»), uma produção do National Film Board of Canada;

. De PORTUGAL: **«Vilarinho das Furnas»**, de António Campos (longa-metragem, documental, em 16 milímetros-1970); **«Pedro Só»**, de Alfredo Tropa (1971).

Esteve ainda prevista a projecção de uma película espanhola **«el Bosque de Ancines»,** de Pedro Olea (1970) mas, por dificuldades de última hora, não chegou a ser projectada esta obra na sala do Rosa Damasceno. Passamos, portanto, à análise dos filmes vistos em Santarém, depois de excluirmos do nosso roteiro a produção canadiana **(«Un Autre Pays»)** que não vimos, por não nos encontrarmos presentes na altura da sua exibição.

DO BRASIL

«A Hora e a Vez de Augosto Matraga» e **«Macunaíma»** representaram o Brasil. De **Macunaíma** já muito se disse nas páginas do **«Diário de Lisboa»**, sobre tudo a quando da sua projecção na **I Semana do Cinema Brasileiro**, efectuada em Lisboa em Março último. Não queremos, porém, deixar de referir o seu indiscutível interesse, cotando-se como uma das obras decisivas do actual cinema brasileiro. **«Macunaíma»** é uma história de antropofagia, a mesma antropofagia que esteve na base de todo o modernismo literário do Brasil. Extraído de um romance de Mário de Andrade, **«Macunaíma» é a história de «um brasileiro que foi comido pelo Brasil»** (J. Pedro de Andrade).

Universo satírico e grotesco, rodeado de referências literárias e políticas **«Macunaíma»** mostra como os «grandes» comem os «pequenos», e como estes, enquanto se preparam para finalmente devorar os «grandes», se alimentam de si mesmos. Joaquim Pedro de Andrade, para explicar a parábola, dirige um filme avassalador de imaginação som e cor, caleidoscópio tropical onde se encontram, convergiando numa mesma obra, vestígios de toda uma cultura que vai buscar à velha Europa e à jovem África parte do seu ser. Monumento à glória do «herói» nacional, que acaba devorado pela bela sereia, **«Macunaíma»** fica certamente como um dos mais fascinantes filmes que visitaram Portugal nos últimos anos.

De **«A Hora e a Vez de Augusto Matraga»** diremos que se trata de um filme de transição que, anunciando já o florescimento de um Cinema Novo, não consegue ainda definir-se com completa autonomia e perfeita consciência.

Augusto Matraga é um fazendeiro da região de Minas Gerais que contrata dois jagunços para sua defesa. Os jagunços acabam, porém, por preferir o fazendeiro rival e Matraga, traído também pela mulher, espancado pelos inimigos, é escorraçado da aldeia. Salvo por um casal de negros humildes, é obrigado a enfrentar um período de convalescença, durante o qual se converte a um fatalismo religioso, convencendo-se de que está simplesmente a pagar os erros cometidos no passado. A sua longa penitência principia, até que um dia um grupo de cangaceiros desperta nele toda a violência armazenada. Simultâneamente, as forças regressam e,

como teste, Matraga trava um duelo decisivo com um cavalo selvagem, que acaba dominando e lhe restaura a confiança em si próprio. Oscila então entre uma mentalidade religiosa que o inclina à penitência e ao perdão e o temperamento violento que lhe indica a luta e a vingança. Regressa à sua terra, mas pelo caminho chega«a sua hora e a sua vez», ao assistir ao assalto de uma igreja pelo grupo de cangaceiros que ele, tempos antes, albergara. No seu último gesto, Matraga concilia as forças que o dominam, lutando, matando e morrendo pela justiça divina, qual S. Jorge esventrando o dragão.

Natural de S. Paulo, Roberto Santos esteve na origem do novo cinema brasileiro, tendo sido um dos nomes que implataram o neo-realismo no cinema brasileiro, ainda na década de 50, com **«O Grando Momento»**. Augusto Matraga, extraído de um romance de Guimarães Rosa, foi um filme que fez época, sendo, hoje em dia, uma obra indecisa, com certa frescura nalguns momentos e um grande vigor noutros (nomeadamente na sequência final, uma longa luta numa capela carregada de violência e de ímpeto, mas também, aqui e ali, demagógica, simplista e até deficientemente arquitectada. O aspecto mais importante é a sua inserção na realidade brasileira, retratando com desespero a miséria mineira, de rosto melancólico e paixões primitivas.

Para além disso, haverá a referir ainda a pendularidade de Matraga, oscilando entre a religiosidade contemplativa (autopunitiva, fatalista) e a violência do ambiente humano (agressivo, primário, sangrento). Matraga passa por ambos os estádios e não consegue nunca ultrapassar este sincretismo condicionante. A sua «Hora e Vez» é ainda uma «Hora e Vez» à medida de Augusto Matraga. O que poderá trazer para a obra uma carga de ambiguidade a que Roberto Santos não consegue esgueirar-se. De qualquer forma um filme importante que bom foi ver em Santarém.

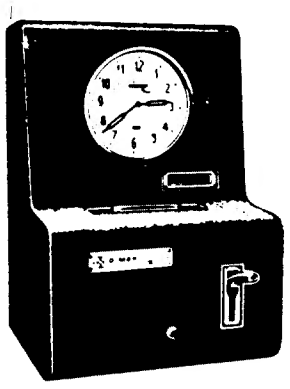
UMA FÁBULA

Médiametragem de um francês de que desconhecemos por por compeero a anterior carreira, **«La Fabie de la Première Pierre»** não é, como se chegou a anunciar, um filme sobre os emigrantes portugueses em França. O que não lhe retira qualquer mérito. Simplesmente não é bonito atribuir nomes falsos às coisas. Quanto ao resto, a película de Gerard Gosslan é uma sátira cruel e virulenta que constitui certamente uma agradável surpresa.

Grotesca e excessiva, lembrando não poucas vezes o cinema de Jean Pierre Mocky, **«La Fable de la Primiére Pierre»** fala-nos, em tom de comédia musical de um operário português que tem um acidente no dia da inauguração de uma «cidade satélite» de Paris. Para não deslustrar as cerimónias, os construtores civis pedem-lhe para permanecer calado no fundo do poço onde caiu e vão prometendo à mulher (a portuguesa Manuela Miranda) as coisas mais variadas (inclusive uma deux pièces que todos julgam ser uma casa e nada mais é do que um **biquini**. O operário acaba por morrer, mas a inauguração é um êxito retumbante. Gerard Gosslan distribui farpas por quem lhe pareceu ser merecedor delas (e vão desde a publicidade à construção civill passando pelo governo e pelo clero), e a sua média metragem possui qualidades óbvias, ainda que denote uma imaturidade evidente e um tom mal acabado do que, curiosamente, acaba por funcionar a seu favor, integrando-se no estilo caótico e destruítivo do seu humor, muito aparentado com o surrealismo e o teatro da crueldade.

De Gerard Gosslan espera-se, portanto, a partir de agora, a confirmação.

ORGANIZAÇÃO·CONTROLE·ECONOMIA



RELÓGIOS DE PONTO E VIGIA

DIMEP

A PRIMEIRA DA AMÉRICA LATINA
DIMAS DE MELO PIMENTA
Indústria de Relógios, S.A.R.L.
PEÇA CATÁLOGO SEM COMPROMISSO
Telefs. 67 42 79-66 47 96
Rua Saraiva de Carvalho, 171-4º—LISBOA 3

FEIRAS INTERNACIONAIS
— 1971 —
VIAGENS IT
TRANSNAUTICA
Peça-nos programa especial
Agência de Viagens
e Turismo
Rua Duque de Palmela, 35
Telefones: 42640 - 49354
LISBOA

ATRIUM
PARA VOS SERVIR
SELF SERVICE
SNACK BAR
Rua de S. Julião

ESCOLA DE CONDUÇÃO
CASA A. VIEIRA
Ensino perfeito de LIGEIROS, PESADOS e MOTOS. Inscreva-se hoje mesmo na Rua de Campolide 135.

diário de um volkswagen

NOVEMBRO 14 DOMINGO

22994 kms

A Bélinha estreou-se hoje. Já tem carta, peneiras e... confesso, um certo jeito. É o que se chama uma "menina acelerativa"!

É claro, já comecei a apanhar uns sustos - eu e toda a família; mas, respondo sempre. Ela exige muito da caixa mas para alguma coisa a minha caixa de velocidades é igual às dos Porsche de corridas...

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
avenida da liberdade,12 – tels.366751/7 - 370171/5 — lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

DL show

Adriano Correia de Oliveira terminou já o seu novo LP, com acompanhamento de orquestra em dois dos doze trechos, todos com música de José Niza sobre poemas de Rosália de Castro e outros importantes poetas galegos. As letras são cantadas em português, tendo colaborado na adaptação outro destacado intérprete da «nova música» portuguesa: Denis Cintra.

O elenco do Teatro Estúdio de Lisboa, que vai representar «Sonho», de Strindberg, sob a direcção de Luzia Maria Martins, no Vasco Santana, é composto pelos artistas Helena Félix, Francisco Nicholson, Rui Mesquita, António Montez, Manuela Cassola, Amilcar Botica, Cremilda Gil, Ana Paula, Ermelinda Duarte, Catarina Avelar, Benjamim Falcão e Diamantino Matos. A encenadora inseriu no original textos de Shakespeare, Miguel de Unamuno, Gertrude Stein, Fernando Pessoa e de compêndios escolares infantis portugueses, enxertos estes que, sem dúvida, irão causar vivas discussões.

Recomeçaram os ensaios do grupo coral «Mundo Novo», sob direcção do regente José Carlos Gouveia e preparação vocal do Prof. Giovanni Boyer. Do programa de actividades constam várias digressões pelo País, para o que se aceitam ainda inscrições de novos elementos na Travessa do Espírito Santo, n.º 10 (telefone 22278).

O filme «O Gabinete do Dr. Caligari», de Robert Wiene (1920), será exibido amanhã, às 18 e às 20 horas, na cinemateca do SEIT, numa iniciativa do Instituto Alemão. No mesmo local e sob o mesmo patrocínio será exibido na quinta-feira, dia 18, o filme «Destroços», de Lupu Pick. A entrada é livre.

Álvaro Benamor está no elenco de «A Mãe», de Nitkiewicz, que subirá à cena no Teatro Municipal de São Luís, depois de «A Salvação do Mundo»

António dos Santos, o famoso fadista de Alfama, tem em acetato um novo disco para a Polydor, em que interpreta fados e baladas de sua autoria e de Mascarenhas Barreto.

Anabela, uma das grandes confirmações de «Saídas da Casca», estará também no elenco da próxima revista do ABC.

Fernando Tordo compõe um novo disco para a Philips, um «single» com músicas de sua autoria e de José Carlos Ary dos Santos. Entretanto, o seu novo LP está pronto e deve sair na última semana do ano, com letras, entre outros, de Ary dos Santos, Manuel da Fonseca, António Gedeão, Carlos de Oliveira, Manuel Alegre, Natália Correia e David Mourão Ferreira.

O pianista germânico Roland Keller, primeiro finalista do V Concurso Internacional de Piano Vianna da Motta, dá um concerto na próxima terça-feira, às 18 e 30, no Auditório do Instituto Alemão. Executará obras de Bach, Mozart, Chopin, Liszt, Debussy, Rachmaninov, Scriabine e Falla.

Foi posto à venda um álbum de Valentim de Carvalho com os melhores poemas de David Mourão Ferreira, ditos pelo autor sobre acompanhamentos musicais e sonoplásticos de António Victorino de Almeida.

Na sua programação de filmes em 16 milímetros, o Cine-Clube de Lisboa apresentará obras de Norman MacLaren no dia 15 e, no dia 22, o «Ciclo de Documentarismo Canadiano», com filmes de Collin Low, Claude Jutra e Louis Portugais. As sessões serão realizadas na Sociedade Nacional de Belas-Artes, às 21 e 30, e destinam-se a todos os sócios de cine-clubes e outros agrupamentos culturais.

Dercy Gonçalves, em entrevista no Brasil, diz que já teve diversas oportunidades de visitar Portugal como turista e qe, finalmente, vai poder agora apresentar-se num palco lisboeta, o do Capitólio. Dercy é conhecida, no Brasil, pela fragilidade da sua memória (jamais foi capaz de decorar uma fala de cinco linhas): ela já actuou em Portugal, no Maria Vitória, numa revista que esteve em cena apenas duas semanas e de cujo elenco fazia parte, então em começo de carreira, o actor José Viana. Na época, a truculência do estilo de Dercy chocou vivamente a crítica e o público.

Na próxima semana anima-se-á o panorama teatral com a abertura da temporada de Amélia Rey Colaço no Trindade. A peça de estreia, como já foi amplamente noticiado, será «Calígula», de Camus. Até ao fim do mês também deverá começar a temporada teatral no Municipal de São Luís, com a estreia de «A Salvação do Mundo», um dos mais controvertidos textos de José Régio.

Constantino Esteves continua a rodar em Luanda os exteriores do filme «Derrapagem», produção de Tony de Matos, que também desempenha o principal papel. Vários artistas radicados em Angola, entre os quais Lily Neves, fazem parte do elenco.

O poeta João Apolinário, radicado em São Paulo, onde exerce funções de crítico teatral do jornal «Última Hora», edição paulista, virá no próximo ano a Portugal. Quer saber, entre outras coisas, se a Sociedade de Autores tomou conhecimento de que vários poemas seus têm sido incluídos em discos, nomeadamente por Dário de Barros.

Na Festa das Flores, em benefício da Fundação Salazar, que amanhã se realizará no Teatro Municipal de São Luís, o Ordeon Académico de Coimbra, sob a regência do Prof. Joel Canhão, apresentará o renovado repertório que preparou para a quinzena de concertos na Inglaterra, Holanda e França, em Dezembro.

A peça «Joana e os Juízes», de Thierry Maulnier, destinada à RTP, foi especialmente adaptada por Jorge Listopad e tem Curado Ribeiro num dos principais papéis.

Adriano Correia de Oliveira

A nova temporada teatral

Um Régio em cena a desafiar polémicas

A Companhia do Teatro Municipal de Lisboa leva à cena na última semana deste mês, no remoçado teatro S. Luis, a peça em três actos «A Salvação do Mundo» de José Régio (1.ª representação oficial em teatro profissional). Para saber em que pé estão as coisas, ouvimos o seu encenador Costa Ferreira.

- Uma peça que se chama «A Salvação do Mundo»é, evidentemente, uma peça ambiciosa, mesmo que não tivesse sido escrita por um poeta português (e eu digo isto porque normalmente nós somos ambiciosos nos nossos temas). Devo dizer que hesitei bastante antes de assumir a responsabilidade de encenar esta peça. Considero-a das coisas mais difíceis que me foi dado como encenador erguer num palco. A dificuldade está exactamente na ausência de um estilo claro de escrita teatral, numa riqueza de linguagem que, por vezes, chega à verbosidade, apesar de aplicados alguns cortes indispensáveis. Nesta peça, conquanto difícil, encontramos a personalidade de Régio. O tema, parece-me, é o encontro com a angústia existencial do povo português que, sentindo o seu condicionalismo mo histórico, a época em que vive, sentindo a necessidade de transformar esse condicionalismo, não dispondo de uma doutrina positiva que lògicamente, claramente, dialécticamente, lhe seja exposta, então vira-se para uma metafísica. Mas essa metafísica tem para mim muito interesse, porque é uma metafísica existencial. E através das próprias necessidades, das frustrações humanas, que se procura um sentido de justiça, humana e social, que transcende a vida realista de cada um. Vejo na peça um existencialismo cristão, mas um cristianismo fora de todas as igrejas, um cristianismo sem dogmas, um cristianismo de natureza. E de uma certa alegria animal, da vontade de encontrar palavras para comunicar, que nos fala esta peça. O próprio Régio diz a certa altura, pela boca do profeta: «acreditas que o santíssimo espírito se possa comunicar só por si?»

A ENCENAÇÃO

- Procurei dar à encenação uma forma, tanto quanto possível, expressionista. Para que os símbolos sejam bem claros. No segundo acto o autor pende para um estilo naturalista, mas mesmo aí eu procurei manter uma expressão simbólica e, por consequência, uma distanciação. Creio que para este fim fui poderosamente auxiliado pelos figurinos e pelos cenários do Artur Casais. A peça passa-se na actualidade, mas as figuras vêm arranjadas à sua actualidade pessoal. Poderá aparecer uma casaca de directório ou uma sobrecasaca romântica, ou ainda umas, botas altas, militaristas, actuais. Mas tudo isto a meu ver é expressão da raiz, da origem destas figuras. Foi considerada uma harmonia plástica que estivesse de acordo com a linguagem usada pelo poeta. Mas pode sacrificar-se essa beleza aparente a um sentido mais profundo. Tenho deparado com a melhor das colaborações e enalteço o trabalho exercido pelo meu director de cena, o Carlos Cabral, que tem sido inexcedível. Neste momento assaltam-me todas as dúvidas naturais, mas tenho a consciência tranquila do profissional que sou.

A INTERPRETAÇÃO

- Nesta peça todas as personagens têm importância, pois mesmo aos rabulistas cabe-lhes o seu momento forte. A figura central é o Rei, interpretado pelo João Lourenço, com o brilho e inteligência a que já nos habituou e, sobretudo, com a disciplina e a maleabilidade que são as constantes do seu temperamento de artista. E um rei «suigeneris», um rei que talvez não haja, mas um homem que se despe a si próprio de todos os convencionalismos, procurando a autenticidade de ser útil. A seu lado, num papel dificílimo que só uma «virtuose» poderia defender, Eunice Muñoz é mais uma vez a grande artista que sabemos sempre admirar. Na Rainha Louca ela consubstanciou a sua pureza natural. Ela chora e ri, indiferentemente. Está sempre e permanentemente viva. Diz o poeta, a certa altura, que ela «está viva porque morreu e ressuscitou». Quer dizer, libertou-se dos seus condicionalismos, limpou-se; ela é que é a grande verdade. Na mística de José Régio, há a loucura de amor que leva à entrega total, simbolizada na figura universal de Cristo. As figuras da peça tendem a seguir esse caminho para se purificar. Na minha encenação espero acabar com um crucificado em cena.

A finalizar quisemos saber dos pareceres de Costa Ferreira sobre a temporada, ora em curso, da Companhia do Teatro Municipal.

- O reportório já foi anunciado e eu, como actor contratado da companhia, regozijo-me com mo caminho traçado. A unidade do elenco e a qualidade e nível artístico, são indiscutíveis. Pergunto apenas se será o reportório mais oportuno nesta época em Portugal. Eu creio, que no condicionalismo em que vive o teatro português e que toda a gente conhece é do melhor que de momento se podia arranjar.

GRUPO D 18 ANOS

DUSTIN HOFFMAN

O PEQUENO GRANDE HOMEM

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela nossa Agente Maria Rosa Reis, Estrada Marginal 20.

Restaurante do ABIDIS HOTEL
SANTARÉM
A SUA CATEGORIA EM CONTRADIÇÃO COM OS SEUS PREÇOS

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
TEMPORADA DE CONCERTOS
1971-1972

3.º CONCERTO
1.ª Sinfonia, de Brahms
A Biosfera (1.ª audição), de Marlos Nobre
O Descobrimento do Brasil (1.ª audição), de Heytor Villa Lobos
MAESTRO — Alceo Bochinno
18 de Novembro de 1971 — 21.45 h. (Grupo B/10 anos)
21 de Novembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)

4.º CONCERTO
Pastoral, de Ivo Cruz
1.º Concerto para Piano, de Liszt
Burlesca para Piano, de Strauss
Pássaro de Fogo, de Strawinsky
MAESTRO: Silva Pereira
PIANISTA: Sérgio Varela Cid
2 de Dezembro de 1971 — 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)
5 de Dezembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)

BILHETES À VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL
«A SALVAÇÃO DO MUNDO»,
de José Régio
Encenação de COSTA FERREIRA
A ESTREAR NA 2.ª QUINZENA DE NOVEMBRO
Grupo C — 14 anos

Banco Borges & Irmão

Porto

AUMENTO DE CAPITAL

EMISSÃO DE 150 000 ACÇÕES

Por portaria de 17 de Setembro de 1971, publicada no "Diário do Governo", III Série, de 2 de Outubro de 1971, foi autorizada a elevação do capital social de 250 000 para 400 000 contos, mediante a emissão de 150 000 acções do valor nominal de 1 000$00 cada.
A emissão far-se-á nas seguintes condições:

1- 50 000 ACÇÕES
POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS
Os accionistas terão direito a receber gratuitamente uma nova acção por cada cinco que possuirem, contra o pagamento de 50$00 de imposto de mais valias.

2- 50 000 ACÇÕES
COM RESERVA DE PREFERÊNCIA
PARA OS ACCIONISTAS
Os accionistas terão direito a subscrever uma nova acção por cada cinco que possuirem, ao preço de 1 000$00, seu valor nominal.

3- 50 000 ACÇÕES
PARA O PÚBLICO EM GERAL, COM
PREFERÊNCIA PARA OS DEPOSITANTES
DO BANCO COM CONTAS ABERTAS
ATÉ 28 DE OUTUBRO DE 1971
As acções serão emitidas ao preço de 4 500$00, sendo a subscrição sujeita a rateio. Na eventualidade de rateio será dada preferência às pequenas subscrições.

SUBSCRIÇÃO
DE 15 A 18 DE NOVEMBRO
em qualquer dos estabelecimentos do Banco.

PAGAMENTO

As acções referidas em 2) e 3) serão liquidadas em duas prestações iguais, a primeira no acto da subscrição e a segunda de 13 a 18 de Março de 1972.

As acções a emitir terão direito à totalidade do dividendo que vier a ser atribuído pelo exercício de 1972.

As importâncias relativas a acções não atribuídas após rateio serão devolvidas até 4 de Dezembro de 1971.

Após este 1.º aumento de capital com acções oferecidas à subscrição do público em geral, o capital e as reservas elevar-se-ão a 974 700 contos.

Porto, 11 de Novembro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Marlos Nobre e Villa-Lobos em primeiras audições

Prosseguindo a temporada de concertos 1971/72, a Orquestra Filarmónica de Lisboa apresentar-se-á no próximo dia 18, às 21 e 45, no Teatro Municipal de São Luís, sob a direcção de Alceo Bochino, para a execução da «1.ª Sinfonia» de Brahms, de «A Biosfera» (1.ª audição), de Marlos Nobre e de «O Descobrimento do Brasil» (1.ª audição), de Heitor Villa-Lobos.

O maestro Bocchino, presidente do sector de música da Academia Brasileira de Música, professor do Instituto Villa-Lobos do Estado da Guanabara e orientador musical do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, é considerado pelos mais exigentes críticos «um excelente dirigente de orquestra e notável pianista». Gyorgy Sandor, pianista e professor da Universidade de Michigan (USA), classifica-o, muito simplesmente, de «um grande músico».

MARLOS

Mas o concerto do dia 18 tem ainda de notável o facto de serem executadas nada menos do que duas primeiras audições.

Assim, «A Biosfera», de Marlos Nobre, escrita em 1970, é uma obra com carácter acentuadamente dramático no seu início, atingindo progressivamente um maior lirismo à medida que se aproxima do final. Constitui uma homenagem do grande compositor brasileiro moderno a Bach. Está baseado numa única série de quatro sons (si b, lá, do, si), que correspondem ao nome Bach de acordo com a notação alemã.

Marlos Nobre é um dos compositores mais solicitados pelo Cinema Novo do Brasil. E de sua autoria a música de fundo do filme «António das Mortes», com que Glauber Rocha conquistou em Cannes a láurea de melhor director.

No mesmo dia em que a sua obra é executada em primeira audição em Lisboa, Marlos Nobre dirigirá a orquestra da Suisse-Romande, após seu grande sucesso na condução da Orquestra Filarmónica da ORFT em 30 do mês findo.

VILLA-LOBOS

Por sua vez, «O Descobrimento do Brasil», composto em 1937 por Villa-Lobos para ilustrar um filme sobre a chegada dos navegadores portugueses ao Brasil e a posse da terra em nome do Rei, é constituída por dez números repartidos por quatro suites sinfónicas. Os seis primeiros referentem-se à navegação e os quatro últimos à serra descoberta e aos seus habitantes. A obra inspira-se na carta de Pero Vaz de Caminha.

VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO

10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 327493 "CAPITOLIO"

QUERIDA MAMMA

Famosa comédia de ANDRE ROUSSIN com CARLOS DUARTE, ALDA PINTO, ANTONIO MACHADO, LUIS ALBERTO, ANTONIO RAMA, ANA LE MAITRE, CLAUDIA MARTINS e OCTAVIO BORGES

LAURA ALVES

Todas as noites. 21.45 h. Domingos, e feriados 16 e 2.as-feiras repouso da C.ª

11.º MÊS

maiores 17 anos

TEATRO • tel 538586 "VILLARET"

O aniversário da TARTARUGA

de Garinei e Giovaninni

com FLORBELA QUEIRÓS • RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLES dirigido por ANTONIO BARDIS

Todas as noites 2-SESSÕES-2 20.45 e 23 h. Domingos e Feriados à tarde, às 16 h. à noite, às 21.45 h.

GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037 "VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA • MARIA DULCE • PAULO RENATO

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO de Ray Cooney e John Chapman

A COMEDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA

3.as 4.as e 5.as Feiras às 21,45 H.

6.as e sábados 2 sessões 20,45 e 23 h.

Descanso da C.ª 4.as-feiras

9.ª SEMANA

Grupo D 18 anos

Brevemente no MONUMENTAL de EDWARD ALBEE

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?

Grupo D 18 anos

ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, por desenhos, executa o fabricante

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64 (perto da Igreja dos Anjos) Telef. 84 87 19

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

SALÃO DE CHÁ

LUNCHES

Rua de S. Julião

COLISEU HOJE às 21,30

(GRUPO B — 10 ANOS)

DESPEDIDA DA COMPANHIA INTERNACIONAL DE

CIRCO

E DAS SUAS GRANDES ATRACÇÕES

2 - parelhas de palhaços - 2

a semana do século XX

Dia 19 - Estreia da 3.ª Companhia Internacional de Circo desta temporada

BOM APETITE

a furna

almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada fechado aos domingos

r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144 Telef 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.

(Maiores de 15 anos)

CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

TEATRO NO MUNDO

A bailarina Rita Maria Pereira do Teatro Municipal, que sofreu um desastre de automóvel e ficou com três dedos do pé direito decepados, poderá voltar a dançar dentro de sessenta dias, segundo os médicos que a operaram. A bailarina sofreu três operações consecutivas no período de um mês, e os médicos conseguiram reimplantar os dedos arrancados. O cirurgião plástico Leon Raimundo informou que Ritinha - como é conhecida -, poderá dançar o baile espanhol ou qualquer outro com os pés descalços. Com as sapatilhas, só mais tarde. Para os bailados em pontas há a possibilidade de Ritinha vir a usar sapatilhas ortopédicas, que lhe dariam o necessário apoio.

Na Espanha, a peça de Jean Cau, «Pobre França», manterá o título original. Na Itália, Alemanha e Inglaterra, onde já foi representada teve, respectivamente os nomes de «Pobre Itália», «A Nossa Velha Alemanha» e «A Nossa Velha Inglaterra».

A «Electra» de Eurípides, está sendo representada em Londres, no Greennwich Theatre, em adaptação de David Thompson, encenada por Pilikian e com Freda Dowie no papel título.

VIADUTOS METÁLICOS PRÉFABRICADOS

VANTAGENS:

MONTAGEM **SEM PROBLEMAS DE TRÂNSITO**

PREVISÃO EXACTA DAS DATAS

RAPIDEZ: MONTAGEM EM HORAS OU DIAS

REAPROVEITAMENTO

portanto: **MAIOR ECONOMIA** NO BALANÇO GLOBAL

APLICAÇÕES:

PASSAGENS SOBREELEVADAS

NOS RODOVIÁRIOS

OBRAS TEMPORÁRIAS

PASSAGENS SOBRE CAMINHOS DE FERRO

ETC.

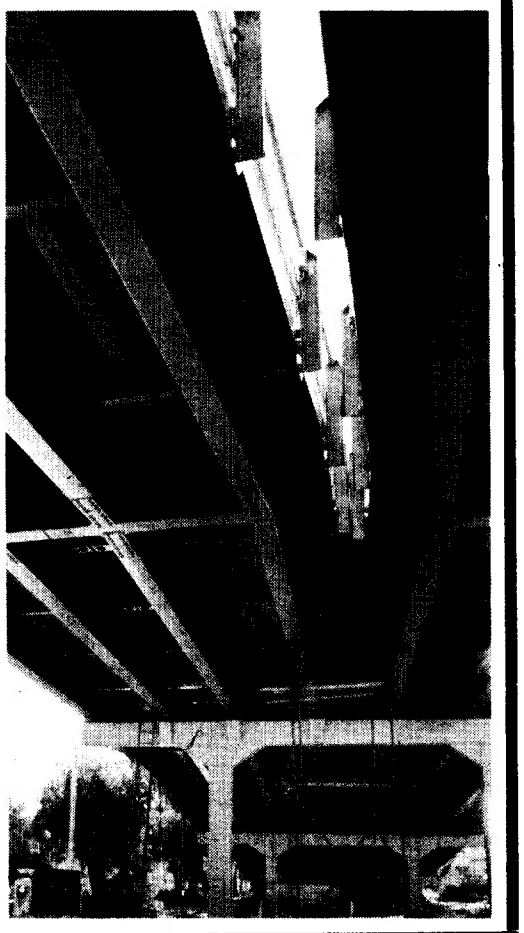
CONSTRUTORA MODERNA

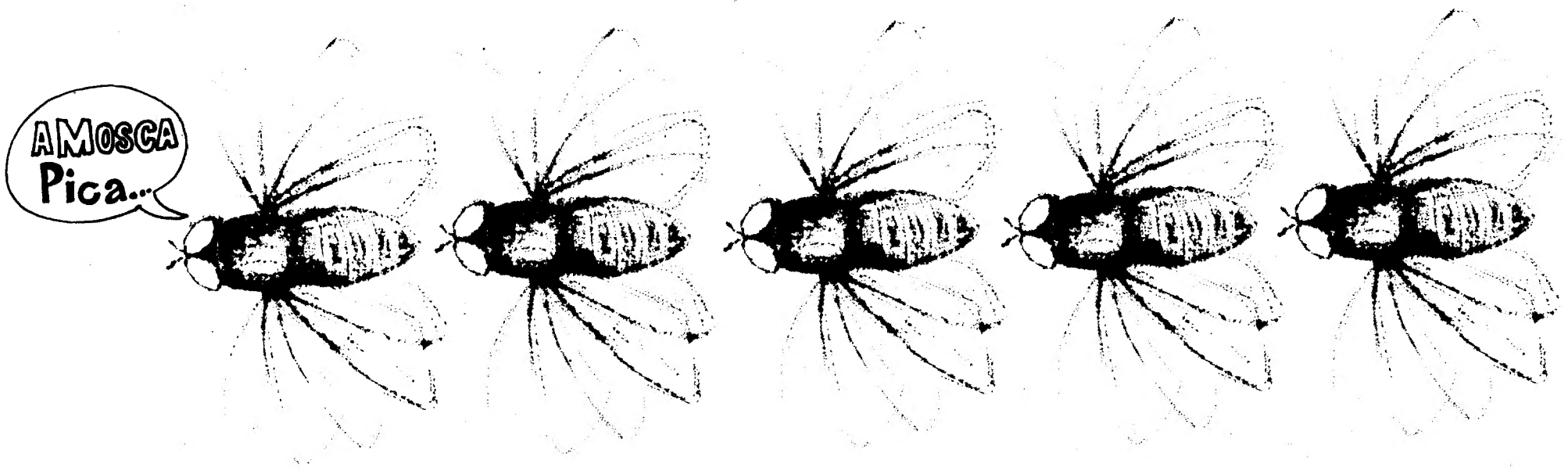
Construtora Moderna, SARL

Estrada Nacional 10 — AMORA

Telef.: 279 10 02/3/4/5

VIADUTO DE ALCÂNTARA





NOTA DE ABERTURA

Primeiro a droga turista, depois a droga antepassada e a partir de hoje as drogas menores com que nos divertimos e divertimos os outros cultivando, ainda que indirectamente, quantas drogas há e houve neste singelo jardim à beira mar plantado.

A MOSCA de hoje, por outras palavras, é dedicada ao fado e a próxima à nobre arte do toureio que todos temos por mãe de ínclitas virtudes e por pai — porque hão-de as virtudes ter sempre mãe e nunca pai?

— das grandes qualidades naturais da nossa lusíssima raça.

Toda a gente sabe o que é o fado — é a **«national song»**, a **«Tipical portuguese song»**, a **«living proof the folklore is still alive in Portugal»**, **«expression natural des portugais»** etc etc etc etc e tal.

Canta-se o fado, a julgar pelos numerosíssimos papelinhos que sobre ele se escrevem e publicam, nas **«pequenas vielas de Lisboa»** onde **«ainda se vivem as antigas tradições»** e onde **«o povo se não cansa de reviver o passado»**. À noite, por outras palavras, o português que se preza recolhe à viela e revive o passado no trinar duma guitarra e na toada plangente e melancólica da **«chanson national»**.

Quem quiser perder inteiramente o seu tempo pode, ainda, constatar que o tal povo de que falam os papelinhos também revive o passado comendo petiscos tradicionais abundantemente regados com vinho tinto, branco e rosé. Isto tudo, repete-se, à noitinha, nas vielas **«tortuosas das partes velhas da cidade que nada ficam a dever, em pitoresco, às suas congéneres do estrangeiro»**.

Desempenha o fado um tão importante papel na vida deste povo secular que «A MOSCA» resolveu dedicar-lhe um número integrado na campanha que vem desenvolvendo contra as drogas colectivas nacionais. Não se viu que, para tal, fosse necessário alterar a estrutura adoptada para os dois últimos números deste suplemento, motivo por que esta Mosca, tal como as duas que acabamos de referir, são quase inteiramente preenchidas por artigos de autoridades no assunto.

Para começar, entrevistamos o celebrado cantor Manel de Alfama, figura distintíssima do fado nacional e candidato, este ano, em representação do país, ao Nobel da canção. Encontrámo-lo numa pequena taberna do seu bairro — «O Escondidinho das Pretas» (vinhos, petiscos, tabacos, postais dedicados à educação sexual, lotarias em segunda mão, melões aquando da estação e tudo o mais que dê dinheiro) em frente dum copito de três e duma sande de carne assada. A esta entrevista segue-se uma outra que muito gentilmente nos cedeu a popular fadista Amélia Francisques, glória da cultura nacional e símbolo do muito que nos últimos anos se tem feito em prol das artes e pela divulgação do bom nome português.

O aspecto clínico da droga fado é analisado, neste número, pelo professor Charles Duvalois, especialista em doenças de ouvidos e gargantas cuja tese — «Do ouvido e da garganta nos paises subdesenvolvidos do litoral europeu» — vai ser apresentada, muito brevemente, à Academia. Por último, apraz-nos registar que conseguimos entrevistar, acerca de certos aspectos circunstanciais da canção portuguesa, uma das grandes figuras da vida nacional: o senhor Dr. Paulo Amancio, homem de letras com 75 artigos de fundo já publicados num dos nossos mais importantes órgãos da imprensa vespertina, autor de alguns notáveis livros de poesia como sejam a «SAUDADE RIMADA» e «NA SENDA DAS CARAVELAS» e um dos mais apreciados técnicos de futebol do nosso tempo.

UMA ENTREVISTA DO VISCONDE DO FARILHÃO

Culta, viajada, sorridente, popular, castiça, imortal, aplaudida de Paris a Moscovo, internacionalmente reconhecida como primeira vedeta portuguesa, amiga de condes, viscondes banqueiros, directores-gerais, administradores-delegados e não delegados, arquitectos, decoradores, paisagistas, toureiros e cabeleireiros, a grande Amélia Francisques nunca perdeu o sabor popular que lhe continua a brotar espontanêamente nos sorrisos sempre primaveris e que se adivinha na maneira como sabe lidar com o povo de que provém e que nunca renegou. Sim, porque ao contrário do que afirmam alguns, certamente interessados em fomentar valores alheios aos da nossa tradição, esta vedeta extraordinária, esta mulher encantadora, esta grande senhora de sociedade portuguesa, continua - espiritualmente vinculada às coisas simples da vida. Afirmam que vive numa grande vivenda rodeada de todos os luxos só acessíveis a quem tem muito dinheiro mas a verdade é que gosta de cravos, de papoilas, de flores simples e comezinhas. Afirmam que chora a morte de figuras nem sempre relacionadas com os tais interesses populares que diz defender, mas a verdade é que se o fez ou o faz, essas lágrimas têm de atribuir-se à sua extraordinária sensibilidade, ao seu espantoso temperamento de artista, à natural emotividade de quem tem por missão na vida conservar intactos os valores emotivos da sua gente. Não serão precisámente esses interesses emotivos os que mais nos faltam neste momento da história em que tantos se empenham em rumar por sendas materialistas inteiramente estranhas à nossa maneira de ser? Que o responda, em consciência, quem o queira fazer porque a verdade é só uma: nesta época dominada por técnicos e por computadores, o que urge é promover os tradicionais valores da lusa gente, essa gente que inventou a palavra saudade desconhecida de tantos povos pretendamente civilizados, essa gente que outrora cruzou os mares e que não perdeu o seu sentido Atlântico, essa gente carinhosa e boa que é, e será sempre, a espinha dorsal do nosso viver. Amélia Francisques é o mais alto expoente da verdadeira cultura portuguesa - a cultura que aos vis materialismos do momento contrapõe a solidez dum pensamento que se orgulha de assentar na emoção na rima, na musicalidade da palavra, no trinar duma guitarra.

Ignorá-la ou diminuí-la é desconhecer a essência duma história cujas raízes telúricas mergulham profundamente num passado telúrico. Tentar diminuir o seu significado é desprezar um símbolo sociològicamente tão provido de sentido que só os loucos - bem sabemos que eles abundam - tentariam meter ombros a tal empreendimento. Foi com o peito a estalar de ardor que nos aproximámos da vivenda em que actualmente reside a grande Amélia Francisques. Foi, com o peito a estalar de ardor que subimos a pequena, mas elegante, escadinha que nos levou ao primeiro andar da vivenda. Não nos impediu, porém, este ardor de observar que tudo à nossa volta era do mais fino gosto. Defino gosto era o tapete. De fino gosto eram as cortinas. De fino gosto eram os «bibelots» postos aqui e além por uma mão feminina que em tudo se adivinhava requintada. De fino gosto eram as maçanetas das portas. De fino gosto era o corrimão da escadinha. De fino gosto eram os raios de sol que, penetrando através das cortinas de fina cassa, se espraiavam pelo chão.

Levou-nos a empregada a uma salinha do mais fino gosto. Do mais fino gosto eram os móveis artesanato cuidadosamente escolhidos para darem ao ambiente aquele tom requintado e doce que se espera encontrar na casa de uma artista. Do mais fino gosto os quadros espalhados pelas paredes - em alguns notámos dedicatórias e lemos assinaturas que logo nos revelaram terem eles sido pintados por pintores do mais fino gosto. Do mais fino gosto as flores campestres elegantemente dispostas numa jarra do mais fino gosto.

Não tivemos de esperar muito. A grande Amélia Francisques entrou na sala trazendo consigo a Primavera e, certamente adivinhando o nosso estado de espírito - as grandes artistas tudo pressentem dada a sua grande sensibilidade - levou-nos pelo braço até junto dum pequeno sofá do mais fino gosto.

Balbuciámos a custo:

- Vinha, em nome da MOSCA, pedir-lhe que me respondesse a algumas palavras...

Não nos deixou continuar. Levantando-se num gesto de rara beleza, dirigiu-se até junto dum pequeno armário de que extraiu uma garrafa de cristal do mais fino gosto e dois copos que, em matéria de gosto, não lhe ficavam atrás. Novamente sentada, ofereceu-nos um «whisky» que logo adivinhámos não ser de contrabando.

Recusámos a bebida e perguntámos:

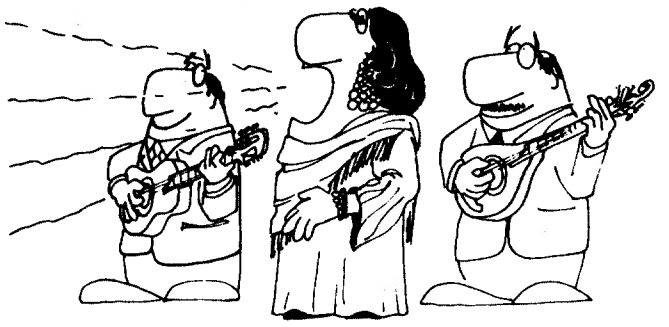
- Fala-se muito neste país... Diz-se, por exemplo, que V. Exa...

Cortou-nos a palavra:

- Trate-me por Amélia - sou uma mulher simples...

Arriscámos a medo:

- Diz-se, Amélia, que você anda alheia da vida e da evolução do país... Acusam-na de não ter a menor ideia do que se passa à sua volta e de nem sequer chegar a compreender este fenómeno moderno que dá pelo nome de balada... Afirmam alguns, que a mocidade



não tem por si a admiração que lhe consagram os seus admiradores mais - como direi... -idosos. Consta à boca pequena, que você, no fundo, não corresponde à imagem que de si se criou... Há, mesmo, quem-diga, que tudo o que você hoje canta é tão valioso como o folklore do Dr. Homem de Melo, isto é, que não tem nada a ver com o Portugal de hoje. Sabe o que as camadas mais jovens pensam do fado e do que ele representa? A grande, a imortal Amélia Francisques levantou-se e, com um sorriso tão repleto de «charme» que o mesmo lhe escorregou pelos cantos da boca e caiu no chão, fulminou quantos maldizentes se recusam a aceitá-la por valor máximo da nossa moderna civilização:

- Diga lá aos seus leitores que não sei nada disso - sou uma expontanea e canto com o coração...

Que os novos meditem nesta frase e que ela os norteie neste momento da nossa história em que alguns nos tentam empurrar para sendas alheias à nossa tradição.

Somos um povo espontâneo que canta com o coração. Foi a cantar com o coração que fomos às Índias, como foi a cantar com o coração que demos novos mundos ao Mundo.

Enquanto soubermos cantar com o coração e enquanto respeitamos quem com o coração canta, continuaremos a ocupar o lugar que ocupamos na história

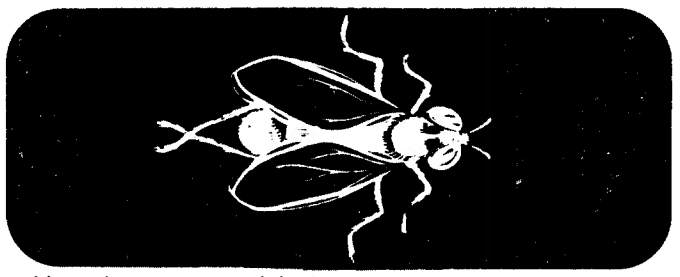
E aqui ficam estas palavras a atestar que uma mulher simples, de origem humilde, tem mais verdade no seu coração do que muitos bolseiros que para aí andam a estrangeirar o país.

Lisboa, 10 de Novembro de 1971

VISCONDE FARILHÃO

Manuel de Alfama fala à MOSCA

MANUEL DE ALFAMA fala à MOSCA do passado e do presente do fado afirmando-se tratar-se esta canção dum artigo perfeitamente exportável para o Euromercado.



Manel de Alfama passa, habitualmente, as suas tardes no «Escondidinho das Pretas», uma tasca castiça que está à espera de ser considerada de «utilidade turística» para inaugurar, entre outros melhoramentos, um lavatório da Fabrica de Loiças de Sacavém unicamente destinado aos fregueses. **«O pessoal**, confessou-nos o proprietário do estabelecimento, **terá de continuar sem lavatório, como até aqui, quanto mais não seja por patriotismo: temos de pôr os turistas à frente de tudo, não é verdade?»Manuel de Alfama. que acabava de nos ser apresentado, esclareceu que «isso de lavar as mãos era hábito antifadista e estrangeirado»** e afirmou de uma tal Aldina Lopes, natural da Amadora e possuidora de uma voz avinhada em que os entendidos depositavam as maiores esperanças, perdera essa voz por se ter engripado duma vez que lavara as mãos para ir a um casamento.

«Eu cá, afirmou Manel da Alfama, **não lavo as mãos desde que fiz a primeira comunhão».**

Sentamo-nos ao lado da prestigiosa figura e perguntámos-lhe, para começar a conversa, se fora sempre fadista ou se aquilo lhe dera já em idade avançada.

Pelo muito que a resposta do distinto fadista contém de esclarecedor acerca do meio da canção nacional, reproduzimo-la na íntegra certos de assim servirmos melhor a natural curiosidade dos nossos leitores.

Quem tem vocação tem mesmo vocação e o resto são cantigas de cegos. Ainda eu não tinha bebido o primeiro de dois e já diziam lá no bairro que nascera fadista. Quem espalhou o boato foi um chamado Alvaro, que era polícia e que tinha muita experiência em coisas de fado. Quando fui para a escola foi uma guerra danada - toda a gente a dizer para eu estudar e eu a dizer que não precisava nada de estudar para ganhar a vida. Olhem para os grandes do fado e digam-me lá se os estudos lhes fizeram alguma falta... Levei cachaporra que me fartei, mas acabei por ganhar a batalha. Aqui onde me vêm só tirei a quarta classe quando precisei da carta de condução e nem lhes conto como é que me safei...sabe o que é que me perguntaram? Se eu sabia o que era uma proposição! Sabe o que é que eu respondi à professora? Que não sabia, que nunca tinha sabido e que ganhava mais dinheiro do que ela! Só queria que lhe vissem a cara...Aos dezasseis anos andava eu pelas tabernas a cantar e vai duma vez fui dar a uma do Bairro Alto frequentada por gente da alta - da alta, sim senhor, com chofer e tudo - e um conde que lá estava gostou da voz cá do rapaz e pagou-me para eu ir cantar a uma quinta que ele tem no Ribatejo. Foi nesse dia que a minha vida começou a andar para a frente. Daí em diante comecei a cantar nos típicos finos. Já cantei na «Ferradura», na «Ilharga da Égua», no «Olho do Macho», na «Espora», no «Crina amarela», na «Tia do Ó» e em todas as outras casas de qualidade. Para chegar ao alto da carreira só me falta ir a Paris ao Olimpia, mas isso é difícil porque mete a ajuda dos que mandam e eu não sou da cor...

Perguntámos-lhe, levados pelo intuito de tudo esclarecer, qual era a sua cor. Respondeu-nos imediatamente, sem uma hesitação:

Eu cá sou da cor da rapaziada...

Insistimos: mas que cor é essa?

Sou da cor das notas de mil...

Voltámos à carga: mas essa cor não é precisamente a que leva as pessoas aos Olympias deste mundo em que vivemos?

O melhor é a gente acabar com a conversa, que esta já deu o que tinha a dar. Quem tem profissão não tem cor, ouviu? Cá para a rapaziada sou duma cor, mas como não é a rapaziada quem me paga a renda da casa, para os condes e viscondes da alta, sou de outra cor, percebeu? Não quero nada com a política. O que eu quero é ver toda a gente feliz e ter coroas para ir ao futebol.

Perguntámos-lhe se, no seu entender, o fado era a verdadeira canção nacional, a canção que melhor corresponde a este Portugal em vias de se desejar construir.

A canção nacional é o fado e só o fado. Que mais é que há? Essas coisas que andam para aí a cantar e que se chamam baladas? Você está a brincar comigo, ou quê? Onde é que você já viu turistas dispostos a pagarem cem paus de entrada e cinquenta paus por três carapaus fritos, para ouvirem isso? O fado é a única coisa que a gente tem para oferecer aos turistas, ouviu? Aqui onde me vê, nem sei cantar essas porcarias? O fado é a única coisa que a gente tem para exportar lá para esse mercado europeu ou lá o que é isso... é a única coisa portuguesa que temos. Olhe que já se cantava o fado no tempo dos meus avós. É uma canção muito antiga. Se não sabe nada disso pergunte a quem sabe. Eu não lhe respondo porque não tenho estudos mas conheço um doutor que sabe isso tudo. Mora ali para o pé das portas de St. Antão - porque é que não vai falar com ele?

Demos a entrevista por finda e deixámo-lo entregue a outra sande, agora de chouriço, encomendada segundos antes.

Manel de Alfama é, incontestavelmente, uma figura que merecia esta entrevista e só lamentamos não ter espaço para lhe dedicar a atenção que ele merece.

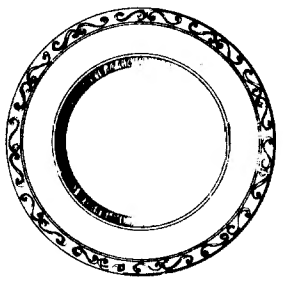
PARE DE PROCURAR, DE TROCAR DE MARCA. PORQUE A SUA SOLUÇÃO FINAL É UM MERCEDES-BENZ.

Não deixe para amanhã... podíamos começar por lhe dizer. Mas realmente o subconsciente deve dizer-lhe que, mais dia menos dia o seu carro será um Mercedes-Benz. Muito provàvelmente porque os carros anteriores que tem tido não o devem ter agradado cem por cento e mais certo ainda porque ter um Mercedes-Benz é, de facto, o fim da escalada. Portanto, porquê procurar mais?
Você sabe que o Mercedes-Benz é o carro por excelência, um carro de extraordinária classe, duma qualidade técnica e de uma perfeição de detalhe inigualáveis. Um Mercedes-Benz é o fim do seu problema, é o carro que nunca se desclassifica e que menos se desvaloriza. Não perca mais tempo, nem dinheiro, com mais trocas de carro. Venha ter connosco. Venha buscar a sua solução final: o seu Mercedes-Benz.

Mercedes-Benz

C. SANTOS SARL - Av. da Liberdade, 29, 41 - Lisboa
Filiais em: Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

A MELGA NO PRATO



Não, meus senhores, esta receita não é barata para quem vive em Lisboa — para quem vive no Porto, porém, é baratíssima. Apresentamo-la, portanto, na sua integralidade apenas para quem vive em Lisboa, já que os naturais do Porto só precisarão da sua última parte.

Carece o bacalhau, como é sabido, de estar de molho umas horas antes de começar a ser preparado e os interessados nesta receita deverão seguir-lhe o exemplo. Que se deitem, pois, cedo os que a seguirem, na véspera da prova, e que o façam com o espírito livre de problemas e o estômago tão vazio quanto possível. A primeira destas recomendações é difícil de seguir nesta época dominada pela inflação, bem o sabemos, mas a segunda, dada essa mesma inflação, não requer esforços especiais tanto mais que o jejum — outrora útil à santidade — é hoje condição «sine qua non» da solvência...

Dizem os entendidos que a noite é boa conselheira, o que talvez seja verdade sobretudo para quem passa as noites na cama e não nesses porões das naus que não chegou a haver e, ao dizer isto, pedimos humildemente desculpa a quantos e quantas pessoas as viram dos seus «livings» dos anos vinte e trinta...

Ai, os anos vinte e trinta...

Ai, os anos vinte e trinta...

Mas deixemos as naus que não chegou a haver aos especialistas em coisas que não podia haver e continuemos a falar do bacalhau que ainda há esse velho e único amigo que nos põe em casa o cheiro a maresia dos tais mares distantes de que os poetas tanto falam. Que os poetas continuem sonhando por outras palavras com as «bottles of rhum» dos sonhos inacessíveis e que nós, concretos, reais e verdadeiros, sonhemos com aquilo que nos é acessível.

Deite-se o interessado nesta receita, como íamos dizendo, muito cedo e com a barriga a dar horas, mas com o estomacal despertador afinado para soar por volta das nove horas, já que só os herdeiros deste mundo se podem dar ao luxo de não fazer a barba todos os dias.

De manhã, devidamente escanhoado, água-de-colonizado e desodorizado, deverá o interessado dirigir-se ao balcão da TAP, do aeroporto, e aí adquirir um bilhete de ida e volta para o Porto, cidade onde ainda há tempo para se comer e para se digerir o que se comeu. Cumprimente o interessado a menina que está ao balcão, com o seu maior sorriso. Deve dizer-se que o sorriso não faz parte da receita do bacalhau, mas a verdade é que essas meninas pertencem ao mundo das «public relations» e que são capazes de ficar profissionalmente frustradas se alguém lhes não sorrir. Valerá a pena, a um indivíduo que vai comer um magnífico bacalhau, iniciar o seu dia provocando uma pequena frustração? É evidente que não — de frustrações anda o mundo cheio e ninguém de bom senso quererá agravar o problema.

A viagem é de curta duração, o avião é cómodo e contém, ainda por cima, outra sorridente menina que lhe oferecerá nada mais nada menos do que uma chávena de café ou um copinho de refresco cor de laranja. O único inconveniente da viagem é o seu preço, já que custa cerca de 800$00, muito embora tudo leve a crer que, obedecendo aos imperativos da hora que passa, a TAP venha, num futuro muito breve, a reduzir este preço. Como é do conhecimento geral, o aeroporto das Pedras Rubras fica mais longe da cidade do Porto do que seria para desejar mas até esse inconveniente foi remediado: o interessado nesta receita encontrará à porta do aeroporto um autocarro que o levará ao centro da cidade desde que esteja disposto a pagar mais uns escuditos.

Uma vez no centro da cidade, o interessado poderá passear um bocado ou, se a fome já estiver a revestir-se de aspectos inquietantes, dirigir-se imediatamente a um pequeno estabelecimento que fica ao pé da estação de S. Bento e que dá pelo nome de Traçadinho.

Não sabemos — não tivemos tempo para averiguações — quantos anos tem o Traçadinho, quem são os seus proprietários ou a que bancos é que está vinculado (tudo, hoje em dia, lhes está vinculado...) mas podemos descrevê-lo com um certo rigor mais ou menos científico. Trata-se dum estabelecimento modesto, que nada perderia em ser repintado, para onde se entra para uma pequena sala munida dum longo balcão de petiscos. Que petiscos? O normalíssimo peixinho de escabeche, o tradicional filete, umas lascas de magnífica broa (adquirível no mercado do Bolhão), tripa enfarinhada pronta a ser frita e um letreiro anunciando que a casa está pronta a fornecer aos apreciadores malgas de papas de sarrabulho. Atrás do balcão, pipas de vinho verde e maduro e o senhor Mário, o simpático senhor Mário que o interessado nesta receita deverá contactar imediatamente a fim de conseguir que ele lhe mande preparar imediatamente uma posta de bacalhau inglês à moda da casa.

Leva este bacalhau cerca de um quarto de hora a preparar mas se o interessado nesta receita se lembrar de que teve de se apresentar no aeroporto meia hora antes da largada do avião e de que para chegar à Portela, foi obrigado a esperar uma hora pelo autocarro, verificará que esta é uma espera mais do que justificável.

O que é um quarto de hora para quem vai comer uma posta de bacalhau igual à que lhe vão servir no Traçadinho?

Este quarto de hora, de qualquer forma, pode ser passado a beberricar ao balcão, com franco proveito para o estômago que não poderá deixar de apreciar uns copitos do verde da casa. O autor destas linhas, que detesta vinho verde, tem de confessar que não há qualquer comparação entre o verde que sai do pipo e o verde que sai da garrafa...

Decorrido o quarto de hora, deverá o interessado sentar-se à mesa, desdobrar o guardanapo e colocá-lo cuidadosamente sobre os joelhos. Não dizemos isto por amor à higiene ou à etiqueta, mas por amor ao bacalhau — é que se cair uma lasca sobre o guardanapo, sempre se pode aproveitá-la à socapa...

O bacalhau à moda da casa do Traçadinho não tem um preparo especial. A receita é simples e caseira. O que o distingue é a qualidade. Não hesitamos em afirmar que não conhecemos restaurante em Lisboa que possa gabar-se de servir um bacalhau igual ao do Traçadinho e mais: que nenhum restaurante serve um bacalhau, que se compare a este, por 26$00.

Trata-se duma posta alta, saborosa, magníficamente temperada, servida sobre um monte de batatas fritas às rodelas e acompanhada de cebola frita e de pedaços de pimento também fritos. O resultado final é de tal forma notável que não podemos deixar de pedir a todos os leitores desta secção que não percam a primeira oportunidade que tiverem de ir ao Traçadinho. Não é habitual nesta secção referir nestes termos um restaurante ou um prato a não ser que os mesmos sejam excepcionais e, por isso, temos a certeza de que os leitores, até pelo tom desta pequeníssima crónica, compreenderão o que pensamos do bacalhau do Traçadinho...

O Calorífero dos tempos modernos

BUTA-THERM'X

Um produto Francês de alta qualidade

O ÚNICO COM PAINEL CATALÍTICO EM LÃ DE SÍLICA QUE ASSEGURA O APROVEITAMENTO INTEGRAL DO GÁS E UMA MELHOR DIFUSÃO DE CALOR. O GÁS É TRANSFORMADO DIRECTAMENTE EM CALOR SEM SER QUEIMADO.

O ÚNICO COM REGULADOR PROGRESSIVO DE TEMPERATURA CONSUMINDO SÒMENTE O GÁS NECESSÁRIO.

O ÚNICO BASEADO NUMA EXPERIÊNCIA DE 50 ANOS NO AQUECIMENTO POR CATÁLISE. DAMOS DOIS ANOS DE GARANTIA EFECTIVA.

BUTA-THERM'X

(COM PLATINA NO PAINEL)

O MELHOR CALORÍFERO DO MUNDO

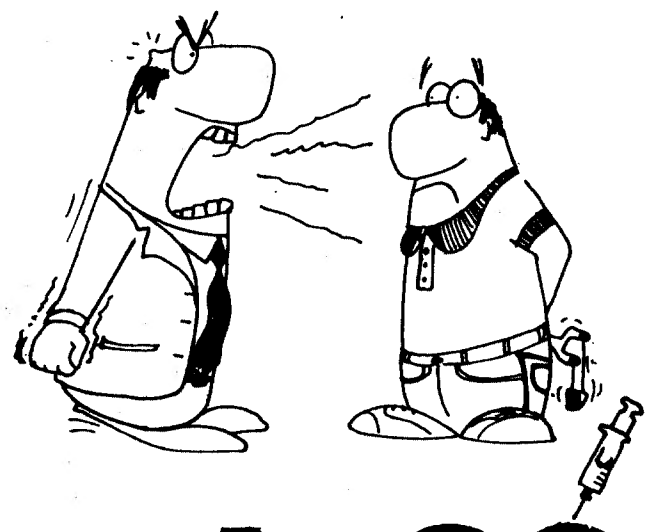
PERGUNTE AO SEU FORNECEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS. ELE DIR-LHE-À PORQUÉ!

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

RUA DOS DOURADORES 43 TELEF. 361545 LISBOA

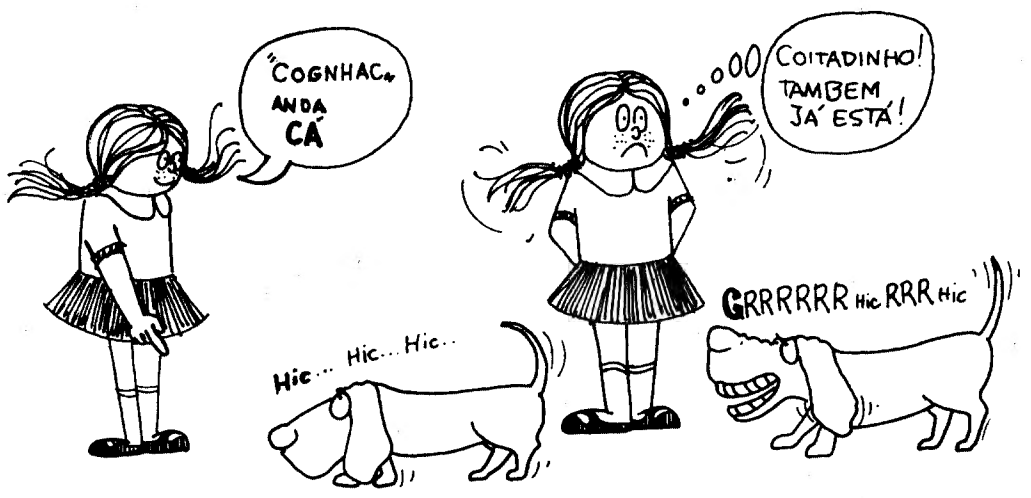
RUA DE STO. ANTÓNIO 208 TELEF. 25581 PORTO



A CÓLERA

Agarram-me por um braço meteram-me num eléctrico tiraram-me desse eléctrico meteram-me noutro tiraram-me desse meteram-me num casarão arregaçaram-me a manga enfiaram-me uma agulha e disseram que eu estava vacinada contra a cólera e que ia ter umas dorzitas mas nada de importante e que não devia comer uvas como se eu fosse comer uvas com elas a 10$00 o quilo mas que podia comer fruta de casca grossa como o melão e a laranja como se eu fosse comer melão a 6$00 o kg e laranjas a 12$00 o kg. parecem mesmo tansos estes das vacinas e que de qualquer forma devia tomar uma aspirina de seis em seis horas e besuntar o braço com uma pomada chamada Hiroidal e vai quando eu já estava com o braço a arder da tal vacina disseram-me que aquilo só pegava em meia dúzia de casos e que se calhar eu não era desses fiquei pior que uma bicha então vacina-se uma pessoa e depois dela vacinada é que se lhe diz que aquilo não foi vacina que foi uma espécie de totocólera? é o que se chama não haver respeito pelos braços das pessoas mas isto ainda não é nada sim isto ainda não é nada porque depois de me terem enfiado a agulha no braço e de me terem dito isso tudo viraram-se para a minha Mãe e disseram-lhe que que eu tinha de lá voltar para levar outra injecção porque para não me safarem da cólera não bastava um injecção inútil eram precisas duas injecções inuteis de maneira que ainda tenho de lá ir outra vez para ficar com a certeza de que se tiver de ter cólera tenho-a mesmo como se eu não soubesse isso antes de lá ir enfim não há dúvida de que os adultos é que merecem estar à frente das coisas sim é que não há mesmo dúvida o pior é que entretanto a cólera está-se a espalhar que é uma coisa doida e não há nada a fazer eu cá por mim posso contar uma data de casos a D. Matilde que é a minha professora de matemática anda tão incolerizada que no outro dia deu dois socos na secretária e mandou-me sair da aula só por eu dizer que ela estava mais gorda e a minha professora de português já nos mandou fazer este ano dois pontos apesar do natal ainda estar longe como burro palavra que aquilo lá no liceu vai de mal a pior no outro dia essa do português perguntou-me calmamente sim calmamente como se não fosse nada com ela porque ela é que dizendo-se pão e pãozinho se diz rato e ratinho o diabo da mulher o que queria era saber porque é que não se diz ratozinho quando a verdade é que eu ainda não fiz quinze anos e por isso não estava cá quando inventaram a língua e quando ela voltou a perguntar-me já mal disposta «Então não sabes porque é que que não se meteu o infixo no ratinho?» eu disse-lhe que sabia sim senhor e que isso eram ratices da língua e vai ela desatou aos berros e eu para ver se me safava meti um infixo com toda a força e disse-lhe que isso eram ratizisses da língua ora ela devia ter visto a minha boa vontade sim porque não é qualquer pessoa que mete um infixo à pressa só para satisfazer uma professora mas não senhora ficou pior que uma barata desatou aos berros chamou-toda a aula que eu reprovava no fim do ano tão certo como dois e dois serem quatro ora o que eu acho é que uma professora não tem o direito de desanimar assim uma aluna no meio do ano a isso é que eu chamo falta de psicologia infantil mas uma cólera como aquela que ela mostrou é mesmo de virus que de outra coisa não pode ser e é por isso que eu digo que a cólera está espalhada por toda a parte e que não há nada a fazer e que não espanta que as pessoas das vacinas enfiem agulhas nos outros por dá cá aquela palha apesar de saberem muito bem que quem tem de apanhar cólera apanha-a mesmo eu cá por mim se um dia me apanho num serviço desses e dou lá com a filha da minha professora de português palavra que lhe dou uma injecção todos os.dias e que não lhe mando pôr pomada nenhuma só para me vingar da Mãe dela me ter chateado tanto por causa dum infixozito que não vale dois caracóis mas a cólera do liceu é só uma das muitas cóleras que andam para aí quem tiver tempo que se ponha a olhar para as caras das pessoas que andam na rua e que vejacomo elas andam todas encolerizadas que até parece que beberam uma data dos tais virus da cólera numa torneira de água enquinada palavra que é só olhar para elas hoje já cá cantam na minha colecção três encolerizados o primeiro foi um desgraçado que eu encontrei logo de manhã na minha rua e que tinha parado o carro para mostrar uma mercadoriazita numa loja e vai à saída tinha uma multa que se besuntava todo e então contou que tinha conseguido vender cinquenta escudos de canetas e que tinha levado uma multazita de 200$00 para aprender sim porque a vida está bestialmente difícil e ninguém está a comprar nada esse senhor coitadito até disse que uma maneira de se fazer guerra contra o custo da vida era baixar o preço das multas que estão pelos olhos da cara até porque como não se pode parar o carro em parte nenhuma as pessoas já se habituaram às multas como se habituaram às rendas das casas o outro encolerizado coitado tinha de ir passar o dia na bicha da caixa para ser aviado por um doutor e último foi o meu Pai que chegou a casa à hora do almoço todo eriçado e quando a gente lhe perguntou porquê respondeu que era por causa de tudo e que quem quisesse saber porque é que estava tão irritado que abrisse a janela e olhasse para a vida

Guidinha



AS ESCANDALOSAS DEFICIÊNCIAS DO SÍNODO

«O homem que quer encontrar fortuna em Roma, essa antiga capital, deve ser flexível, insinuante, pèrfidamente sincero, paciente, fazendo crer que sabe menos do que, realmente sabe, frio como gelo, enquanto qualquer que estivesse no seu lugar seria fogo. E se, por infelicidade, não tem a religião no coração, deverá tê-la no espírito (...)

«Se não conseguir manter esta conduta, deverá deixar Roma e procurar fortuna noutro lugar.» __ J. J. Casanova (Mémoires, capítulo IX, 1744).

Paulo VI com os Cardeais John Wright, de Boston, Pablo Muñoz Vega, de Quinto Leon-Etienne Duval, de Argel, e um padre não identificado, durante as cerimónias do Sínodo

Triste do princípio ao fim, se exceptuarmos alguns sobressaltos sem futuro, atravancado por várias centenas de intervenientes que raramente atingem um nível digno da alta missão que cabe a um chefe de diocese, este terceiro Sínodo (30 de Setembro-6 de Novembro) terminou sem fôlego. Paulo VI, que tantas vezes, no decurso do seu pontificado, soube pronunciar alocuções tão perspicazes como estimulantes e que detém o segredo dos gestos pacíficos, não conseguiu, desta vez e por motivos difíceis de aclarar, comunicar aos padres o fundo do seu pensamento, nem lançar nenhum apelo patético à acção que estivesse à altura das dificuldades do momento.

A CRISE

Há já dois anos, o Papa falava, ele próprio, do «fim próximo do seu mandato». Estas palavras eram, sem dúvida, para ser entendidas no sentido figurado. Aqueles que nelas quiseram ver um anúncio de demissão semelhante à do Papa Celestino V (1924) - O papa actual louvou esta atitude em Fiumone, em Setembro de 1966 - viram nessas palavras, talvez, a concretização dos seus próprios desejos. Não disse Paulo VI um dia, no decurso de uma audiência privada: «Eu sou um Pai. Um Pai não se demite»?

Como quer que seja, o sucessor de João XXIII __ ele atingirá, dentro de um ano, o limite de idade que impôs aos bispos __ encontra-se à frente de uma Igreja que atravessa uma das crises mais graves da sua História. Ele sabe isso perfeitamente e enfrenta o problema com lucidez, quando muitos poderiam ser tentados, do ponto de vista humano, a julgar a situação desesperada.

Será necessário seguir os que falam da «decadência irremediável das instituições eclesiásticas»? Sem dúvida, mas sem esquecer que a crise actual da Igreja não é senão o corolário de uma aguda crise da civilização ocidental que atinge, ao mesmo tempo, o pensamento e as estruturas político-sociais, incapazes de se renovar. A osmose entre a Igreja e o Mundo, no qual ela está integrada, é evidente e implacável. Os «homens de Deus», como se diz, são, também, apenas homens, e podem tanto menos pretender dominar a situação quanto mais se isolam demasiadas vezes na sua torre de marfim, ou hesitam em fazer-se porta-vozes da sua comunidade, que, de resto, não os escolheu.

RECEIO

No fundo desta atitude, há um receio duplo. O primeiro pode parecer nobre: o de ver dilapidada a herança de tradições eclesiásticas indevidamente confundidas com a substância do Evangelho. O outro é humano: o medo de desagradar àquele que os nomeou sem os conhecer directamente __ por um «dossier» __ muitas vezes por razões mais «políticas» do que evangélicas, e o receio de se comprometerem perante os seus colegas. Assistiu-se, no Sínodo, a um espectáculo espantoso: Padres menos à vontade nos grupos de trabalho do que nas assembleias plenárias, quando liam um texto geralmente elaborado em equipa.

Uma das grandes falhas do Sínodo terá sido a sua não representatividade. Se, como se diz um pouco vulgarmente, «a montanha pariu um rato», é porque uma grande parte dos delegados das conferências episcopais se mantiveram irredutíveis na sua posição e não tiveram, na realidade, o cuidado antecipado de escutar verdadeiramente as reivindicações __ por vezes exageradas, outras vezes amargas, por certo, mas sempre autênticas __ dos seus padres e dos seus leigos.

RECUSA

Nestas condições a «provisão» da Assembleia não poderia ser senão magra. Sobre o sacerdócio, que, de há alguns anos a esta parte tem suscitado um grande número de estudos notáveis, renovando os dados dos problemas e, ainda recentemente, por exemplo, o trabalho de Hans Kung («Prête, Pour Quoi Faire?», edições Cerf, Outubro, 1971), o Sínodo não fez mais nada, quanto ao essencial, senão regressar à concepção do Concílio de Trento (1545-1553), que foi o Concílio da Contra-Reforma, mais ou menos salpicado __ mais mal que bem __ de textos do Vaticano II. Não houve no Sínodo nenhum prospecção, o que os cristãos mais fervorosos, a começar pelos seminaristas, dificilmente perdoarão. A grande descoberta deste Sínodo é que, decididamente, o Vaticano II não foi assimilado pela maior parte dos bispos presentes.

Àcerca da ordenação de homens casados, a maior parte movimentou-se no sentido de uma recusa. Que dizer senão que o Sínodo era composto por uma maioria de padres conservadores, que não perceberam a mutação espiritual e social deste binário, e estão vinculados à teologia que lhes foi dispensada na sua juventude?

Quanto á Justiça no Mundo, os padres recusaram-se a seguir aqueles que, juntamente com monselhor Torrela Cascante, vice-presidente da Comissão Pontifical Justiça e Paz, tinham reclamado condenações explícitas de certas situações intoleráveis, ou seja, uma lista de países presentes no espírito de todos. Foi a vitória da diplomacia vaticana contra a do profetismo, que tem precisamente a função de mostrar, de dedo apontado, o que através do mundo traduz o pecado dos homens.

OS TABUS

Mas, como todas as coisas, o Sínodo teve aspectos positivos. Quais?

Em primeiro lugar, o ter sido um curso de iniciação internacional para os bispos que nele participaram. Aqui, o provincianismo não tem mais lugar. Quer queiram, quer não, os bispos tiveram que tomar conhecimento com a adversidade e a desigualdade qualitativa e quantitativa das Igrejas locais. Tiveram, também que admitir que a uniformidade era uma ficção insustentável e que cada um tinha direito á sua verdade existencial. Se um dado país da Africa Negra, ou a Holanda, têm urgente necessidade de padres casados, este ou aqueloutro país católico deve continuar, pelo menos por mais alguns anos, a evitar a todo o preço o choque inútil que isso causaria nos fiéis.

Por outro lado, os problemas considerados «tabu» emergiram irresistìvelmente. Por exemplo: o papel da mulher na Igreja. Depois de monsenhor Flahiff (Canadá), numerosos padres tomaram consciência de que as injustiças feitas actualmente às religiosas e aos leigos se estavam a tornar anacrónicas. Neste sentido, o Sínodo, foi o último desta espécie. O próximo será, obrigatòriamente, uma espécie de microcosmos da Igreja «povo de Deus», tal como a definiu o Vaticano II. Nele participarão religiosas, leigos, homens e mulheres, padres, não a título de observadores passivos ou oradores ocasionais, mas como membros efectivos com direito a voto.

Outra questão que se pôs com uma força inesperada: a não-violência. Pela primeira vez, os padres aperceberam-se de que a velha teoria da guerra justa, aplicada à situação internacional, se tinha tornado um mito.

Enfim, o Sínodo mostrou-se tão anti-ecuménico que, pela inversa, os bispos aperceberam-se, como disse o cardeal Willebrands, que este «retrocesso» era intolerável. No próximo Sínodo o Papa não poderá deixar de convidar os ortodoxos, os anglicanos, os protestantes, e mesmo ateus, a fim de alargar o círculo a todos os homens de boa vontade, tão caros a João XXIII, que lhes dedicou as suas encíclicas.

RENOVAÇÃO

No final, os bispos regressaram «a casa» portadores de uma semente de futuro que germinará. A História esquecerá mais ou menos depressa aquilo que um observador atento chamará «as escandalosas deficiências deste Sínodo». A História reterá, sobretudo, o desejo dos cristãos de engendrar as bases que possibilitem novas instituições.

Esta renovação faz-se, actualmente, mais ou menos sem, ou contra as hierarquias. Mas esta situação paradoxal e contrária às leis da Incarnação não se manterá por muito tempo. Amanhã os sucessores dos apóstolos encontrar-se-ão na situação daqueles pais de família __ contestados justamente pelos filhos por causa da esclerose __ que, tocados pela graça, se apercebem de que têm mais a receber do que a dar e encontram, nisso mesmo, a sua autoridade. Uma autoridade de serviço e não de prestígio, ou seja, o género de autoridade que Jesus Cristo definiu no Novo Testamento e, depois d'Ele, São Paulo.

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.as: C. P., Águas, Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderúrgia, Laboratórios, Eng.a Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES
FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

EVEPRUFE — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

PROVER — Endurecedor dos pavimentos de cimento, resistente ao desgaste, à formação de poeiras e alguns ácidos

RAPID — Acelerador de presa e estancar águas

MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas clarabóias

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

R. S. Nicolau, 41-3.º — LISBOA-2 — Telefones: 361805 e 322118

Uma revolução no campo das línguas

Descoberto pelos Ingleses um disco simultâneo que põe a falar ràpidamente em inglês, francês ou alemão

Oferecidos também aos Portugueses discos simultâneos de experiência

Antigamente, para se aprender línguas era necessário sobretudo muito tempo. Hoje, excepto no ensino tradicional, todos os métodos foram revolucionados pelos Ingleses que inventaram um disco simultâneo que põe a falar e a compreender RÀPIDAMENTE frases inteiras em Inglês, Francês e Alemão.

É difícil explicar aqui todos os pormenores, mas o nosso correspondente comunica-nos de Londres que o famoso Instituto Internacional Linguaphone determinou que fossem destinadas 50.000 libras para a difusão deste novo disco oferecendo, naturalmente, sem o mínimo compromisso, um autêntico disco simultâneo, de 45 r. p. m., para experiência, e um folheto explicativo para a experiência e para o curso respectivo.

O que é necessário fazer para se obter grátis o disco simultâneo? É simples. Basta escrever a: INSTITUTO LINGUAPHONE — VALENTIM DE CARVALHO CI, SARL — Rua Nova do Almada, 97 — LISBOA - 2 juntando 5 escudos em selos para despesas. Não se esqueça de indicar o jornal pelo qual tomou conhecimento desta oferta. Poderão receber assim o material grátis e sem qualquer compromisso. Mas é necessário que escrevam hoje mesmo, porque a quantidade de discos simultâneos de experiência é limitada. Aproveitem já esta oportunidade.

Pela primeira vez a I.B.M. vende um computador à Rússia

A I.B.M. acaba de aceitar vender um computador ao governo soviético. E a primeira vez que a grande firma americana, que já por várias vezes tinha sido abordada pelas autoridades soviéticas, aceita tal transação. Esta, como é de crer, poderá vir a ser seguida de numerosas outras.

Subequipada quanto a meios de tratamento automático da informação, a U.R.S.S. tanto às dificuldades que surgem ao negociar-se com os soviéticos como às normas estabelecidas pela NATO e postas em acção pelo «Nato Coordinating Committee» (COCOM). Verificou-se também uma viva concorrência entre muitos dos fabricantes ocidentais e alguns deles, especialmente a firma britânica I.C.L., conseguiram obter simultâneamente as encomendas e as autorizações sujeita ao acordo do COCOM, mas tudo indica que o organismo da NATO não se oporá à transação. O COCOM, com efeito, autorizou recentemente, a instâncias do presidente Nixon (diz-se), a venda à U.R.S.S. de dois computadores muito modernos de concepção britânica: os I.C.L. 1908. Estas duas máquinas, que devem ser instaladas junto do acelerador de partículas de Serpukhov, apresentam características técnicas que as colocam muito para além dos outros aparelhos cuja entrega à U.R.S.S. tinha sido autorizada pelo COCOM.

Em contrapartida o organismo de controle da NATO não se oporá por certo ao envio, para a U.R.S.S., do material I.B.M., pelo menos daquele que apresente características técnicas inferiores.

por Nicholas de Vichney

Exclusivo «Le Monde» - «D.L

representa um dos mais importantes mercados actualmente oferecidos aos fabricantes de computadores. De há muito que a maior parte deles se tem mostrado interessada nas possibilidades que ofereciam os acordos com Moscovo neste domínio.

PROBLEMAS

No entanto, a exportação de computadores para a U.R.S.S. viu-se sempre perante problemas muito especiais, devidos necessárias para as satisfazerem.

Mas o maior fabricante de ordenadores, I.B.M., constituía uma excepção ao recusar-se, apesar de diversas tentativas das autoridades soviéticas, a fornecer material à U.R.S.S. ou a participar na construção, em território soviético, de unidades produtoras. O presidente da I.B.M. Corporation, que era na altura James Watson, deslocou-se mesmo à U.R.S.S. em Outubro de 1970 para tratar do assunto, mas por fim recusou-se a toda e qualquer transação.

A I.B.M. acaba, portanto, de rever a sua política em relação à U.R.S.S.. A empresa americana aceitou a encomenda, feita pelo Ministério soviético da Química, de um computador 360-50, que tinha sido apresentado às autoridades da U.R.S.S. por ocasião de um certame organizado em Leninegrado durante o mês de Outubro.

AGRESSIVIDADE

A entrega está sem dúvida

EVOLUÇÃO

Este interesse da I.B.M. pelo soviético traduz, segundo parece, uma certa evolução nas relações comerciais entre a U.R.S.S. e os Estados Unidos. Mas deve também ser visto no âmbito do clima geral que reina actualmente no mercado americano da informática. Os computadores colocam-se agora com mais dificuldade e a I.B.M. não deixa de sentir obstáculos na venda de toda a sua produção. Os mercados europeus, por seu lado, tendem a oferecer possibilidades menores do que aquelas com que se contava.

Era portanto natural que o sr. Learson, sucessor de James Watson à frente da grande firma americana, acabasse por se interessar pelas possibilidades oferecidas pelo mercado soviético, pondo assim em prática a política de agressividade comercial que dele se esperava.

MORADIAS

Vendem-se, novas, prontas habitar, com linda vistas, nos melhores locais e muito próximo das estações de Cascais, Parede e Carcavelos, preço 1900, 850 e 900 contos e na Costa da Caparica junto à praia, preço 700 contos. Todas com caixilharias em alumínio, azulejos decorativos, mármores, electrodomésticos, etc.. Terreno para moradias em Cascais, com deslumbrantes vistas e perto estação, preço 550 e 650 contos cada lote. Quintarola perto do Estoril, arborizada, toda murada, não tem casas, preço 400 contos. Andar próximo ao Hotel Praia Mar, no Junqueiro, em Carcavelos, a 50 metros da praia, preço 500 contos. Preços sujeitos a oferta. Aceitamos inscrições, com pequeno sinal, para compra de apartamentos, preços a partir de 300 contos, em prédio de luxo, com elevador e em local priveligiado, que vamos iniciar a construção, próximo da estação de Oeiras e das praias de St.º Amaro e de Carcavelos, que são as melhores da linha do Estoril. Trata a firma construtora e proprietária de tudo Tecnicimento, Ld.ª, Av. 5 de Outubro, 31, r/c, Lisboa-1, Telef. 539773 e 539774, escritório e 771664 da residência do sócio gerente. Aceitamos terrenos e casas para demolir em troca, pagamos ou recebemos diferenças de valor. Também tomamos empreitadas de construção, recebendo pagamento em terrenos. Dão-se rigorosas referências e amplas garantias.

— AJUSTADORES
— CANALIZADORES
— CARPINTEIROS DA CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTEIROS DE MOLDES
— CARPINTEIROS DE COFRAGENS E ARMADURAS
— ELECTRICISTAS-AUTO
— ELECTRICISTAS DE BAIXA TENSÃO
— ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS
— FRESADORES
— FUNDIDORES-MOLDADORES MANUAIS
— MECÂNICOS-AUTO
— PINTORES METALÚRGICOS E DE AUTOMÓVEIS
— REPARADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHEIROS CIVIS
— TORNEIROS

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de **Monitor.**

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia **30 de Novembro** qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

UM CASAL EM APUROS

O cantor Danny Williams, de 29 a de cadeia, declarando à saída arruinar a carreira. A mulher de igualmente condenada no tribuna de estupefacientes. Na foto: Dan o seu casamento, na Primavera d carreira artística sèriamente com cadeia, e sua mulher agu

UM TEATRO PARA "CHE"

Poderíamos muito simplesmente contar uma história, ou então falar de «sacrifício em nome do teatro». O problema porém é completamente diferente, devendo por isso mesmo ser equacionado em termos diversos. Era uma vez uma senhora chamada Maria-José Weber que tinha no bolso um milhão de francos velhos, uma quantidade considerável de dívidas para saldar e acima de tudo o desejo de transformar num verdadeiro teatro uma velha sala de «música-hall construída por volta de 1930 e tal, convertida mais tarde em vulgar cinema de bairro e por último num simples edifício **em deficiente estado de conservação...**

Foi exactamente assim que tudo começou. Depois foi o gozo da aventura: o teatro devidamente restaurado e preparado para receber peças e actores. A sessão inaugural, informal e discreta realizou-se no dia 25 de Outubro, na rua do Faubourg-Monmartre. O teatro que tem instalações extremamente funcionais chama-se «Palace» e é agora uma ampla sala rectangular, desembaraçada das obsoletas (e no entanto cómodas) poltronas de cabedal: o público se estiver interessado em assistir aos espectáculos ali montados, terá de se sentar em bancos rudimentares e de moderar os gestos para não incomodar o parceiro do lado.

E Marie-José Weber quem toma agora a palavra, para revelar os pontos essenciais da sua importante experiência:

«Excluídas a «chauffage» e a instalação eléctrica fomos nós que construímos o teatro todo. Conheci no entanto dolorosos momentos de desânimo... Valia no entanto a pena levar o jogo por diante. Comprometi-me aliás de tal maneira que se tornou completamente impossível renunciar. Para além disso eu acreditei sempre na rentabilidade das duas salas e do bar (devidamente autorizado). Na sala superior pode quanto a mim existir a um nível de espectáculo uma relação bastante estreita actor-espectador. sendo ainda perfeitamente variável a projecção de filmes inéditos. O projecto da sala de cinema está ainda numa fase embrionária, mas será meticulosamente pensado até em termos de distribuição.

Marie José Weber acredita incondicionalmente nas condições da sua sala e na consciência do seu público. Não é de resto, por um mero acaso que uma casa com estas características, tem como peça inaugural de reportório «Che», assinalada por John Purling. Trata-se de uma obra que revê de forma exaustiva a figura e o mito de Guevara reconduzindo-o em termos dramáticos à sua exacta dimensão histórica. O que é ainda mais importante no meio de tudo isto é que Marie-José Weber reivindica para si toda a responsabilidade emergente desta arrojada montagem. E fá-lo sem peias, públicamente, expondo-se a pesadas represálias:

«**Escolhi esta peça**» - dizia

MODELO 707

SURDOS
CASA SONOTONE

Há muitas casas da especialidade... mas... SONOTONE há só uma. NÃO CONFUNDAM! Trocas, facilidades de pagamento, tudo encontrareis inclusivé os aparelhos populares que continuamos vendendo por 2.500$00, com garantia.

As nossas CASAS esperam-vos:

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33 s/l. — Telef. 86 83 52
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 3 56 02
Em Angola, R. António Enes, 42-2.º Apart.º 26 — Luanda

...os, foi condenado a 18 semanas ...o tribunal que a prisão lhe iria ... Williams, Jean, de 27 anos, foi ...r Falkirk Sheriff, por posse ilegal ...e Jean, poucos momentos após ... 1970. Agora: Danny, com a sua ...rometida, cumpre uma pena de ...rda uma nova audiência

"SHERPA" TENZING É AGORA PROFESSOR DE ALPINISMO NOS ESTADOS UNIDOS

PORTLAND; OREGON — O avião a jacto voava a uma altitude de 35 mil pés sobre a High Sierra da Califórnia. Tenzing Norgay olhou pela janela para os picos das montanhas e disse-me: «Já ouvi falar da High Sierra. Gostaria de a escalar qualquer dia».

No voo de Los Angeles para Portland, a 35 mil pés de altitude, o avião sobrepujava apenas em 6 mil pés o ponto mais alto até onde Tenzing tinha conseguido subir.

Foi há 18 anos, em 29 de Maio de 1953, que o guia **sherpa** Tenzing Norgay e Edmund Hillary, um apicultor da Nova Zelândia, se tornaram os primeiros homens na História a conquistar os 29.028 pés do monte Everest, a mais alta montanha da Terra.

Tenzing, agora com 57 anos, é um montanhês que não sabe ler nem escrever, mas fala fluentemente doze línguas e não parou de viajar desde essa época.

Com a sua mulher, Daku, encontrei-o na última parte de uma viagem de Auckland, na Nova Zelândia, para Portland, no Oregon. Durante o voo, Tenzing afirmou-me:

«Dizem que sou o primeiro homem do meu povo que voou num avião. Aliás, podem contar-se pelos dedos os **sherpas** que algum dia sairam da Índia ou do Nepal. Eu sou o mais feliz dos **sherpas**.

Os **sherpas** formam uma tribo com cerca de 100 mil homens vivendo em pequenas aldeias nas encostas do Himalaia Oriental, a altitude entre os 3 e os 5 mil metros.

«SOMOS MUITO AMIGOS»

Muitos **sherpas**, peritos em alpinismo e conhecedores das melhores rotas serviram como carregadores ou como guias num grande número de expedições realizadas neste século e que tentavam a conquista do Everest. Foi o mais famoso de todos, Tenzing Norgay, então com 39 anos, que conseguiu atingir com Hillary o cimo da montanha.

«Seria capaz de escalar o Everest outra vez?»

Ele sorriu, pensou um pouco e respondeu:

«Tenho a certeza de que seria capaz de o fazer de novo. Continuo em boa forma: fisicamente estou tão forte como em 1953. Sim, não há dúvida de que gostaria de tornar a subir o Evarest».

Tenzing e a mulher voltavam da sua primeira visita à Nova Zelândia, onde tinham sido convidados de «Sir» Edmund Hillary. Os mais famosos alpinistas de todo o Mundo continuam a encontrar-se frequentemente desde 1953.

«Somos muito amigos», diz Tenzing.

Mas nem sempre foi assim.

Logo depois de iniciarem a descida do Evarest surgiu uma discussão entre os dois homens.

«DESMAIOS»

No seu livro «A conquista do Evarest», Hillary afirmou que Tenzing «desmaiou quando estávamos a chegar ao fim», o que diminuía a importância do feito do nepalês. Mas num livro posterior, escrito em colaboração com James Ramsey Ollman, Tenzing afirmou:

«Não me parece que a história da nossa arrancada final, tal como Hillary a conta, seja verdadeira e justa em relação a mim. Nenhum de nós dirigia ou era dirigido; éramos, de facto, colaboradores um do outro. Nenhum de nós conseguiria atingir o cume sem a ajuda do outro. E nenhum de nós desmaiou durante toda a escalada».

Mas tudo isso pertence ao passado.

Desde 1953 que, sem qualquer publicidade, Hillary, agora com 52 anos, faz uma peregrinação anual ao Himalaia, abandonando a sua nova residência construída na Nova Zelândia. Fica hospedado em casa de Tenzing, vivendo aí com a sua família, na aldeia de Darjeeling.

Também desde 1953 Hillary já construiu oito escolas para a tribo dos **sherpas** e no ano passado concluiu-se a construção de um hospital em Kunde, uma aldeia que está quase 4 mil metros acima do nível do mar, o que faz dele o mais alto de todo o Mundo.

«O meu povo nunca tinha podido ter uma escola ou um hospital», disse Tenzing, «até que Ed Hillary conseguiu arranjar o dinheiro para os construir, com a ajuda de alpinistas neo-zelandeses e americanos. Ed Hillary é um verdadeiro herói entre os **sherpas** por tudo aquilo que lhes tem feito».

ESQUECIDO

Desde que Tenzing realizou a sua maior ambição, que era escalar o Everest, tem sido completamente esquecido pela Imprensa.

Durante este Verão, apenas com a excepção das três semanas que passou na Nova Zelândia, esteve a dar aulas de montanhismo com Lute Jerstad no Monte Hood, perto de Portland. Também dirige uma escola de alpinismo em Darjeeling.

Tenzing ainda sobe o Everest com regularidade.

«Mas só subo a encosta até 6.500 metros» explica». Aliás, estou sempre a subir o Evarest com amigos, com Daku e as crianças, ou com os meus alunos da escola.

«Chomolungma, como os pastores chamam à montanha («a montanha que é tão alta que nenhum pássaro pode voar por cima dela»), é a mais bela montanha que algum dia vi ou que alguma vez escalei. Foi ela que me deu tudo».

por Charles Hillinger

«Washington Post» - «D.L.»

Tenzing Norgay, o guia que acompanhou «sir» Edmund Hillary na primeira escalada do Monte Everest, é um dos poucos membros da tribo Sherpa que viajou até ao estrangeiro. Este Verão ensinou técnicas de alpinismo nos Estados Unidos

ela há poucos dias a um redactor do «Monde» - e **assumo a escolha em absoluto. Sou aliás responsável pela mise-en-céne que quanto a mim politiza ainda mais o texto. Se alguém tiver de ser acusado pelas propostas ali apresentadas esse alguém serei eu. No fundo a minha intenção é levar o teatro a todos os que não o podem ver. Servindo-me dele naturalmente para lhes fazer ver certas coisas, que vai sendo urgente tomar em consideração».**

Agora que em Portugal se começam a ensaiar os primeiros passos duma temporada que se pretende artisticamente positiva talvez seja útil tomar também este exemplo em consideração, respeitando naturalmente as distâncias que neste tipo de coisas são indispensáveis.

J. J. L.

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

MOBÍLIAS
USADAS
Por falta de espaço vendo barato, mobílias modernas, nórdicas, rústicas, estilo Queen Anne, D. Maria, roupeiros, papeleiras, cómodas, jogos de maples, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (junto à Praça do Chile).

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT

Assistência rápida, incluindo as revisões grátis; abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 554169

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente António José Matos da Cruz, Vivenda Conceição-Baratã.

mansfield
Colecções
«OUTONO — INVERNO»

da Inglaterra
- BACARAT
- CARING
- GOOD KIND
- HARBRO
- HAROLD LEE
- HAROLD INGRAN
- MARY HARNES
- MORTIMER
- SEIGALS
- SIMON MASSEY
- WENDY

da Áustria
- BI

da França
- MANOR
- CUVELIER

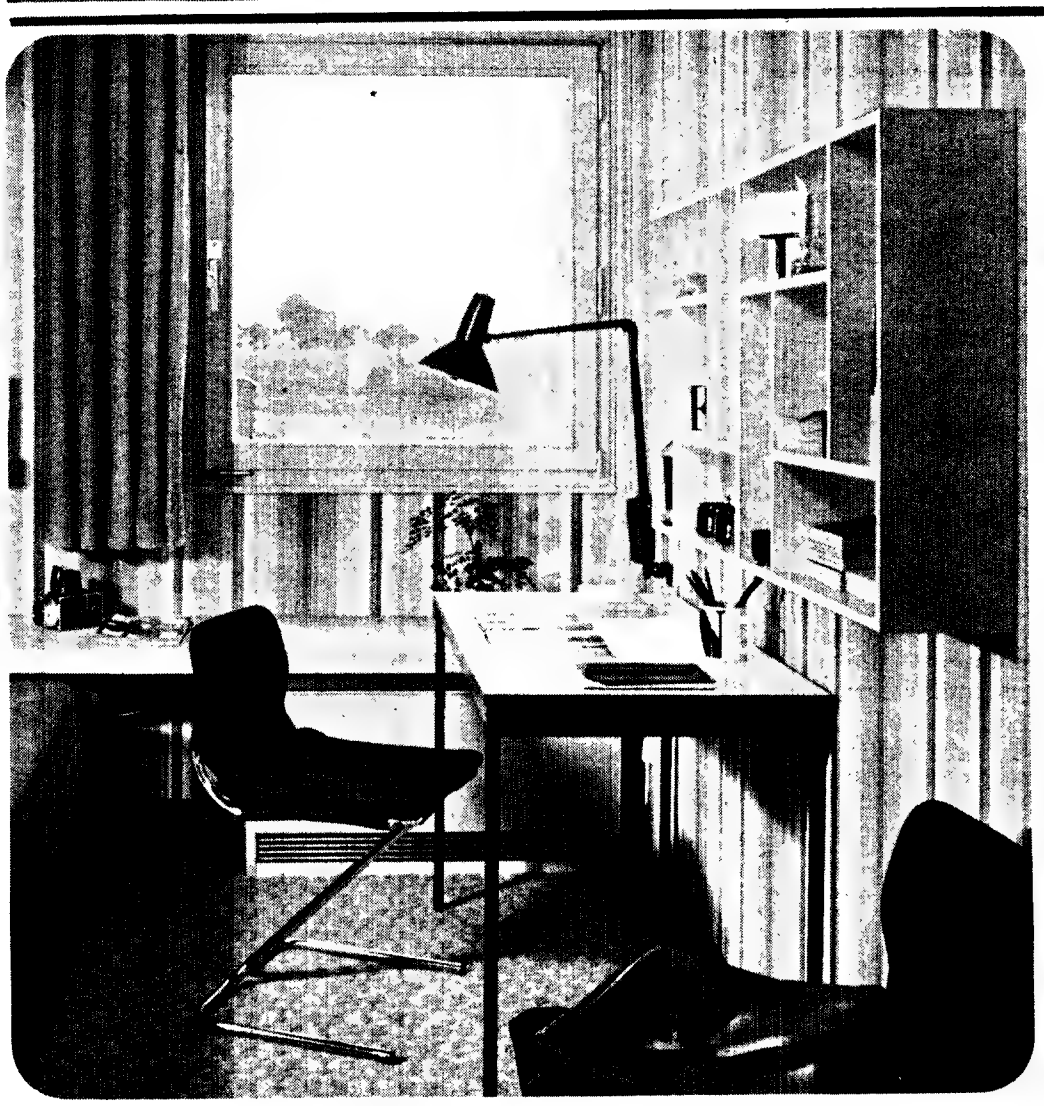
da Itália
- ROSIER

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 90-A — Lisboa — Tel. 5 76 80

CONFIDENCIAL
A COMERCIAL QUE TRANSPORTA O SINAL +.

Motores gasolina e Diesel
Ford
stand moderno
Rua João Saraiva, 15 - LISBOA - (Alvalade) - Telef. 711065 (10 linhas)
SALÃO DE EXPOSIÇÃO - Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 49669

Mulher



Pequeno quarto, onde um jóvem poderá, còmodamente, e sem despesas de maior, dormir, estudar e reunir os amigos em convívio. O ambiente, bastante moderno, decorado, muito sòbriamente, agradará certamente a qualquer um dos seus filhos

PARA UM LAR MAIS MODERNO

MÓVEIS MODERNOS - sala de jantar com mesa e cadeiras brancas. O candeeiro parte de um bloco de mármore e vem projectar a luz sobre a mesa que está posta, modernamente, sem toalha nem naperons

nunca lavar foi tão fácil!

via Ag. Rossel 51 F

Miele

MÁQUINA DE LAVAR ROUPA 421 AUTOMÁTICA

Um só movimento basta para seleccionar o programa de lavagem desejado. O resto será feito pelo cérebro electrónico da MIELE 421. V. Exa. não tem que se preocupar com coisa alguma.

AGENTE OFICIAL:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48-A • Tel. 5 89 58 • LISBOA

Neste primeiro domingo frio do ano, você não foi passear porque está...frio, porque lhe apetece gozar o conforto da casa depois de um tempo de férias tão prolongado, porque o seu marido foi «à bola». Como está em casa, oferecemos-lhe estas duas sugestões para a modificação de algumas peças do seu lar, sugestões que podem conduzir à tal «remodelação» que há tanto tempo espera...

diário

Conheci em tempos uma jovem (hoje com filhos homens), que me contou: «Íamos casar e nenhum de nós tinha dinheiro para pagar um anel. Ora eu sempre sonhei com um anel bonito. Então escrevi ao Aga Khan e expliquei-lhe o meu problema. Que tinha dezoito anos, que era p o b r e, que ia casar, que pensava que ele podia oferecer-me uma pedrinha mesmo pequenina para eu mandar fazer um anel.»

«E ele?»

«Nunca respondeu, vê lá tu.»

Não disse «nunca respondeu, claro», mas «nunca respondeu, vê lá tu.» Porque ainda nessa altura era pessoa de acreditar em sonhos, ou melhor, em fadas.

Encontrei-a há poucos dias. Tem filhos homens, como já disse. Mas falou-me com riso de esperança de muitas e muitas coisas que se estavam mesmo a ver que não iriam acontecer, e com tristeza e espanto de outras que era bem claro que nunca podiam ter sucedido. Lembrei-lhe a história da pedrinha preciosa e ela disse-me: «Vês? As pessoas são incríveis! O que tinha custado àquele homem... Mas o mais certo, sabes?, é que ele nem tenha recebido a carta. Esta gente importante, não é verdade? Tem secretários e secretários de secretários...»

Nada a fazer.

EMÍLIA BRAVO

O QUE HÁ NA COZINHA

Tarte de maçã

125 g de margarina
100 g de açucar
1 ovo
1 colher de sopa de banha
250 g de farinha
canela e maçãs reinetas, q. b.

Amassa-se ràpidamente a farinha com o açucar, a banha, a margarina e o ovo, até ligarem. Não se deve bater a massa.

Estende-se com o rolo em cima de uma pedra, coberta com farinha e forra-se uma forma de tarte, prèviamente untada com banha, com a massa, intercolando com sucessivas camadas de rodelas de maçãs, polvilhadas com canela e açúcar.

Estende-se o resto da massa numa rodela ou, depois de estendida, corta-se em tiras estreitas se preferir a tarte com uma grade de massa.

Pincela-se a borda da parte de baixo da massa com gema de ovo e coze-se em forno brando.

Se desejar pode enfeitar a tarte, depois de fria, com camadas de «chantilly»

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

RATO

Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef.. 68 41 91

CUIDE DOS SEUS OLHOS

Ter os olhos bonitos é sinónimo de ter olhos saudáveis, pois eles, tal como a boca, são a parte mais importante do rosto.

Para conservar a saúde dos seus olhos, deve seguir alguns conselhos:

. - O «écran» da televisão constitui uma fonte de fadiga ocular, por ser demasiado pequeno. Deve, por isso, colocar sempre uma luz, não muito forte, junto do aparelho, e de vez em quando, desviar a vista do «écran» para repousar a retina. Além disto, deve instalar-se, pelo menos a 3,5 metros do écran, reduzindo, deste modo, o trabalho imposto aos seus olhos.

- Igualmente deverá ter em conta, a cor da iluminação de sua casa. É necessário que a difusão da luz seja regular e não trema, o que se verifica com lâmpadas de qualidade inferior ou muito antigas. As lâmpadas cor-de-rosa ou azuladas dão, por exemplo, uma claridade bastante boa, mas prejudicial à vista. A melhor iluminação é, pois, dada pela lâmpada translúcida.

- Se os olhos lhe ardem, deve lavá-los com água fresca ou com chá muito forte, colocando sobre as pálpebras fechadas tampões de algodão embebidos em qualquer daquelas duas misturas.

- Se as pálpebras se apresentam inchadas, faça uma infusão de raízes de salsa à razão de 2 grs. de salsa para 100 grs. de água. Aplicar em compressas quentes embebidas.

- Se tem complexos por ter os olhos demasiado pequenos, isso não deve, de modo algum, ser problema. Há várias maneiras de proceder para aumentar o formato do olho. Experimente maquilhar as pestanas com cosmético castanho, cinzento ou azul. Para as arquear, começar pela extremidade, tendo o cuidado de humedecer, levemente, a escova ou o pincel.

Para guarnecer as pestanas desenhe um leve traço de «eye-liner», azul-claro.

Nem sempre é fácil, logo à primeira, conseguir um traço direito e seguro. Para apagar os vestígios da pintura anterior, utilize um palito envolto em algodão, embebido em líquido de tirar a maquilhage dos olhos.

Ainda para sublinhar os olhos, desenhar no interior da pálpebra um traço com lápis branco, o que dará ao seu olhar um brilhar diferente, fazendo também a parte branca dos olhos, parecer levemente azulada.

Deve ainda aplicar no canto externo do olho, um pouco de sombra da cor da iris: azul, verde, cinzento ou malva. (Cores preferidas).

Se necessitar de óculos... use-os, pelo menos com regularidade. Mesmo com eles, pode continuar a ser bela, evitando um prematuro cansaço que em nada a favorecerá.

Muito juvenil este conjunto estilo «Kimono», inspirado nos trajos orientais. Foi exibido nas colecções do pronto-a-vestir internacional de Paris. Confecciona-se em tecido 100 por cento algodão, estampado com flores nos tons laranja, azul e violeta. Tanto as calças como o maxi-casaco têm uma barra estampada com motivos de pintura, a imitar quadros.

HOROSCOPO DA MODA

Os adornos de estilo antigo, dourados ou prateados, que nos recordam o Renascimento, tornam estes cintos, algo fora do vulgar, podendo ser usados com trajos desportivos ou de cerimónia

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
RESTAURANTE DE LUXO
Serviço de Bar
das 15h e 30m às 24h
Rua de S. Julião

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.° 5 — Barcelona (Espanha).

CONCURSO PARA A CRIAÇÃO DE MARCA E LOGOTIPO PARA A COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE CPE, S.A.R.L.

A Companhia Portuguesa de Electricidade – CPE, S.A.R.L, leva a efeito um Concurso para a criação de uma Marca e de um Logotipo que a identifiquem visualmente entre os seus vários serviços ou nas suas relações com o exterior.

O Concurso é realizado em colaboração com o Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial do Instituto Nacional de Investigação Industrial.

Os interessados em receber a documentação detalhada sobre o Concurso deverão dirigir-se à Companhia Portuguesa de Electricidade Av. Infante Santo, 17-1.° em Lisboa, ou Rua Sá da Bandeira, 567-1.° no Porto, nas horas de expediente, até ao dia 30 de Novembro de 1971.

A entrega dos projectos deverá ser feita até 31 de Março de 1972.

1971-1972

NA ÁREA COMERCIAL DO CHIADO

encontra tudo o que há nos outros lados e mais o que só há nos estabelecimentos do Chiado!...

BANCOS CÂMBIOS

Banco Fonsecas & Burnay
LARGO DO CHIADO, 24

Banco Nacional Ultramarino
P. LUÍS DE CAMÕES, 17

BRINQUEDOS VESTUÁRIO-CRIANÇA

Azul e Rosa
RUA GARRETT, 27

Casa Benard, Lda.
RUA GARRETT, 84

Grandes Armazéns do Chiado
RUA DO CARMO, 2

MOVEIS DECORAÇÕES

Casa Quintão
RUA IVENS, 30

ALFAIATARIAS E GRAVATARIAS

Picadilly
RUA GARRETT, 69

UTILIDADES LOIÇAS CRISTAIS

Fábrica de Porcelanas Vista Alegre
LARGO DO CHIADO, 18

José Alexandre
RUA GARRETT, 8 e 18

VIVERES VINHOS CAFES

Casa Pereira
RUA GARRETT, 38

ESTABELECIMENTOS Jerónimo Martins
RUA GARRETT, 13 a 23

PASTELARIAS RESTAURANTES

Pastelaria Benard
RUA GARRETT, 10

Pastelaria Marques
RUA GARRETT, 72

HOTEIS

Hotel Borges
RUA GARRETT, 108

CABELEIREIROS

Danova e Margarida
RUA DAS FLORES, 113

CHAPELARIAS HOMENS SENHORAS

Chapelaria da Moda
RUA GARRETT, 34

OPTICA

Oculista Ramos & Silva
RUA GARRETT, 63

LIVRARIAS

Bertrand
RUA GARRETT, 73

Diário de Notícias
LARGO DO CHIADO, 9

Sá da Costa
RUA GARRETT, 100

SEGUROS

A Mundial
LARGO DO CHIADO, 8

Império
RUA GARRETT, 62

PERFUMARIAS

Oliveira & Santos Marques, Lda.
P. LUÍS DE CAMÕES, 14

LOTARIAS

Casa da Sorte
RUA GARRETT, 37-39

SAPATARIAS

Hélio
RUA GARRETT, 41

TABACOS

Havaneza
LARGO DO CHIADO, 25

MODAS E CONFECÇÕES PRONTO A VESTIR

Paris em Lisboa
RUA GARRETT, 77

Casa Sousa
RUA GARRETT, 76

Sopal
RUA IVENS, 58-64

Modas Conde & Nogueira
RUA GARRETT, 29

David & David
RUA GARRETT, 112

MAQUINAS DE COSTURA

Santos & Araújo, Lda.
RUA GARRETT, 49-51

ELECTRO DOMESTICOS

Companhias Reunidas Gás e Electricidade
RUA GARRETT, 2

Eduardo Martins & Ca.
RUA GARRETT, 7

Grandes Armazéns do Chiado
RUA DO CARMO, 2

Ramiro Leão
RUA GARRETT, 83

Tatá & Rodrigues
RUA GARRETT, 53-59

PLASTICOS

Sopal
RUA IVENS, 58-64

JOALHARIAS OURIVESARIAS

Aliança
RUA GARRETT, 50

Eloy de Jesus
RUA GARRETT, 45

DL CONTA CORRENTE

O leitor tem a palavra

«Conta-Corrente»: uma iniciativa do nosso jornal que caiu no goto entre os leitores do «Diário de lisboa», de molde a constituir já hoje, no horário quotidiano de muita gente, um agradável (e bem útil) passatempo.

Veja-se, a talhe de foice, o que nos declararam alguns leitores participantes na «Conta-Corrente», que estão na corrida para prémios verdadeiramente fabulosos:

Isabel Maria Parreira: «sou leitora há 15 anos»

Maria Manuela Parente: «com o casamento a caminho...»

João Correia Martins: «a Audi 75 Variant» vinha mesmo a calhar

Maria Alice Ferreira Nobre: «gostava de apanhar a vivenda»

A nossa leitora Maria Alice Ferreira Nobre tem apenas 14 anos, é estudante do 5.º ano dos liceus e já lê o nosso jornal há muito tempo.

— **Cá em casa lê-se o «Diário de Lisboa» desde os tempos de miúdo do meu pai. Temos participado em todos os concursos do jornal mas nunca ganhámos nada. A «Conta-Corrente» é uma iniciativa interessante: obriga as pessoas a comprar o jornal e faz publicidade aos artigos que se tem de adquirir. Desta vez tenho esperanças de poder ganhar, pois já comprei alguns artigos da «Diese», dos «Discos Movieplay», das «Caves Aliança» e outros mais que não me lembro agora. Olhe: gostava de apanhar a vivenda, pois esta casa em que moro já é muito velhinha.**

Outra leitora respondeu ao nosso inquérito: a sr.ª D. Isabel Maria Conceição C. R. Parreira, funcionária do Estado, mãe de um pequerrucho de tenra idade e à espera de novo descendente:

— **Já leio o jornal há cerca de quinze anos e tenho concorrido à maior parte dos concursos por ele organizados. Ainda não ganhei nunca nenhum prémio e desta vez não sei se terei melhor sorte. Tenho comprado alguns produtos da iniciativa, à venda nos supermercados, e peças de acessórios para o nosso automóvel. Devo ir fazer um seguro para o próximo filho que vier e vou ver se dentro das minhas disponibilidades vou comprando mais qualquer coisa. Como já tenho um automovel, a vivenda agora vinha mesmo a calhar em especial com o nascimento do próximo filho.**

Lia despreocupadamente o jornal, na Avenida, quando o interpelámos: era o nosso leitor João Correia Martins, de 22 anos de idade, estudante de Arquitectura:

— **Sempre li o «Diário de Lisboa», pois foi sempre o jornal onde encontrei mais interesse de leitura. Concorri ao último concurso organizado pelo jornal e ganhei até um rádio portátil. Não é a primeira vez que a sorte me bate à porta e espero que não seja a última. Para já, ainda não tenho muitos pontos, pois só aora me comecei a interessar pela iniciativa. Achoa-a muito interessante e acessível, se bem que as algibeiras mais rechea das tenham mais possibilidades. Para mim, o prémio que mais me interessava era a «Station Audi 75 Variant».**

Para os lados do Pote de Agua Maria Manuela Rodrigues Parente, 18 lindíssimos anos, estudante e concorrente ao último concurso das «Teen-Agers» organizado pelo nosso jornal. Participante na «Conta-Corrente»?

- Claro. Concorri a quase todos os concursos organizados pelo jornal e esta iniciativa com as suas características especiais, tinha de merecer o meu interesse. Sabe: assim aproveito para fazer as minhas compras e ao mesmo tempo pontuar no concurso. Já comprei cosméticos, um relógio Omega, produtos da «Diese» e das «Caves Aliança». Agora, quando receber uns dinheiros com que estou a contar, vou atacar em força para ver se desta é que ganho o que não ganhei nas «Teen-Agers». A casa vinha mesmo a calhar, pois o casamento começa a aproximar-se e é sempre uma dor de cabeça para toda a gente isso de encontrar casa.

Aí está porque lhe recordamos, leitor: ainda está a tempo de galopar para os excelentes prémios em equação. De seguir, afinal, o mesmo trilho dos leitores do «Diário de Lisboa» que lhe apresentámos.

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO Uma vivenda na área de Cascais, construída por Baraona e Baraona, Lda., completamente mobilada com móveis Baía e um CITROEN AMI 8.

Um seguro Ramo Fogo, na Garantia Funchalense, no valor de 1000 contos.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

2.º PRÉMIO Uma «station» AUDI 75 Variant.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

3.º PRÉMIO Um barco «DORI 13», equipado com motor EVINRUDE.

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 100 contos.

CLASSIFICAÇÃO POR MARCAS OU ANUNCIANTES

PRÉMIO DO JORNAL «MOTOR» Um Triumph Spitfire último modelo.

PRÉMIO GARANTIA FUNCHALENSE Um seguro Ramo Acidentes Pessoais no valor de 5000 contos.

PRÈMIOS VOLKSWAGEN 1.º Prémio Assistência técnica durante um período de 20 000 quilómetros a contar da data da atribuição do prémio.

2.º Prémio Jogo de extras «VW» constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cockpit» com relógio, manómetro de pressão de óleo, grelhas, termómetro e conta-rotações.

3.º Prémio Auto-rádio BENDIX, modelos Saphira XI incluindo antena e montagem.

Prémio especial Fim-de-semana em Paris com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de 1.ª classe em regime de pensão completa) para duas pessoas, e ainda um Volkswagen às ordens no Aeroporto de Orly.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

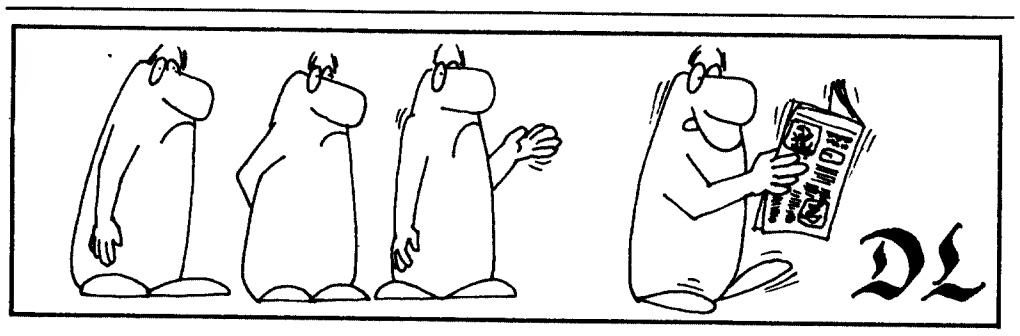
Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses	130$00
6 meses	250$00
12 meses	485$00

Pag a mento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe e n v i e mos p elo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.



CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 13 de NOVEMBRO de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Corola - Toyota	2			
Olympus - Comundo	3			
Ford	8			
Austin - J. J. Gonçalves	10			
Caves Aliança	11			
TAP	13			
J. Pimenta	14			
IWC Ingénieur	14			
Diese	15			
Vicon - J. J. Gonçalves	16			
Lamborghini	17			
Baume Mercier	18			
Companhia Colonial Navegação	19			
Korting - J, J. Gonçalves	20			
Bulova Accutron	21			
Siemens	22			
Morris - A. M. Almeida, Ld.ª	Três			
Timex	Seis			
Hagen Baterias	Sete			
Buta-Therm'x	Sete			
Intertech - A. M. Almeida, Ld.ª	Dez			
Demag - Romar	Dez			
Castor	Onze			
Cometna	Onze			
Daga	Treze			
Stoffels	Catorze			
Cetop	Dezasseis			

PARA O PERIODO DE 14 A 20 DE NOVEMBRO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

Aries

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: A sua vida sentimental e familiar decorrerá em condições bastante satisfatórias, durante esta semana. Terá mesmo possibilidades de esclarecer completamente algumas dúvidas, equívocos e situações confusas que lhe tinham sido criadas, o que lhe permitirá melhorar a sua posição.

DINHEIRO: A semana em curso apresenta-se bastante próspera para si, no que diz respeito aos seus interesses de ordem financeira.

PROFISSÃO: Procure resolver durante esta semana todos os problemas e assuntos de natureza profissional que estão em suspenso, pois o momento é favorável para si. Terá possibilidades de melhorar consideràvelmente a sua situação se souber aproveitar devidamente as oportunidades que lhe proporcionarão.

SAÚDE: Não se notam perturbações de saúde importantes durante a semana em curso. No entanto tome precauções contra possíveis ferimentos na cabeça.

Taurus

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Sob o ponto de vista amoroso as suas influências astrológicas para esta semana não se apresentam muito propícias aos seus interesses. Será aconselhável adiar para mais tarde todas as decisões importantes que tenha de tomar neste capítulo. No plano familiar use igualmente de prudência.

DINHEIRO: Use de muita prudência em todas as aplicações de capital que faça durante esta semana e duma maneira geral em todos os seus negócios e assuntos económicos, pois o periodo é um tanto perigoso.

PROFISSÃO: Proporcionar-lhe-ão excelentes resultados as viagens que faça durante esta semana no exercício das suas actividades profissionais. Será aconselhável que evite iniciar empreendimentos demasiado arriscados, pois poderia ver-se enredado em situações embaraçosas.

SAÚDE: É provável que durante esta semana sofra algumas indisposições de saúde, sobretudo provocadas pelo mau funcionamento de aparelho digestivo.

Gemini

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: A semana em curso apresenta-se duma maneira geral bastante favorável para todos os seus assuntos que de qualquer modo se relacionem com o sexo oposto. As suas relações de amizade evoluirão igualmente num sentido muito agradável, e ser-lhe-ão extremamente úteis.

DINHEIRO: O período apresenta-se muito favorável para todas as iniciativas no plano económico. Os seus esforços serão coroados de excelente êxito.

PROFISSÃO: Período muito propício para si, no plano profissional. Serão especialmente protegidos os assuntos relacionados com correspondência e viagens curtas. Talvez tenha de enfrentar alguns problemas, que no entanto saberá resolver em condições inteiramente satisfatórias.

SAÚDE: Sob o ponto de vista físico a semana será mais ou menos normal. Em todo o caso será conveniente que procure repousar o suficiente, evitando os esforços exagerados poupando as suas energias.

Cancer

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Durante a semana em curso será agradàvelmente supreendido pela atitude de uma pessoa que quase tem ignorado até agora, e que lhe porporcionará excelentes alegrias e satisfações. A sua vida familiar decorrerá em condições muito agradáveis e tranquilas.

DINHEIRO: Terá possibilidades de melhorar sensívelmente as suas condições de vida, durante esta semana. No entanto não se entusiasme demasiado, não exagere os seus gastos, pois poderia criar complicações.

PROFISSÃO: Se as suas actividades profissionais são de carácter artístico ou intelectual, obterá durante esta semana êxitos muito interessantes. A sua vida profissional será eficientemente protegida pelas suas influências astrológicas para este período, pelo que é de esperar uma elevação considerável da sua posição.

SAÚDE: É provável que venha a sofrer durante esta semana, de resfriamentos ou infecções, especialmente nos pés. Tome as precauções aconselháveis.

Leo

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Corre o risco de vir a envolver-se em situações deveras embaraçosas e comprometedoras, se não for muito prudente na orientação da sua vida sentimental. Procure igualmente levar em consideração os interesses e desejos da sua família, pois isso poupar-lhe-ão atritos e aborrecimentos muito sérios.

DINHEIRO: Use de muito cuidado e prudência na orientação de todos os seus assuntos de ordem económica, pois está exposto a contrariedades de certa importância. O período é um tanto desfavorável nesse sentido.

PROFISSÃO: Será aconselhável que durante esta semana se dedique quase exclusivamente ao estudo dos seus problemas profissionais, à análise da sua situação, de maneira a poder traçar uma orientação inteligente e acertada para a sua actividade futura.

SAÚDE: Use de muito cuidado na sua vida em geral, pois corre o risco de sofrer acidentes de certa gravidade. Seja prudente.

Virgo

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se mais ou menos favoráveis, no que diz respeito aos seus assuntos e interesses de natureza sentimental e familiar. No entanto não seja demasiado optimista pois existem ainda alguns problemas e dificuldades a resolver, e é necesssária uma atitude prudente da sua parte.

DINHEIRO: Sob o ponto de vista material a semana apresenta algumas vantagens para si, uma melhoria sensível da sua situação. Obterá bons ganhos através de negócios ou oportunidades inesperadas.

PROFISSÃO: As suas actividades profissionais desenvolver-se-ão em condições bastante satisfatórias para os seus interesses, durante a semana em curso. Pode sem receio adoptar uma orientação mais audaciosa, pois as suas iniciativas serão muito bem sucedidas.

SAÚDE: Não se observam alterações importantes do seu estado de saúde durante a semana em curso. Tudo correrá normalmente neste capítulo.

Libra

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: A prudência deve ser a característica básica da sua actuação durante esta semana no que se refere aos seus assuntos sentimentais e familiares. Se não proceder com cuidado e diplomacia pode criar situações muito confusas e embaraçosas, que prejudicarão fortemente os seus interesses.

DINHEIRO: Controle estreitamente as suas despesas, mantendo-as a um nível razoável. Se não proceder assim pode sofrer muitas dores de cabeça, visto que as suas receitas serão relativamente fracas, durante este periodo.

PROFISSÃO: Não perca tempo a elaborar planos de acção, projectos complexos e minuciosos para o futuro no que diz respeito às suas actividades profissionais. Durante esta semana será mais ou menos incapaz de modificar a sua situação, pelo que será preferivel limitar-se à sua rotina habitual.

SAÚDE: Vigie cuidadosamente o funcionamento dos seus rins, que durante esta semana estão expostos a perturbações diversas. Tome as precauções aconselháveis.

Scorpius

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: O período apresenta-se bastante auspicioso para si, no que se refere à sua vida amorosa. Será grandemente beneficiado pela intervenção de pessoas amigas, de cuja simpatia nem sequer suspeitava, e que lhe serão muito úteis. A vida familiar decorrerá igualmente em condições muito agradáveis num ambiente de calma e harmonia.

DINHEIRO: Sob o ponto de vista financeiro a semana em curso não será muito favorável para os seus interesses. Poderá mesmo verificar-se uma redução dos seus ganhos.

PROFISSÃO: Em certos momentos ver-se-á em dificuldades para cumprir os seus deveres profissionais, as obrigações a que se comprometeu. No entanto poderá vencer fácilmente essas dificuldades se souber encará-las de frente, atacando-as resolutamente.

SAÚDE: Será aconselhável que evite abusar das suas energias e reservas, tanto físicas como mentais. Procure distrair-se e repousar, dentro das suas possibilidades.

Sagittarius

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Terá de agir de maneira muito cuidadosa e prudente durante esta semana, demonstrando espírito de tolerância e compreensão,, pois só assim terá possibilidades de alcançar os seus objectivos de natureza sentimental. Sempre que surja um problema a resolver, utilize a sua inteligência em vez de cólera ou da obstinação.

DINHEIRO: Não será aconselhável que aceite novos compromissos, que assuma novas responsabilidades, pois não está neste momento em condições de dar boa conta do recado. Mantenha-se na expectativa.

PROFISSÃO: Os seus interesses profissionais só serão eficientemente definidos e protegidos durante a semana em curso, se souber tirar todo o partido da sua inteligência, estabelecendo uma linha de conduta realmente eficaz realmente útil e acertada.

SAÚDE: Use de muito cuidado durante este período no que se refere ao seu estado de saúde, não cometa imprudências que lhe sairiam caras.

Capricornius

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Os seus interesses de ordem amorosa, familiar e social, são duma maneira geral pouco protegidos pelas suas influências astrológicas para esta semana. Será portanto necessário que use de muito cuidado e que enfrente com habilidade os problemas que não deixarão de surgir neste sector. A diplomacia será a sua melhor arma.

DINHEIRO: Aguarde uma oportunidade mais favorável para pôr em prática os projectos que estabeleceu sob o ponto de vista financeiro.

PROFISSÃO: Será absolutamente imprescindível que a sua atitude de vigilância seja muito atenta, durante esta semana, pois o perigo está à espreita e pode surgir no momento em que menos o esperar. A sua situação profissional é neste momento pouco firme, pouco estruturada, e pode ser comprometida por qualquer contratempo que surja.

SAÚDE: O excesso de actividade mental pode causar algumas pequenas perturbações durante este período.

Aquarius

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Durante esta semana nota-se em si uma certa tendência a descurar a sua vida e os seus assuntos sentimentais, desviando a sua atenção de preferência para os seus interesses materiais. Não exagere essa tendência, pois poderá criar complicações muito importantes.

DINHEIRO: Procure realizar os seus projectos, levar á prática as suas ideias, pois o periodo é muito favorável para si, no plano material.

PROFISSÃO: Será aconselhável que se dedique com todo o entusiasmo e atenção às suas actividades de ordem profissional, pois a sorte estará do seu lado e protegerá eficientemente todas as iniciativas que tomar. Obterá resultados verdadeiramente inesperados.

SAÚDE: O seu estado de saúde será excelente, durante a semana em curso. Não se notam possíveis perturbações.

Piscis

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Sob o ponto de vista amoroso a semana decorrerá em condições absolutamente normais, sem incidentes ou acontecimentos verdadeiramente importantes a assinalar. No entanto será aconselhável que se habitue a adoptar uma atitude de sinceridade e de franqueza, agindo às claras, o que só beneficiará a sua posição nesse capítulo.

DINHEIRO: É pouco provável que consiga obter resultados importantes durante esta semana. Terá de usar de muita persistência para colher resultados apenas razoáveis.

PROFISSÃO: O período apresenta-se pouco favorável para a acção prática. Dedique-se de preferência a estudar os seus projectos para o futuro, delineando uma orientação profissional capaz de conduzir aos objectivos que tem em mente, às ambições que alimenta.

SAÚDE: O seu estado de saúde será mais ou menos boml desde que não se indisponha com coisas sem importância, que só prejudicam o equilíbrio do sistema nervoso.

NOVOS DISCOS

ACORDEÃO NOS TOUROS

Isidro Baptista regressa aos «pasodobles» toureiros com o seu último disco para a etiqueta Orfeu: «Touradas em Badajoz», «Touradas em Alcochete», «Touradas em Beja» e «Lupi», este último de homenagem ao popular toureiro. Todas as composições, interpretadas em acordeão, são do próprio Isidro, cuja última canção de sucesso foi «Joaquim Agostinho». Isidro, é evidente, sabe defender bem a vendagem dos seus discos

VIOLONCELO E PIANO

AMANHÃ NA GULBENKIAN

Prossegue amanhã, às 18 e 30, a série de «Concertos do Auditório Dois», promovida pela Fundação Gulbenkian na presente temporada. Serão intérpretes a violoncelista Isabel Delerue e a pianista Maria Teresa Paiva. Do programa constam as seguintes obras: **Sonata em dó menor**, de Geminiani, **Suite em ré menor**, de J. S. Bach, **Elegia**, de Fauré, **arioso e Capriccietto**, de Cláudio Carneiro, **Sete Variações sobre um tema de «A Flauta Mágica»**, de Beethoven e **Peças de Fantasia**, de Shumann.

Isabel Delerue foi discípula, em Paris, do eminente pedagogo André Navarra, mercê de bolsas de estudo concedidas pelo Instituto de Alta Cultura e pela Fundação Gulbenkian. Tem-se apresentado como solista, em recitais na Emissora Nacional e na Radiotelevisão Portuguesa, bem como à frente das Orquestras Sinfónica do Porto e «Pró-Música», do Conservatório Regional de Aveiro.

Por sua vez, a pianista Maria Teresa Paiva aluna de sua mãe Gilberta Xavier de Paiva, e de Jorge Cróner de Vasconcellos. Fez estágios de aperfeiçoamento artístico no Mozarteum de Salzburgo e na Escola Superior de Música de Colónia. Tem dado grande número de recitais em Portugale na Alemanha, e é detentora dos Prémios do Conservatório Nacional, Botelho Leitão, Rey Colaço e Pró-Arte.

Como habitualmente, os estudantes beneficiam de 50 por cento de desconto no preço dos bilhetes.

Horus
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» __ todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

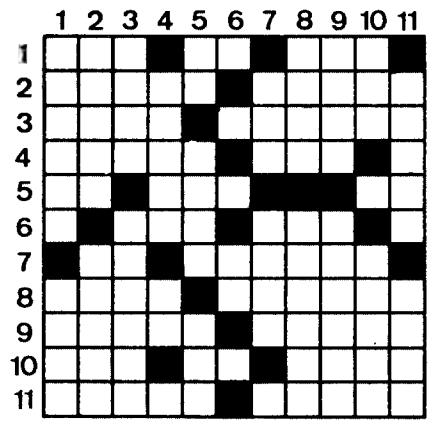
Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) __ Telef 724162 __ LISBOA

Quem quer brincar

Em Elsental, perto de Stuttgart (Alemanha Federal), todos os dias são dias de brincar quando grupos de crianças entre os 8 e os 15 anos disputam o privilégio de montar póneis da Islândia ou escovar e dar de comer aos mesmos e a alguns burros. Porque ali mesmo, na propriedade de um casal que adora a «malta miúda», a entrada é livre para quem quiser fazer tudo isso e mais alguma coisa, por exemplo conviver com dúzias de cães e de gatos. «Quem tem uma quinta como eu tenho», diz dono, « «não deve considerá-la um mundo fechado».

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9917



HORIZONTAIS:

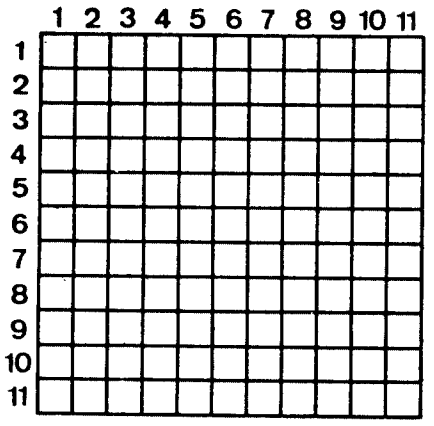
1 Recusa. Tempo do verbo haver. Bondoso.
2 Serra do estado do Pará. Cara grande.
3 Trama. Golpes.
4 Além. Voz do gato.
5 Batráquio. Claridade. Rio de Itália.
6 Preposição. Mau cheiro.
7 Em partes iguais. Algarve (Ant).
8 Voz imitativa do ruído de cousa que se parte, especialmente de vidros Dourados.
9 Aves aquáticas. Ave trepadora.
10 Passada. Alternativa. Metal precioso de cor amarela.
11 Pessoa muito parecida com outra. Queimas.

VERTICAIS:

1 Cobrira de nata. Pronome relativo. 2 Género de pal-
2 Género de palmeiras das regiões quentes do antigo Continente, de cujo fruto se extrai o cachu. Seco.
3 Um dos estados da América do Norte. Adejas.
4 Líquido para cultura de micróbios. Solitario.
5 Nome de letras do alfabeto arábico encoleriza. Ecoa
6 Nota musical.
7 Preposição. Chuva.
8 Cidade de Itália. Viaturas.
9 Nascimento de um astro Limpais metais.
10 Origem. Suja.
11 Restos mortais. Sadios

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6075



HORIZONTAIS

1 Espécie de pano grosseiro, de algodão (Ant). Grandes.
2 Patrão. Liguei. Enguia.
3 Pronome reflexo. Conselho O mais.
4 Cansa. Assanho.
5 Verbais. Nome de frutos.
6 Fileira. Consentimento.
7 Rezo.
8 Ressoar. Triste.
9 Planta do Brasil. Cidade de França.
10 Invulgar leito.
11 Amargo. Unem por casamento.

VERTICAIS

1 Corto. Amarra.
2 Guarnecera de ameias. Escarneçam.
3 Interjeição empregado para afugentar galinhas e outras aves domésticas O mesmo que salmoira.
4 Moeda portuguesa de Dio Formar as abas a
5 Nome de frutos. Agora.
6 Agência telegráfica de Imprensa. Prasiodímio (s q).
7 Rio da Alemanha. Escavá.
8 Vazios. Baú.
9 Troça. Olvidaras.
10 Lavraram. Mulher nobre.
11 Chão (pl). Costurem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9916

HORIZONTAIS

1 SEDE. JUSTOS.
2 Eles. Areara.
3 Lai. Azar. Ab.
4 Artur. Lista.
5 Aer. Ase.
6 E. SEREIS.
7 IV. Dala. Pró.
8 Rimo. Lear.
9 Aro. Oro. Mit.
10 Damas. Trave.
11 Aromo. Asnas.

VERTICAIS:

1 Sela. Eirada.
2 Elara. Virar.
3 Deites. Momo.
4 Es. Uredo. Am.
5 Ar. Rã. Oso.
6 Jaz. Pelar.
7 Ural. Ia. Ota.
8 Sérias. Rs.
9 Ta. SS. Peman.
10 Orate. Raiva.
11 Sabá. FORTES:

Provérbio: Sede justos e sereis fortes.

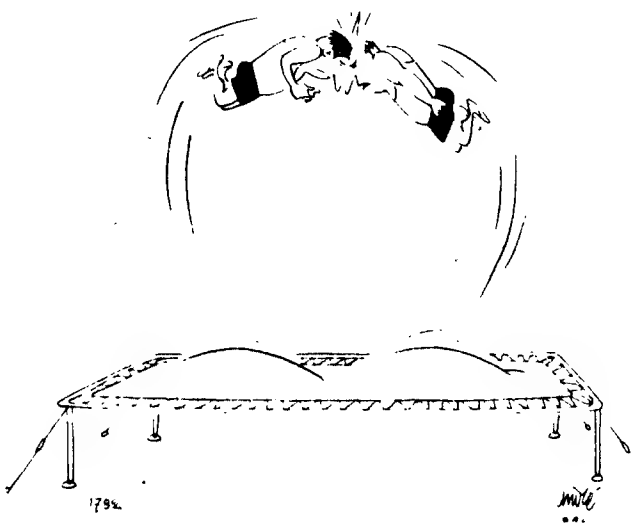
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6074

HORIZONTAIS:

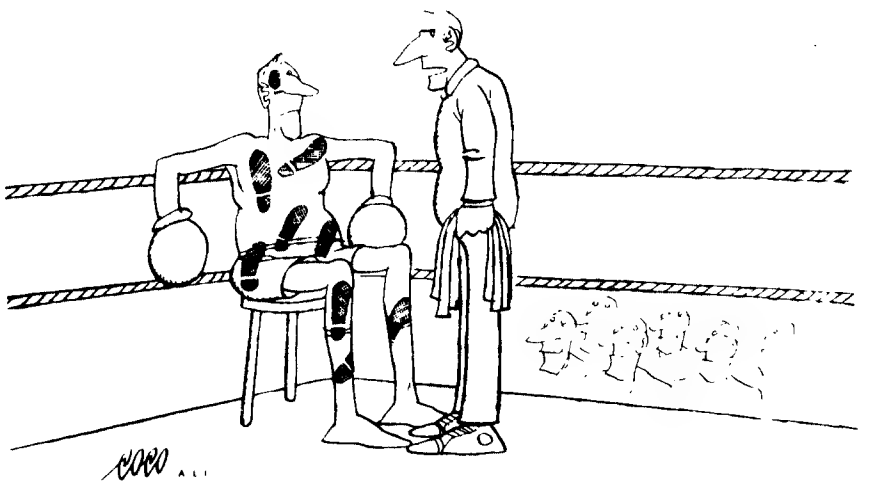
1 Saaz. Patã.
2 Ama. Tia. Cri.
3 II. Madre. Or.
4 Gema. Laço.
5 Aio. Tas. Mas.
6 Ornar. Opero.
7 Oaio. Cana.
8 Sondara.
9 Ia. Loira. Pé.
10 Erra. Real.
11 Vassa. Passe.

VERTICAIS:

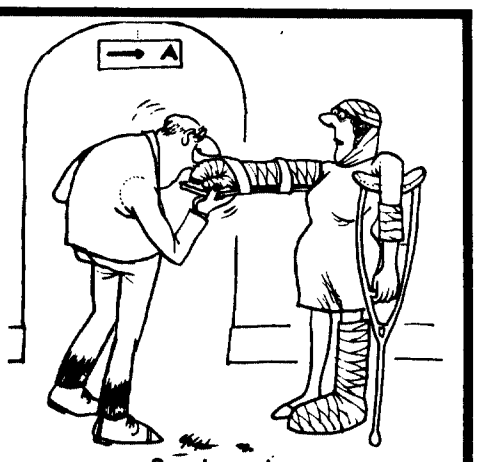
1 Saigão. Riev.
2 Amieiro. Ara.
3 Aa. Monas. Rs.
4 Má. Aiolas.
5 Ta. Trono.
6 Sidra. Dio.
7 Ar. Socar.
8 El. Parara.
9 AC. Amena. Es.
10 Trocara. Pás.
11 Airoso. Pele.



Sem legenda...



O que ele tem é um bom jogo de pernas!



Sem legenda...

Com que então fazendo caricaturas da professora?

A dívida que tem de ser paga

por NEVES DE SOUSA

Meu caro Gomes da Silva:

Sei que o senhor é um *tipo* inteligente. Sei que não é arrivista, que não caíu de páraquedas nesta selva densa e tenebrosa que chega a ser o futebol profissional da nossa terra. Sei que o meu amigo tem por si, no seu «palmarés», uma obra de inteira validade, tantas vezes feita no anonimato e fora dos grandes planos que caiem, de jacto, sobre os que se colocam em bicos de pés. Por isso, amigo Gomes da Silva, fiquei a cismar quando li que o seleccionador nacional de futebol, você próprio, estava quase transido de medo perante a sorte ou a fortuna do «europeu» nos ter colocado pela frente a equipa da Bélgica, em partida absolutamente decisiva para os desejos de uma turma e a concretização dos mais belos anseios de outra.

Um jogo contra a Bélgica.

Cá. No mesmo estádio em que o Sport Lisboa e Benfica se projectou para os mais altos céus do futebol europeu.

Com toda a equipa do Benfica (a maior realidade do futebol profissional deste cantinho da Europa) a render em pleno.

Sem ninguém lesionado (cruzes, canhoto).

Com o Damas outra vez na *sua* forma.

Com um Torres recuperado para o jogo que o entronizou.

Sem problemas a vencer:

José Torres: volta sensacional

sem ninguém a intrometer-se no seu trabalho.

Com o público a jogar com a equipa.

Perante um adversário que está no rés-do-chão, que sempre esteve à porta da cave do areópago da bola, mesmo nos tempos audazes em que ninguém adivinhava que o futebol ultrapassaria a meta do puro diletantismo e se tornaria o tal íman que aglutina multidões e cifrões.

2

Daí, Gomes da Silva, que eu tenha ficado *siderado*: era lá possível que o seleccionador português, homem do futebol calejado já por mil emoções diferentes, tivesse regressado da Escócia a um centímetro do estado de pânico pelo facto (simples e corrente) do onze português ter de vencer, por dois golos de vantagem, a quase anónima turma da Bélgica, sòmente projectada para um voo mais largo por erros e azares das hostes adversas. Era lá possível que o mesmo homem que amparou a inesquecível campanha de Inglaterra (em que os «Magriços» estiveram no rumo do título mundial) se deixasse submergir pela quase apagada e vil tristeza que não deixou os belgas erguer cabeça e conquistar um só empate no *outro* jogo que não podiam perder, perante um «team» que sòmente nos bateu porque Damas apenas tinha de seu, em campo, as botas negras e o rosto gaiato. Era lá possível que o mesmo Gomes da Silva que teve o próprio Belenenses (lembra-se, amigo?) na escalada para um campeonato nacional, baixasse assim os braços ante a hora e meia de *serviços leves* que nós (nós todos) temos o direito de pedir ou exigir a uma selecção de futebol em que estão alguns dos melhores e mais aplaudidos nomes da jogo europeu.

Onde está a equipa do Benfica: a mesma que esta temporada tem passeado, sòberana, pelos mais difíceis e inóspitos relvados da Itália, de Espanha, Bulgária e Jogoslávia os mesmos onze homens que (até) longe do seu público granjearam atingir o topo da tabela no nacional maior e vão no rumo de uma «Taça dos Campeões Europeus» que já não será prata inédita nas suas mãos.

3

E, todavia, amigo Gomes da Silva, o senhor veio da Escócia muito receoso: e as gentes, os da bola, não gostaram disso. É que houve muita cabeça saudosa que deu por si a relembrar (ou seria sonho?) o que se passou em 1966, nas cabinas de Wembley, minutos antes da cartada contra a Inglaterra: quando alguém (nem vale a pena nomes) submergiu os horizontes do escalão português com a *célebre* frase de que *já podemos perder porque chegámos onde nunca ninguém esperava*. E isso foi o ruír de todas as hipóteses, o recolhimento ao sub consciente que transporta à infância descuidada e sem aspirações.

Do contentinho da vida.

Do imbecil sem garra para saltar sobre os muros do caminho.

Do pobre rapaz pobre que sempre viveu do tostão e nem conhece a côr do milhão.

Do anónimo que não escreve história nem ganha um degrau na vida.

4

Porque, amigo (amigos que me lêem a Bélgica não é nenhum arrepiu de frio e até perdeu da Escócia, para um grupo de rapazes desinibidos que não tinham em equação sobre a relva nada mais que o seu brio e a sua vontade. Perguntem a quem quer que seja e logo terão a certeza: para além de um Van Himst que equivale a quatro dos nossos primeiros planos, que vale o futebol belga de hoje? Que credenciais carrega sobre os ombros? Que azul está no seu céu?

Uma boa turma de clube (e aí está o Benfica) dá três de vantagem ao Standard de Liége. Ou ao Anderlechet. E, corte-se-nos a cabeça se no meio da tabela do campeonato português não há equipas capazes de bombardearem esses tais do Racing Withe ou do Bruges.

Não eram adamastores sobre penhascos. Não criem, sobre as cabeças dos jogadores de Portugal (de Eusébio e seus companheiros) um fatalismo de raça que parecia ter sido vencido aqui há coisa de cinco anos.

Por Otto Glória e por si, Gomes da Silva.

5

Raras vezes um seleccionador português de futebol encontrou em seu redor um tão belo clima de compreensão. De respeito. Daquela admiração que lhe é devida, Gomes da Silva, até por você ser um *sujeito* informado e culto, esperto e inteligente.

Octávio: o espírito da vitória

Que sabe, que deve saber o que quer. A quem, por isso, não pode perdoar-se que seja o primeiro a descrer das possibilidades dos rapazes que reuniu e, neste momento, foram escolhidos por todos nós. E, no entanto, o meu amigo não os está mentalizando para a única coisa que é necessário insuflar-lhes no animo.

Aquilo que se exigiu ao «onze» das cinco quinas quando estava a *tomar* três dos coreanos.

Aquilo que se pediu ao Benfica nas tardes de Berna e Amesterdão.

Aquilo que o Sporting foi obrigado a dar a Portugal na tarde do confronto final com o M.T.K..

Aquilo que transforma o anónimo de hoje na «estrela» de manhã.

6

Porque os belgas, jogadores de Portugal, são apenas futebolistas de razoável trato técnico e bom índice físico. Que manejam bem a arma do contra-ataque mas têm defesa vulnerável e sem chama. Que se preocupam mais em arredar a bola da sua grande área do que em elaborar uma jogada rectilínea e firme que possa ràpidamente fazer vergar Damas e seus colegas. Que não têm, para fazer companhia a Van Himst, uma só pedra de brilho similar.

Comparável a Humberto Coelho ou Rui Rodrigues.

A Simões ou a Artur Jorge.

A José Torres ou a Jaime Graça.

A Néné ou a Octávio de sangue na guelra.

A Peres da astúcia madura.

A Vitor Baptista da corrida acutilante.

Sem falar, claro, de Eusébio.

7

Os belgas estão na corrida para a qualificação europeia por mérito que não lhes pertence: mas que cabe inteirinho à fraca e tímida Dinamarca, à ex-desorganizada e conturbada Escócia e mesmo a nós próprios, que com o sereno pisar de proprietários latifundiários abrimos mão de todos os trunfos às vezes até sem fazer força para os segurar.

Porque o conformismo só foi vencido pelo emigrante.

8

Daí que andemos de pé atrás com o seu susto, Gomes da Silva.

Com os seus receios.

Com os seus medos e temores.

Da apregoada e aprimorada defesa belga.

Da certeira e mortífera vanguarda belga.

Com tudo isso (e o céu também) que devem trazer na bagagem e fazer baquear o reforçado «onze» do Benfica. A quem ainda não se obrigou a devolver os três-zero lá da Bélgica mas a quem apenas se solicita, com a maior veneração e não menor temor, que faça os possíveis por ganhar. Por dois golitos de margem, se puder ser.

A quem, em lugar de atirar para a frente, do primeiro ao último instante de 90 minutos para os quais se vão preparar afincadamente durante todas as horas de 15 dias, se roga (com todas as cautelas e sem provocar melindres) que façam lá esse *favorzinho* de triunfar.

Sobre uma Bélgica de tamancos nos pés, que pôs capa negra sobre o rosto só para obrigar crianças a comerem sopa.

Vamos, Gomes da Silva: Tire o bibe aos rapazes e obrigue-os a devolverem a afronta.

No mínimo, evidentemente.

Tem 25 contos?
Tem 1.000 contos?
Tem outra quantia?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE OS NOSSOS IMÓVEIS

COMPRE APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, SARL

INFORMAÇÕES

LISBOA Pr Marquês de Pombal 15 Telef 45843-4784

QUELUZ -Edifício Sede -R António Enes. 25- Tel 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades
CASCAIS • PACO DE ARCOS
REBOLEIRA • LISBOA

GRUPO O 18 ANOS

DUSTIN HOFFMAN

O PEQUENO GRANDE HOMEM

Flávio começou a mostrar o que vale

O "MINUANO" JÁ ESTÁ A SOPRAR NAS ANTAS

Generalizavam-se as dúvidas sobre as qualidades de Flávio como «artilheiro». Valeria o brasileiro a continha calada que o seu passe custou ao Futebol Clube do Porto? Houve dois ou três jogos, nas Antas, em que os comentários chegaram a ser ferinos: «Como esse temos muitos por aí».

Pois não era o caso. Flávio, pura e simplesmente, é o segundo «goleador» do futebol mundial (mais de setecentos golos), logo atrás do seu compatriota Pelé, que já passou dos mil. Perseguido por Zagalo, desde que este assumiu as funções de técnico do Fluminense, viu-se preterido por Ivair. Nos primeiros tempos, ainda deu para disfarçar a inoperância do novo ataque do tricolor carioca. Mas logo se viu, pela classificação do Flu no campeonato brasileiro, a falta que Flávio fazia. Ivair é um poço de habilidade e malícia, mas está longe de possuir a eficácia do gaúcho.

O APELIDO

Flávio já é o melhor artilheiro do campeonato português. E disto só se podem admirar os que o confundiram com os supostos «craques» importados do Nordeste brasileiro ou dos subúrbios cariocas. Ele é um ponta-de-lança de primeira ordem, um homem dotado com o faro da baliza, um rematador exímio que só muito raramente passará em branco um jogo.

Por Santiago Casal

Quando chegou a São Paulo para jogar no Corintians, procendente do Internacional de Porto Alegre, logo ganhou um apelido: «Minuano», Minuano é o vento cortante que sopra no Rio Grande do Sul, seu Estado natal. Pois o «Minuano» soprou forte em São Paulo e desmantelou as ríspidas defesas dos times paulistas. Flávio tornou-se imediatamente um ídolo da «torcida» corintiana, também chamada de «a fiel». Perguntar-se-á: como é que o Corintians o deixou transferir-se para o Fluminense?

A explicação é fácil: o Corintians não ganha um campeonato paulista desde 1956. Flávio chegou ao Corintians em plena fase de ouro do Santos, na época em que este tinha o melhor time do mundo, de Gilmar a Zito, e a um ataque integrado por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Ninguém podia com os «peixeiros». Nem o Corintians, nem o São Paulo, nem Palmeiras. O mais que Flávio conseguiu com as dezenas de golos que ia marcando, foi ajudar o Corintians a conquistar o segundo lugar. Acabou indo para o Fluminense, campeão carioca e campeão nacional.

A QUESTÃO

Depois Zagalo assumiu no Fluminense. Recebeu do seu antecessor um time armado, com todas as peças no lugar. Tentou fazer obra pessoal, criou atritos, desgostou jogadores, inclusive Lula, um extremo acutilante que ele pretendeu transformar, por puro capricho, num ponta recuado, estilo «formiguinha». O Fluminense entrou em declínio. Flávio, colocado no banco de reservas, não aceitou a situação. Preferiu sair

No Porto, naturalmente, teria de passar por um período de adaptação. O Porto dispunha de dois pontas-de-lança: Lemos e Abel. Para encaixar Flávio teria de sacrificar Lemos, ou deslocar este para a esquerda. Lemos, que já não vinha bem, apagou-se na nova posição. Artur Baeta mostrou um discernimento que faltou António Teixeira: o problema do ataque portista eram os extremos. Num ataque que dispõe de um artilheiro como Flávio, capaz de usar os pés e a cabeça com igual talento, a questão resumia-se em alargar o jogo pelas pontas, para abrir as defesas e tornar profícuos os lançamentos pelo alto ou em profundidade para o centro-avante.

Viu-se em Guimarães (e também no Maracanã, diante do Vasco da Gama) como este sistema pode ser fatal para as mais sólidas defesas, sobretudo quando servido por extremos rápidos e por um «artilheiro» que, como Flávio, está sempre no **melhor sítio** e não hesita na hora de rematar.

Agora o que não se pode exigir deste magnífico brasileiro é que seja um «armandinho», que venha atrás cavar jogo e preparar lances no meio do campo. Essas não são as suas características. Ele é um homem de ataque, capaz de resolver as jogadas que outros criaram e não de as forjar pacientemente. Não o confundam com Yazalde, que é um jogador de outro tipo, muito mais cerebral do que instintivo, mas, sem dúvida, muito menos «artilheiro» do que Flávio.».

AGUARDEM

O Porto, ainda mais agora que vai passar a contar com os serviços de Paulo Amaral, preparador físico de reputação mundial, técnico experimentado e disciplinador severo, tem ainda uma palavra a dizer neste campeonato. O «Minuano» já começou a soprar lá pelos lados das Antas.

A Voz da Geral

«Havia qualquer coisa na cara deles...» A insinuação foi de Simões, capitão **do Benfica, após o difícil jogo de domingo passado com o Boavista, no Porto. Simões não é só um dos mais notáveis jogadores portugueses de todos os tempos. É, também, um homem de «boca larga», que sempre encontra uma justificativa para alguns resultados menos satisfatórios dos «encarnados». Às vezes a culpa é de Jimmy Hagan, que carrega muito na dose do preparo físico. E outras é até dos adversários, que aparecem em campo «dopados». Para um** capitão, **havemos de convir, a loquacidade não é muito recomendável. O Boavista não gostou das suas insinuações, que, enquanto meras insinuações, foram, pelo menos, levianas e irresponsáveis.**

João Saldanha é, de longe, o melhor crítico brasileiro de futebol. Do «team» do Porto, que ele viu no Maracanã contra o Vasco, gostou, sobretudo, de Rolando. Mais uma vez, o seu «olho clínico» funcionou. Ou há quem duvide que Rolando é realmente um «craque»?

Os basquetebolistas da Académica fizeram um excelente primeiro tempo contra o Racing de Malines. Mas depois veio ao de cima a superior classe dos belgas e os estudantes entregaram os pontos. Em matéria de basquetebol, ainda temos que trabalhar um bocado. Mas as razões das deficiências são conhecidas.

Muita gente gostaria de ver Arnaldo chamado aos trabalhos da selecção. Quanto mais não fosse, a título de estímulo. Mas Gomes da Silva não parece muito dado a audácias. Que tenha convocado Octávio já foi uma lança em Africa.

Teles terá sido um bom negócio para o Belenenses? Só o tempo o dirá. O jogador do Madureira não tem cartaz no Rio de Janeiro; é um dos muitos jogadores habilidosos que pululam nos clubes suburbanos do Rio. Fosse ele um craque e já estaria em qualquer dos clubes grandes do Brasil. Mas o Belenenses pode argumentar que quem não tem cão caça com gato.

-MÉDICO

DE CLÍNICA GERAL

-QUÍMICOS-FARMACÊUTICOS/AS

1 COM PRÁTICA DE ANÁLISES CLÍNICAS
1 COM PRÁTICA DE INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

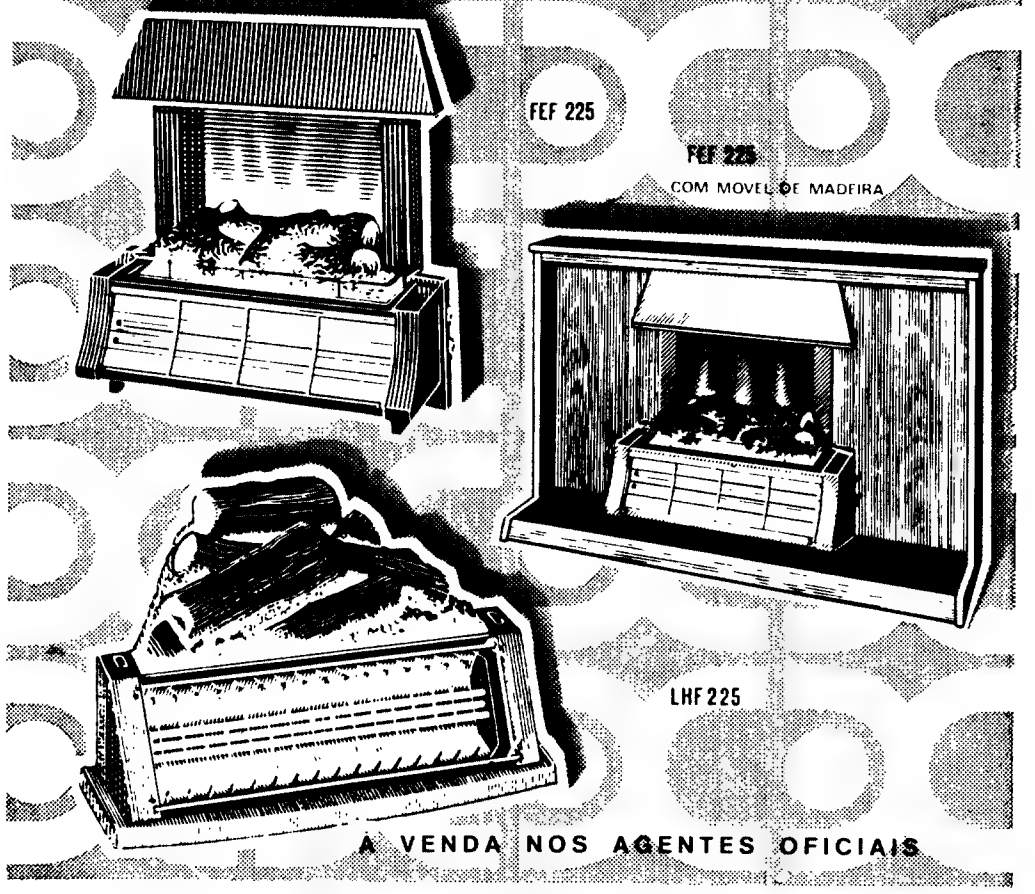
PRECISAM-SE PARA EMPRESA DE GRANDE EXPANSÃO EM ANGOLA

GUARDA-SE SIGILO. CONDIÇÕES VANTAJOSAS.

RESPOSTA COM «CURRICULUM», IDADE E ESTADO CIVIL, A ESTE JORNAL AO N.º 927

Dimplex

LAREIRAS A INFRA-VERMELHOS



A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

A diferença entre uma «casa» e um «lar» depende muitas vezes, da existência duma lareira na sala comum. Uma lareira eléctrica DIMPLEX, pode criar na sua casa o ambiente que lhe falta. Acesa a sua lareira DIMPLEX, a sala fica quente e as pessoas transformam-se – ficam mais comunicativas e mais alegres. As lareiras eléctricas DIMPLEX fazem parte da gama de aquecedores domésticos DIMPLEX – a gama que tem um aquecedor para si.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGUETE, LDA. Rua António Enes, 20, 1.º – LISBOA – Tel. 563416 Av. Dr. Alfredo de Magalhães, 99 – PORTO – Tel. 26902

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX

Nome .....

Morada .....

OS "TOP-TEN" DO DISCO

Rod Stewart e o seu «Maggie May/Reason to Believe», continuam inamovíveis na primeira posição da tabela londrina, na qual a surpresa maior foi a entrada directa para o quarto lugar de «Coz I Luv You», dos «Slade». Isaac Hayes, o negro que assina uma certa música metálica muito bem constituída, pulou do terceiro para o primeiro lugar do «top» de Nova Yorque, onde Rod Stewart, embora bem classificado, se encontra já na fase descendente. «Theme From Shaft», de Hayes, é a banda sonora de um filme sobre a América negra. Enquanto isto, os «Middle of the Road», um dos agrupamentos que mais tem vendido ùltimamente (lembram-se do «boom» que foi «Chirpy, Chirpi, Cheep, Cheep»?), estão em primeiro lugar na tabela de Amesterdão com Soley, Soley». Eis os «top ten» da semana em certos mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES:

1. (1) «Reason to Believe/Maggie May»: Rod Stewart
2. (2) «Witch Queen of New Oleans»: Redbone
3. (5) «Tired of Being Alone»: Al Green
4. (__) «Coz I Luv You»: Slade
5. (9) «Till»: Tom Jones
6. (4) «Simple Game»: Four Tops
7. (3) «Sultana»: Titanic
8. (8) «The Nigt They Drove Old Dixie Down»: Joan Baez
9. (5) «For All We Know»: Shirley Bassey
10. (__) «I Will Return»: Springwater.

NOVA YORK:

1. (3) «Theme From Shaft»: Issac Hayes
2. (1) «Gypsys, Tramps and Thieves»:Cher
3. (4) «Imagine»: John Lennon
4. (2) «Maggie may»: Rod Stewart
5. (5) «Yo-Yo»: Osmond Brothers
6. (10) «Inner City Blues»: Marvin Gaye
7. (8) «Peace Train»: Cat Stevens
8. (6) ««I've Found Someone of my Own»: Free Movement
9. (__) «Baby I Want You»: Bread
10. (7) «Superstar»: Carpenters

AMESTERDÃO:

1. (1) «Soley Soley»: Middle of the Road
2. (2) «Spanish Harlem»: Aretha Franklin
3. (9) «Without A Worry In The World»: Rod Mckuen
4. (4) «Only Lies»: Greenfield and Cook
5. (10) «Maggy May /Reason To Believe»: Rod Stewart
6. (5) «Non Non Rien N'a Changé»: Poppys
7. (__) «Imagine»: John Lennon
8. (7) Witch Queen Of new Orleans»: Redbone
9. (3) «Soldiers Who Want To Be Heroes»: Rod Mckuen
10. (6) «Het Soldaatje» (De Vier Raadsels): Zanger Zonder Naam

BONN:

1. (1) «Co-Co»: Sweet
2. (4) «Hab' Ich Dir Heute Schon Gesagt»: (Have I Told You Today) Chris Roberts.
3. (2) «Get It On»: T. Rex
4. (3) «Sweet Titch-Hiker». Creedence Clearwater Revival
5. (5) «I Am... I Said»: Neil Diamond
6. (9) «Never Ending Song of Love»: New Seekers
7. (6) «Butterfly»: Danyel Gerard
8. (8) «Nachts Scheint Die Sonne» (The Sun Shines at Night): Michael.
9. (11) «Willst Du Mit Mir Gehen»? (Do You Want To Go With Me?): Dalia Lavi
10. (7) «Schoen Ist Es» (It's Beautiful): Roy Black and Anita

COLECÇÃO HABITAT

Tratam-se nesta colecção todos os assuntos que, por exigência dos tempos e dos temas, clamem por uma visão crítica, universal, essencial.

FACTORES DE CRISE NA AGRICULTURA / Jean Meynaud / 80$00
CARDEAL NEWMAN-ECUMENISMO E FIDELIDADE / Christopher Hollis / 65$00
JAPÃO, TERCEIRA POTÊNCIA / Robert Guillain / 85$00
A INDÚSTRIA DO ENSINO / Lê Thành Kôi / 90$00
CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA TERRA / Colin Clark / 110$00
INFLAÇÃO E SOCIEDADE / Graham Hutton. 65$00
EU E A GENERAL MOTORS / Alfred P. Sloan, Jr / 120$00
A ECONOMIA DA AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA / Colin Clark e M. Haswell / 80$00

COLECÇÃO CONHECIMENTO DO HOMEM

Tem por finalidade revelar, através de obras de autores altamente qualificados, o ponto em que a ciência se encontra em relação ao conhecimento do ser humano.

A VIDA ESSA AVENTURA / Jean Rostand 30$00
AS CRIANÇAS SELVAGENS / Lucien Malson / 45$00
AS SOCIEDADES ANIMAIS / Rémy Chauvin 70$00
O HOMEM NORMAL / Paul Chauchard / 55$00
ANATOMIA DO PSIQUISMO / F. Antonelli / 70$00
SOCIOLOGIA DAS HISTÓRIAS AOS QUADRADINHOS / Jacques Marny / 65$00
A GENÉTICA E O HOMEM / C. D. Darlington / 95$00

COLECÇÃO PARA A MULHER

Colecção especialmente pensada para a mulher que tem a sua vida ocupada.

A MULHER NO MUNDO E NA IGREJA / Josemaria Escrivá / 20$00
ACIDENTES EM CRIANÇAS / Maurice Ellis / 30$00
VERDADE SOBRE A MULHER Ana Sastre 30$00
COMO GOVERNAR A SUA CASA / Vários Autores / 35$00
PAIS E FILHOS / Franz Weyergans. 20$00
...ASSIM NA TERRA... / Antonieta Gómez / 25$00
COMO ALIMENTAR A FAMÍLIA Elisabeth Norton / 35$00
CONSELHOS À RECÉM-CASADA A. Rocher / 35$00
FUTUROS PAIS / Leonora Pitcairn / 40$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

Enviam-se pelo correio, à cobrança

Pedidos à:

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
R. Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

FILIAL EM LISBOA:
Av. Almirante Reis, 102-r/c-dt.º

CONDENADOS POR FALSIFICAÇÃO DE DIPLOMAS

No 2.º Juízo Criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva a que presidiu o sr. Corregedor Lopes de Melo, foi apreciado e discutido um importante processo relacionado com a actividade de 29 indivíduos que se dedicavam a forjar diplomas, certidões e certificados comprovativos do exame de 4.ª classe do ensino primário.

No género, foi dos casos mais complicados que passaram no Boa-Hora, quer pelo diferente grau de culpa dos réus, quer pela demora das identificações, quer pelo elevado número de declarantes, testemunhas de acusação e defesa.

Os réus eram Tibúrcio Pinto de Sousa Moreira, de 35 anos, vendedor, natural do Porto; Mário António Vaz, de 28, natural da Junceira)Tomar); Rodrigo Santos Lopes, de 33, carpinteiro, natural da Barquinha; Fernando Alfredo Barros de Sousa, de 31, natural de Lisboa; José Coimbra, de 61, aposentado, natural de Lisboa; Eduardo José da Conceição Costa, de 20, litógrafo, de Lisboa; Luís Alves Mesquita, de 43, estivador, de Vila do Conde; José Hilário, de 38, feirante e sapateiro, de Turcifal (Torres Vedras); José Dias Alves, de 43, encarregado de construção civil, natural de Ferreira do Zêzere; Américo Antunes, de 36, carpinteiro, natural de Pojo Redondo, Junceira (Tomar); Octávio Simão, de 41, agricultor, natural de Óbidos; João Alves Bento, o «Gasolina», de 41, mecânico electricista; Estevão Madeira Cerca, de 42, agricultor, da Golegã; Ilídia da Silva Brilhante, de 44, doméstica, natural de Ul, Oliveira de Azemeis; José Dias Azevedo, de 42, vendedor de jornais, natural de Ul; Eduardo de Campos e Silva, de 66, industrial, natural de Vila Franca de Xira; Mário dos Santos Batista, de 35, funileiro, natural de S. Vicente (Guarda); Manuel António Falca, de 36, vendedor ambulante, natural de Baleizão (Beja); Agostinho António Marques, de 36, agricultor, de Santana do Mato (Coruche); António Gomes Duarte, de 40, agricultor, natural da freguesia de Tremez (Santarém); Manuel Tavares, de 50, agricultor, de Painho (Cadaval; António Luís Condeixa, de 37, afinador de fogões a gás, natural de Condeixa; Manuel Fernandes Rodrigues, de 38, empregado de comércio, natural de Paredes de Coura; Domingos de Matos, de 50, barbeiro, de Mouriscas (Abrantes); António Leitão Vieira, de 34, operário, natural de Pelariga (Pombal); Manuel Fernandes, de 30, parafuseiro, de Alvares (Góis); José Vítor Ricardo, de 34, agricultor, de Trina (Alenquer); Adolfo Alves Mendes, de 34 natural de Venda Nova (Montalegre); e João Antunes Correia, de 44, vendedor de água, natural de Salvador (Torres Novas).

ACUSAÇÃO E SENTENÇA

Segundo a acusação, os sete primeiros réus, até princípios de 1970, dedicaram-se a forjar diplomas, certidões e certificados comprovativos de exame da 4.ª classe do ensino primário, completamente falsos. O José Hilário adquiria os documentos falsificados que depois vendia. O réu Eduardo Campos e Silva, gerente da Escola de Condução «Pátria», de Lisboa, recebeu e utilizou de um dos réus um documento que sabia não ser verdadeiro. Os restantes réus, que não tinham feito o respectivo exame, compraram, por quantias diversas, os diplomas que os sete primeiros réus forjavam.

Os réus Eduardo Campos e Silva, António Gomes Duarte, Adolfo Mendes e Luís Raposo, que faltaram à primeira audiência de discussão e julgamento, não foram agora julgados. Os réus Tibúrcio Moreira e Mário Vaz, ausentes em parte incerta, foram julgados à revelia.

O Tribunal aplicou aos réus as seguintes penas: Fernando Alfredo Barros de Sousa — pena única de três anos de prisão maior e sete dias de multa a 30 escudos cada dia; Tibúrcio Moreira, Mário Vaz e Rodrigo Lopes — dois anos e três meses de prisão maior;José Coimbra — dois anos de prisão maior; — Luís Alves Mesquita — 22 meses de prisão; Eduardo Costa — 18 meses de prisão, substituída por igual tempo de incorporação em depósito disciplinar; João Bento, o «Gasolina» — um ano;Mário Baptista, António Falca, Agostinho Marques, Manuel Tavares, António Condeixa, Manuel Rodrigues, Domingos de Matos, António Vieira, Manuel Fernandes e José Vítor Ricardo — 13 meses de prisão; João Antunes Correia — 14 meses de prisão, substituída por igual tempo de multa a 20 escudos por dia; José Dias Alves, Américo Antunes, Octávio Simão, Estevão Cerca, Ilídia Brilhante e José Dias de Azevedo — um ano de prisão substituída por igual tempo de multa a 20 escudos por dia. Os réus foram ainda condenados no imposto de Justiça.

televisão

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura
12.46 Dia do Senhor pelo Rev. Padre Dr. Francisco Videira Pires
13.05 Missa
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Série juvenil Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.45 TV Educativa
15.10 Tarde de cinema «Ding Dong Williams».
16.25 TV infantil coordenação de Maria do Sameiro Souto
17.15 Expedição
17.45 Domingo desportivo - 1.ª edição
18.00 Homens e aviões um programa de Alberto de Canha e Sá
18.30 TV Rural pelo Eng.º Sousa Veloso
19.00 Série comédia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Fados por Alice Maria
22.30 Domingo desportivo
23.45 Marcha do Mundo
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura
20.31 Dó Lá Si
21.00 Série filmada «O Tesouro dos Holandeses»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo à noite
14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Povo que canta
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Um dia com...
21,00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal 23.ª edição
22.00 As grandes batalhas
23.20 Fecho

TUDOR pilhas para tudo...

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R. G. E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento fraco predominante de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	7
PENHAS DOUR.	2
COIMBRA	7
PORTALEGRE	7
LISBOA	8
FARO	10
FUNCHAL	15

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **16,2**

ALVALADE
Mínima **4,5 (negat.)**

Temperaturas no Estoril

Agua do mar	15,4
Atmosfera	11

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.03	**3,5 m**	7.31	**1,6 m**
14.19	**3,6 m**	19.56	**1,5 m**
Dia 15			
2.47	**3,6 m**	8.10	**1,5 m**
15.05	**3,7 m**	20.24	1,4 m
Dia 16			
3.20	**3,7 m**	8.24	**1,3 m**
15.39	**3,7 m**	20.58	**1,3 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu nublado ou limpo na região do Norte e do Centro e geralmente pouco nublado nas regiões do Sul. Vento fraco, geada moderada a forte nos locais abrigados do interior.

AMANHÃ

Nascer às 8.18
Ocaso às 18.24

Dia 18	Dia 25	Dia 2	Dia 9

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde Desportiva: rádio desporto, onda musical e informações e comentários da actividade desportiva
18.05 Girândola
19.10 Musica da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comédias: «Um bom dia para Paula», um original de Maria Aurora
22.35 Musica portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho

2º Programa

16.00 Quarteto de Corda
16.30 Musica de piano
17.00 Perspectivas da obra de Mozart, para instrumentos de sopro (musica de câmara)
18.00 Concerto de domingo (intercâmbio musical) (1ª parte)
18.33 Intervalo: canções (5) sobre poemas de Auden, op.58, de Lennox Berkeley
18.45 Concerto de Domingo (2ª parte) intercâmbio musical
19.35 Quarteto nº. 80, em Mi Bemol Maior, OP.76 nº. 6 (Haydn)
20.00 Diário sonoro
20.20 Conjunto de câmara - Trio em sol Maior (Demachi)
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo Dr. Caldeira Pais
21.00 Desdobramento - SAI O MF 2 recital de piano, por Sequeira Costa
21.20 O organista Derek Stevens
21.30 Que quer ouvir? (Programa elaborado por Margarida Brandão)
23.00 Avoz do ocidente
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Música coral sinfónica - A CANÇÃO DA Terra (Mahler)
23.05 Musica de tecla
00.05 Musica de câmara
1.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Rítmos em desfile
19.02 Formula 1
19.30 Rádio fornal
20.07 A orquestra de domingo
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
0.02 «P.B.X.»
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário Rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho.

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Música e desporto
18.30 Som-actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do tempo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Melodias na tarde
18.05 Programa Meada
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Desfile de sucessos musicais
23.00 A 23ª hora

ESTAÇÃO DO PORTO

17.00 Música ao volante
17.45 Ritmos
18.00 Canções românticas
18.15 Uma orquestra
18.30 Terço, Benção e Missa Vespertina, da Basílica dos Martires, em Lisboa
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
21.00 Mosaico
22.00 Variedades
23.00 A 23ª hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quarteis, 25 (Tel. 637777).

ALFAMA:
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALTO DO PINA:
Zianal, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708).

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (á Av. Afonso III) (Tel. 843439).

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja, 8-A (Tel. 712070); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel. 710131); **Gasparinho**, R. Dr Gama Barros, 54-A (Tel. 710465); **Ideal**, Avenida Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 50730).

AREEIRO:
Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (tel. 724941).

ARROIOS:
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079).

AVENIDAS NOVAS:
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (Tel. 770776); **Cardeira**, Avenida Duque de Avila, 32-C (à esquina da Avenida da República) (Tel. 43495); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158).

BAIRRO ACTORES:
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (á Fonte Monumental) (Tel. 842152).

BAIRRO AMÉRICA:
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS:
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172).

BAIXA:
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 86 (Tel. 321211); **Unifa**, R. da Vitória, 21 (Tel 323793).

BENFICA:
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027).

CAMPOLIDE:
Central, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304).

CAMPO PEQUENO:
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (á Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776).

CAMPO DE OURIQUE:
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760); **Porfirio**, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349).

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181); **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Tel. 702532).

CONDE REDONDO:
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (á Gomes Freire) (Tel. 533411).

ESTRELA:
Paivas e Parente, Rua de Santo António, 98 (Tel. 665196).

LAPA:
Silva, Rua, S. João da Mata, 72 (Tel. 661010).

LUMIAR:
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942).; **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704).

MARVILA:
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612).

OLIVAIS:
S. Paulo, Rua 2 lote 23 (Olivais Sul) (Tel. 310711); **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Tel. 310026)

PICHELEIRA:
Marluz, 140-B (tel. 720703-728395).

POÇO DO BISPO:
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel 381612)

REGO:
Prates e Mota, Rua da Beneficiência, 91 (Tel. 773728).

RESTELO:
Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (Tel. 611814)

SANTO AMARO:
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020).

S. BENTO:
S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Tel. 769673).

S. MAMEDE:
S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sagres, Avenida Luis Bivar, 69 (Tel. 47213).

SOCORRO:
Tavares, Rua da Palma, 194 (Tel. 863350).

XABREGAS:
Romana, Rua B, 7 (á Rua Marquês de Olhão) (Tel. 383800).

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CAMPO DE OURIQUE:
Posto de Socorros n.º 1, R Francisco Metrass, 48 Lisboa-3; **Médicos e enfermeiros a toda a hora.** Tels. Chamadas de Socorros, 586649; Posto de Socorros n.º 2 — Chamadas de urgência. (Tel. 637733).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, (Telef. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 243090).
PAREDE
Grincho, Av. da República, 77-C (Telef. 2471204)
S. PEDRO DE ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)
ESTORIL
S. João, S. João do Estoril (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, Rua Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19,41 (Telef. 28014, **Cascais**, R. Conde Monte Real -Bairro Caixas (Telef. 282407)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9 (Telef. 970523)
AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
QUELUZ
Zeller, R. da Republica, 83 (Telef. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telf. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270078)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Pimenta, Rua Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Telef. 2273012)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Montepio, Rua Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, (Telef. 229471)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Telef. 22216)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antunes**, Rua do Boniardim, 485; **Campo Alegre**, Rua do Campo Alegre 723; **Fátima**, Rua Oliveira Monteiro, 475; **Ferreira da Silva**, Rua Márt. da Liberdade, 150; **Marques Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Pereiró**, Rua da Preciosa, 35; **S. Jerónimo** Rua de Santos Pousada, 622; **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297; **Sarabanda**, Largo dos Lóis, 36; **Saúde**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 689; **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória**, Rua S. R. da Lameira, 756; **Gondarém** Rua de Gondarém, 360 - F

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel. 22603); **Rainha Santa** Rua Figueira da Foz, 11 - B (tel. 24737).

cinemas

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M. 14 anos)
4.ª Semana Barry Newman, Dean Jagger e Cleavon Little num filme verdadeiramente sensacional CORRIDA CONTRA O DESTINO. Amanhã às 11 h. (M. 6 anos) CIRCOS À VOLTA DO MUNDO em Technicolor.

EUROPA (Telef. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Omar Sharif e Jack Palance em OS CAVALEIROS DAS ESTEPES.

POLITEAMA (Telef. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo M. 14 anos)
c/ Van Johnson e Ray.
O extraordinário filme policial PROFISSÃO: ASSASSINO

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M 18 anos)
MORTE EM VENEZA c/ Dirk Bogard, Silvana Mangano e Bjorn Andreson

APOLO 70 (Telef 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
6.ª Semana IVAN O TERRÍVEL.

ALVALADE
15.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) HENRI CHARRIERE 90 célebre Papilon num filme por ele escrito e interpretado ao lado de Claudia Cardinale. Super-color «Popsy Pop»

VOX (Telef. 720808
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
9.ª Semana Triunfal LOVE STORY c/ Ali Mac Graw e Ryan O' Nea'

IMPERIAL (TEL. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo - B 10 anos)
«Testa de Ponte» e «Cheiro de Fogo»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15 - 18.30 - 18.45 - 21.45
(M. 18 anos)
Cláudia Cardinalle, Catherine Spaak CERTO, CERTÍSSIMO... OU TALVEZ NÃO!

ROMA (Tel. 72778)
Às 15.30-18.30 e 21.45 h
(Grupo D - M 18 anos)
CERTO CERTÍSSIMO... OU TALVEZ NÃO! duas mulheres à procura do amor Technicolor. Scope.

ODEON (Telef. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D M. 18 anos
Eastmancolor.
Maria Grazia Bucella na comédia mais brejeira do ano: BASTA OLHAR

RESTELO (Telef. 610375)
(Grupo D-M 18 anos)
HUMOR NEGRO E VIOLÊNCIA c/ Godfrey Cambridge, Raymond St. Jacques.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
10.ª Semana. O JOELHO DE CLAIRE (le Genou de Claire), c/ Jean Claude

LUMIAR (Tel 795296)
21.00 (M. 10 anos)
GIGANTES EM FÚRIA e O MISTÉRIO DO VOO 22

IMPÉRIO (Telef. 555134/5
15.15 - 18.30 - 21.45
2ª Semana
(Grupo D - M. 18 anos
A AMEAÇA c/ Mia Farrow num filme de Richard Fleischer

TIVOLI
(Tel. 50595)
15.00 - 18.15 - (a p. red.) e 21.30
(Grupo D M. 18 anos)
2.ª Semana. Uma comédia divertida e atrevida! ONTEM, HOJE E AMANHÃ com Sophia Loren e Marcello Mastroianni. Realização de Vitorio De Sica.

AVIZ (Tel. 47163)
15.00 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
c/ Graziela Granata, António Casagrande MANOBRAS DE AMOR.

EDEN (Telef 320768)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo D-M. 18 anos)
Colorido. POPSY POP. Henri Charriere (o célebre Papillon) num filme por ele escrito e interpretado ao lado de Claudia Cardinale e Steve Baker

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45.
(Grupo D - M 18 anos)
8.ª Semana Novo triunfo de Ingmar Bergman A VERGONHA c/ Max Von Sydow Liv Ullmann.

MUNDIAL (Telef 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M 18 anos)
4.ª Semana triunfal Elliot Gould e Brenda Vaccaro na satírica comédia conjugal em Technicolor UMA CERTA FORMA DE AMAR

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
UM CASO DE CONSCIÊNCIA e NOITES DO MOULIN ROUGE

SÃO JORGE
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D M. 14 anos)
2.ª Semana Joan Collins e Tom Bell em UM CASO DE AMOR A história que jamais esquecerá!

LYZ (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo-D 18 anos)
«Os amores de uma loira» e «Mundo mulher»

CASINO ESTORIL (Tel 2646176)
17.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
A RUPTURA c. Stephane Audran, Jean-Pierre Cassel

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo C. M. 14 anos)
3.ª Semana. VAGABUNDOS SELVAGENS c/ William Holden, Ryan O'Neal, Kar Malden. Quinzenas do bom cinema. Selecção 70/71. «A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD» Amanhã às 18.30 (adultos) de Eric Rhomer c. Jean Luis Trintignant

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.00 - 23.00
«O aniversario da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto».

A.B.C.
10.45 - 23.00
(18 anos)
«Saidas da casca»

VARIEDADES
21.45
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mamã»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison Voador»

COLISEU
21.30
(6 anos)
«Circo»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00
(14 anos)
«Aconteceu no Oeste»

CINEARTE
21.00
(10 anos)
«Ninguém foi tão valente».

JARDIM
21.00
(10 anos)
«O Barbaro e a Queixa»

PARIS
21.00
(18 anos)
«O Despertar de uma adolescente»

ROYAL
21.30
(18 anos)
«Um caso de consciência»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A Professora e o descarado»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00
(10 anos)
«Um anjo dos diabos»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (17 anos)
«As Mulheres»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30
«A Ruptura»

Palácio
21.30 (18 anos)
«Lilith e o seu destino»

Esplanada
21.30 (18 anos)
«Lilith e o seu destino»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Uma rosa para todos»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«O Magnífico aventureiro»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«O Capitão heróico»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Os 4 Magníficos» e «Granada adeus»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (17 anos)
«O Homem a mulher e o dinheiro»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (14 anos)
«Paranóia»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Amores proíbidos»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (17 anos)
«A Paixão» e «Diabo á solta»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (10 anos)
«A Fuga»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (10 anos)
«O Ouro de Mackena»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (10 anos) «A Pantera»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (10 anos)
«Millie, uma rapariga moderna»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20 e 45 e às 23.00
(18 anos)
«Pimenta na lingua)

ANTÓNIO PEDRO
21.45
(18 anos)
«Os Fidalgos da Casa Mourisca»

PORTO/Cinemas

AGUIA DO OURO
21.30
(14 anos)
«Odio Velho»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Valdez»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«A força do gatilho» e «Os filhos do deserto»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Gente sem compaixão»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Um homem e a sua história».

NUNO ÀLVARES
21.30
10 anos
«Rancho Bravo»

OLÍMPIA
21.30
(10 anos)
«O vale do fugitivo»

RIVOLI
21.30
(10 anos)
«Jane Eyre»

S. JOÃO
21.30
(18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30
(14 anos)
«O Doce sabor da vingança»

VALE FORMOSO
21.30
(10 anos)
«A costureirinha da Sé»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«A Ponte de Remagem»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Um casamento na Suécia»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Le Mans»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Aconteceu no Verão passado»

BARS BOITES restaurantes

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso Beatriz Ferreira Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo minimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição António Melo-Correia Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha José Luis Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo minimo 90$00 **Becos dos Curtumes, 10. Telef 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira João Fernando Emilio Reis Luis Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo minimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24 Telefs. 676655 e 672431**

TAMILA Marão e s. conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé,69. Telef 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira Antonio Rocha e Amelia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diario de Noticias, 122. Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo minimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Noticias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Tina Ferreira, Fernando Mauricio, Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde e Americo Silva Fandango pelo Grupo tipico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo minimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

a furna
música gravada
ceias ate as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d.
(a duque de loulé)
53446 56149

D. QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto ate as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9. Telef 327109.**

DANCINGS

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs. 26451-264526-264596-264621-264946.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Musica constante Encerra às 3.30 horas **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marques de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

MAXIME Conjunto 6 Reacção e Maximiliano Show turistico Variedades internacionais **Praça da Alegria, 58. Telf 55366**

HIPOPPOTAMO Conj. Helder Reis Encerra aos domingos **Av Ant Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73. Telef 530171**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigao, 39-A Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tome, 86. ABC. Alfama. Lisboa Telef. 861633**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A SEMANA INTERNACIONAL

FORMOSA (FORA DA ONU) quer livrar-se de Chiang

Caras de Pequim na ONU, em vez dos homens de Chiang: o vice-chanceler Chiao Kuan-hua e o veterano diplomata Huang Hua.

Por Donald Bremner — Exclusivo «Los Angeles Times»/DL

TAIPE, Novembro - A perplexição provocada pela expulsão da Formosa (Taiwan) das Nações Unidas deu origem a um forte movimento reformista, quer no aspecto político, quer o social, com o objectivo de fortalecer o país. Mas também tem mostrado o enorme peso do passado que se faz sentir na China Nacionalista. **«Precisamos de reformas em muitos campos»**, afirma aqui um importante jornal. «Precisamos de mais elementos jovens no Gôverno, de mais ideias novas, de mais homens com capacidade para a vida pública. E também precisamos de mais partecipação dos cidadãos de Taiwan na actividade governamental». Os funcionários públicos, o Kuomintang, a Imprensa e os estudantes universitários manifestam claramente a necessidade de alterações no partido e no Governo. Mas muitos chineses continuavam cépticos quanto à sinceridade destas afirmações reformistas que as personagens políticamente influentes têm feito.

O DESESPERO

«Dali não virá nada», diz um proeminente cidadão de Taiwan. **«Já ouço dizer isto há muitos anos»**.

«Voltaram a pôr o velho disco a tocar», acrescenta um jornalista que veio para a ilha quando os comunistas conseguiram tomar o poder no continente há 22 anos. **«Os velhos pensam que o seu dever como patriotas os obriga a permanecer no Governo mesmo depois de já terem passado, há muito, a idade em que se deviam ter reformado. É por isso que há pouco espaço para homens mais novos»**.

O que se passou recentemente no 84.º aniversário do presidente Chiang Kai-Chek, dirigente da China Nacionalista há mais de quatro décadas, transmite um maior significado a estes comentários. Chiang e os seus idosos companheiros terão de defrontar um novo conjunto de problemas, provenientes da votação das Nações Unidas e da nova situação internacional que a reflecte.

Os funcionários governamentais procuram ràpidamente acalmar a agitação dos capitalistas locais e estrangeiros, publicando estatísticas optimistas quanto aos investimentos de 1971 e sublinhando os planos governamentais para a agricultura e para a indústria.

Mas os problemas políticos e psicológicos que decorrem do resultado obtido na ONU poderão ser, pelo menos, tão sérios como os económicos. A ameaça de Pequim ao controle de Chiang sobre Taiwan, há muito tempo manifesta mas conservando-se num estado latente, deverá agora aumentar, através de apelos à população e aos funcionários governamentais e com a hipótese implícita de um recurso eventual ao uso da força.

A China Nacionalista terá de enfrentar esta ameaça minada como está pelas divergências entre os 12 milhões de habitantes que nasceram na ilha e os 2 milhões que vieram do continente, e pela insatisfação da generalidade dos naturais de Taiwan no que respeita à sua virtual exclusão do Governo nacionalista.

Chiang trouxe um Governo composto por continentais duas décadas atrás, e é este grupo que práticamente ainda hoje ocupa os postos governamentais.

Na medida em que o regime nacionalista se considera como o legítimo representante de toda a China, os naturais de Taiwan apenas dispõem do reduzido número de lugares e que a ilha teria direito na Assembleia Nacional, que elege o presidente e o vice-presidente; no corpo legislativo, a grande maioria dos lugares é ocupada por continentais já idosos, que ainda afirmam estarem a representar as suas províncias da China.

A participação dos taiwaneses é igualmente pequena nos ministérios, no serviço diplomático e nos grupos mais importantes do comité central do Kuomintang.

A concessão de uma maior influência à opinião dos naturais da ilha alargaria a base de apoio do regime e fortalecê-lo-ia contra Pequim. Mas um movimento nesta direcção obriga os dirigentes nacionalistas a uma difícil opção. Como sintetizou um observador:

«Eles estão presos a este sistema. Se o alterarem e passarem a dar maior importância aos taiwaneses, já não poderá continuar a haver um governo nacionalista. Será um governo taipanês».

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

A Comissão de Costumes ordenou um inquérito à vida privada!

UGO TOGNAZZI
em
O COMISSÁRIO PEPE
(IL COMMISSARIO PEPE)
O filme-choque de
ETTORE SCOLA

... e o escândalo borrifou a cidade!

SCOPE COLOR
GRUPO D-interdito a menores de 18 anos
AMANHÃ ÀS 21,45
ESTREIA DE QUALIDADE
4
CONDES
SESSÕES DIÁRIAS 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

EXITO

Lá porque o seu NSU PRINZ 4 é o mais económico de todos, não exagere!

De qualquer modo você precisa de 5,7 litros de gasolina para percorrer 100 kms. no seu NSU Prinz 4, trata-se de um consumo **super-económico** num carro **sólido** e **seguro** de agradável condução.
Com um motor de 598 cc, caixa de velocidades completamente sincronizada, suspensão independente nas 4 rodas e travões hidráulicos, este carro é um modelo de exemplar **economia** e **rendimento**.

NSU PRINZ 4

PARA ENTREGA IMEDIATA *

UM PRODUTO AUDI NSU AUTO-UNION AG.
IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES GERAIS SOC. LUSOLANDA, SARL
ESCRITÓRIOS - R Latino Coelho, 57 - STANDS - R Latino Coelho, 65 - Av Ant Augusto de Aguiar, 25 C - LISBOA /agentes em todo o país

SANTO ANTÃO DO TOJAL

MARIA VITÓRIA CARREIRA PARDAL SEQUEIRA

JAIME FILIPE SANTOS SEQUEIRA

Missa do 30.º Dia e agradecimento

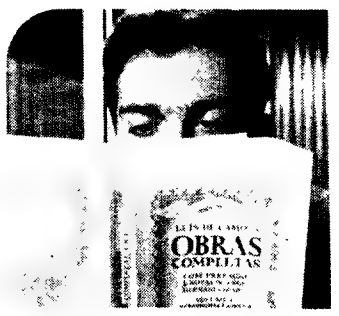
Sua família participa que amanhã dia 15, pelas 17 horas na igreja local, mandou celebrar missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto, bem como a todos os que por desconhecimento de moradas não o fizeram directamente.

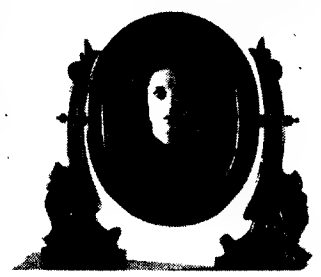
LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

EXPLICAÇÕES
Universitárias dão Inglês, Francês, e História do 1.º e 2.º Ciclos e Filosofia do 3.º Ciclo.
Telefone 53 35 97

SUPLEMENTO LITERÁRIO

UM OLHAR PARA OS SAPATOS





POR Eduardo Guerra Carneiro

Antes que venham aí os críticos todos dizer barbaridades, elogios, palmadinhas nas costas, maluquinho, é pena, um génio, rinhanhau-béu-béu, etc e tal, aqui vou eu. Atenção!

Afastei os cobertores quentinhos que o Mário Sá-Carneiro me tinha emprestado e lá estive com mais dúzia e meia a ver a fita do César: Quem espera por sapatos de defunto morre descalço. Um filme de João César Monteiro. E. Bem Um soco no estômago que é para aprenderes; meu libirato: Desprevenido, lá vi outra vez a **Sphia,** inevitàvelmente voltei a rir e aí está a fita. Estendo as pernas para a frente, faço pchiu! como é costume (a Teresa Bento não gostou nada desta parte) e começa aquilo a passar.

Primeiro: não sou crítico, nem cronista de cinema. O que se passa? Amor. Segundo: recuso-me a ser

João César Monteiro

espectador passivo. Agora vamos por partes. Alínea a: é o filme mais português que vi até hoje. Alínea b: mais cem contos e alguém se havia de roer de inveja. Alínea c: estamos lá todos metidos . Alínea d: versão, de memória, Maiakowski Essenive: é mais difícil morrer do que viver. Alínea e (Eduardo): não queiras o contrário do difícil.

E um parágrafo mundano? As senhoras vão muito bem — a Helena até tem um toque Cardinale — o Cintra (actor) é um truta, o Ferreiro só foi pena terem-lhe cortado o piu, o Carlos Porto está certinho no papel de penhorista (sem maldade), Sintra (vila) é dada sem demagogia e está mesmo bem metido o texto do Jeorge Luís Borges sobre as criaturas dos espelhos.

A césar o que é de César. O que é o filme? Um doloroso olhar. Não um **regard.** Não o olhar frio do libertino. Um olhar, um pouco **voyeur**, desencantado, nervoso, **desperado** de Western. Magnífica a saída do Café Martinho com o Ferreiro e o Cintra a cantarem os marinhairos aventureiros como quem sai de um saloon. Aliás toda a fita cheira-me a cow-boys lusitanos com grande gozo do autor (e lá dentro, ó César?), excepto na cadeira de baloiço hitchckokiana que me ia atirando ao chão. A César o que é de César.

Cow-boys lusitanos. De entre-Douro-e-Minho ou de Alfragide. Western do Vává ao Gambrinus. Saldanha e Avenida de Roma. Mas cow-boys porquê? Os dois tipos no Martinho-saloon. O culto desinteressado da amizade. Menina e moça me levaram de casa de meus pais. O dinheirinho contado sem ser, afinal, o mais importante. A rapariga que aparece, tentativa desajeitada de engate por parte do artista, o bom rapaz, solitário, assobiando para disfarçar, a arrepelar a criada e depois a pirar-se ràpidamente, saindo definitivamente de campo. Aconteceu no Oeste ou em Campo de Ourique. O artista com vontade de sacar a artilharia dos coldres mas a fechar-se em copas. Talvez fora de campo (esta coisa da obra aberta...) volte a beber uns copos com o amigo e cantem outra vez os marinheiros aventureiros.

Mais: um leve toque de Zurnili na sequência da pastelaria (que o diga o Damião), a oportuna música do Gil, arrepiante na sequência do pinhal que vai dar pouco depois ao grande plano do Cintra a morder os lábios, a querer falar, dois minutos assim, a boca seca, um olhar nos olhos de ti, de mim, do vizinho da direita, da Pátria, do cinema, do amôr, dele próprio, César, **como um cão,** diz a personagem. E depois a montagem certa de um plano final de qualquer terra, cidade, da vida. Godard ainda está à solta.

O personagem perde sistemáticamente todos os combóios. Como quem compra o bilhete para onde não quer ir, ou tem medo de ir, e arranja o pretexto, na hora da partida, da urgente necessidade de comprar um selo ou um maço de tabaco. Assiste, passivamente, embora, às vezes: um grito, um gesto brusco, uma arrancada. Mas não pega o touro pelos cornos apesar de ter lido Michel Leiris e até talvez saiba, sublinhados, o que «faire»? o Miller, os pensamentos. Qualquer coisa a que eu chamaria: complexo de Édipo.

Continua na página seis

VOCABULÁRIO DE PSICANÁLISE

e outros livros recentes de psicanálise em português

Por Pedro Luzes

Acaba de aparecer nas livrarias a tradução portuguesa do **Vocabulário da Psicanálise** de Laplanche e Pontalis em edição da Morais.

No original francês o **Vocabulário da Psicanalise** é uma obra notável da literatura psicanalítica contemporânea. Laplanche e Pontalis são dois psicanalistas com profundos conhecimentos dos escritos de Freud e de seus continuadores. Foram designados para serem os tradutores das Obras Completas de Freud, a publicar brevemente em França, numa edição equivalente à **Stadart Edition** inglesa. Diz D. Lagache no prepácio que escreveu para o vocabulário que este representou para os seus autores, oito anos de trabalho. Este trabalho minucioso e demorado sentimo-lo ao percorrermos as páginas do **vocabulário.**

Laplanche e Pontalis têm além da sua formação psicanalítica, uma familiaridade com a metologia das ciências humanas e um á-vontade no manejo da erudição e do aparelho critico necessários para pôr de pé um livro como este que resultam da sua experiência de investigadores na Sorbonne e no CNRS **(Centre National de Recherche Scientifique).**

Este **Vocabulário** com cerca de quinhentas páginas na edição francesa (setecentas na tradução portuguesa) é muito mais do que um simples repertório alfabético dos termos utilizados em Psicanálise. Tem mais o carácter de um tratado básico de Psicanálise (equivalente portanto a um **Précis** ou **Textbook).** Não se limita a definir conceitos. Realiza acerca de alguns uma análise histórica e crítica verdadeiramente original, não decalcada em obras anteriores sobre o mesmo assunto.

Estas observações positivas sobre a edição francesa não podem ser transpostas sem mais para a tradução portuguesa. Infelizmente esta não acompanha o nível da obra que lhe deu origem. A clareza do texto francês é substituida em muitas passagens da tradução, por verdadeiras «prosas bárbaras». Onde o original é cuidado e deve ter sido objecto duma revisão severa, a edição portuguesa admitelapsosfrequentes: aspas que não são fechadas, traços de união erradamente substituídos por travessões, etc.

O tradutor português do **Vocabulário** seguiu um método escolar de tradução «à letra», palavra por palavra, aplicando este sistema inclusive a expressões idiomáticas francesas. Alguns exemplos, escolhidos ao acaso, mostrarão o inconveniente desta tradução literal. Assim na pág. 172 está escrito «no seio do aparelho psiquico» (correspondendo a «dans le sein de l'appareil psychique»), em vez de, por exemplo, «no funcionamento do aparelho psiquico». Na pág. 103 encontramos a frase «a noção de clivagem... é definida no quadro de uma reflexão sobre as psicoses... «Aqui a expressão francesa «dans le cadre d'une réflexion», é traduzida literalmente, em vez de ser substituída por uma frase mais adequada como «nasceu de uma reflexão sobre as psicoses» ou «apareceu na perspectiva de uma reflexão».

Mas um inconveniente mais grave é serem os próprios termos utilizados para designar os conceitos psicanalíticos, muitas vezes, inadequados.

Continua na página dois

Sigmund Freud

Vocabulário de psicanálise

Continuação da página anterior

Embora se afirme nas primeiras páginas que um psicanalista português (Dr. João dos Santos) foi consultado na escolha da terminologia portuguesa, as suas indicações não foram seguramente utilizadas. Constata-se, ao contrário, que em cada caso os termos portugueses foram colhidos na edição francesa. Efectivamente na edição francesa, é fornecida, a titulo de apontamento e num tipo de imprensa mais pequeno, uma terminologia alemã, inglesa, espanhola, italiana **e portuguesa.** Este vocabulário português que figura como anotação acompanhando a definição francesa, não podia ser considerado como tendo valor definitivo. Competia justamente à edição portuguesa estabelecer de um modo definitivo a terminologia no nosso idioma.

Ao reimprimir exactamente os termos portugueses (da edição francesa) o tradutor cometeu novo erro de fidelidade mal entendida. Aparecem como resultado inúmeros francesismos, brasileirismos e mesmo expressões totalmente bárbaras. Servem de exemplo os seguintes vocábulos:

«Para-excitações», em vez de «barreira protectora contra os estimulos»;

«Perlaboração», em vez de «elaboração»;

«Posteridade, posterior, posteriormente», em vez de «diferido»;

«A consideração de figurabilidade ou representabilidade», em vez de «possibilidade de representação».

Há ainda três conceitos de uso muito frequente em Psicanálise e que no **Vocabulário** aparecem a cada instante, com o rótulo de **ego, superego** e **pulsão.** Para estes três conceitos os termos usuais em português são: **europereu, impulso** ou **instincto. Ego** e **superego** são termos derivados do latim e utilizados pelos autores ingleses e brasileiros (os franceses empregam **moi** e **surmoi). Pulsão** é um vocábulo só usado pelos franceses e que sôa bastante mal na nossa lingua. Portanto qualquer destes três termos, embora pudesse ter sido adoptado no passado pelos psicanalistas portugueses, tem contra si actualmente uma tradição consagrada pelo uso.

Esta edição portuguesa do **Vocabulário da Psicanálise** não pode vir a ocupar o lugar importante que lhe seria destinado, caso tivesse sido traduzida por um tradutor com melhor informação ou preparação técnica. Poderia tornar-se um instrumento de trabalho para todos os psicanalistas psiquiatras e psicólogos portugueses e uma fonte de consulta para todos os leigos interessados nesta ciência. Poderia ter compilado definitivamente a terminologia psicanalítica em Portugal. Em razão das deficiências apontadas o **Vocabulário da Psicanálise** ficará apenas como uma tentativa gorada, como demonstração da improvisação nacional.

Vem a propósito fazer algumas considerações acerca de outros livros de Psicanálise ultimamente publicados em português.

A Morais que entre as várias casas editoras é aquela que mais se tem consagrado a obras sobre Psicanálise, teve uma inspiração feliz ao publicar uma obra excelente de Marthe Robert sobre Freud e o seu tempo — **A Revolução Psicanalítica.** E um livro de agradável leitura de impecável informação, um dos melhores estudos histórico-críticos sobre Freud.

Há poucas traduções em português das obras de Freud. Só tenho conhecimento de duas ultimamente dadas a lume: **a Psicopatologia da Vida Quotidiana,** traduzida pelo Dr. José Marinho (Estúdios Cor) e os **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade,** traduzidos pelo Dr. Ramiro da Fonseca (Livro do Brasil). A tradução do Dr. Ramiro da Fonseca é bastante fiel ao original e cuidada. A **Psicopatologia da Vida Quotidiana** que foi a mais difundida obra de Freud — teve 10 edições alemãs e foi traduzida em 12 linguas durante a vida de Freud — encontrou no Dr. José Marinho um tradutor que soube apreciar o seu valor cientifico e literário. Esta tradução é elegante e ao mesmo tempo erudita. Mostra-nos que em Portugal também há quem saiba fazer um trabalho com exactidão, rigor... e bom conhecimento do idioma que traz e do português.

Estas duas obras de Freud são seguramente as duas mais lidas, em todo o mundo. Mas seria bom que houvesse mais alguns originais de Freud, traduzidos em português. Estudos como **A Interpretação dos Sonhos, Cinco Psicanálises, Contribuições para a Psicologia da Vida Amorosa** e tantos outros são dos livros mais importantes que se publicaram nos ultimos setentas anos e seguramente encontrariam bom acolhimento em Portugal.

Dos contemporâneos ou discipulos mais imediatos de Freud, apenas foi traduzido para português um pequeno livro de Ernest Jones: **Que é a Psicanálise?** (D. Quixote). O leitor interessado encontrará vários destes autores, como Melanie Klein, Abraham, Ferenczi, Anna Freud e outros em edições brasileiras. Deve aparecer brevemente uma tradução brasileira das Obras Completas de Freud, semelhante à **Standart Edition** inglesa. (A tradução espanhola das Obras de Freud da Editorial Biblioteca Nueva de Madrid, em papel biblia, bastante corrente em Portugal, não é aconselhável porque confusa e pouco digna de confiança).

Haverá mais uns oito ou nove titulos psicanalíticos editados recentemente em Portugal. Que dizer sobre estas edições? Primeiramente que são quasi todos livros de segunda ou terceira ordem. Alguns são demasiado especializados para interessar um grande número de pessoas. Em relação aos especialistas que existem em Portugal, o seu número restrito e o facto de eles darem a preferência aos originais (neste caso franceses) justifica mal a publicação. Estas opiniões referem-se a duas publicações da Morais: **Desejo e Perversão, Psicanálise e Educação.**

Materialismo Dialéctico e Psicanálise de Wilhelm Reich publicado pela Editorial Presença é um pequeno livro interessante de um psicanalista esquecido durante muitos anos mas que a seguir à Revolução de Maio reconquistou grande voga. **Psicanálise e Sociedade** da mesma Editora, é muito inferior ao livro de Reich. Nessa obra são misturados artigos, alguns escritos com 30 anos de intervalo dos outros, da mais variada proveniência, compostos por psicanalistas e por não-psicanalistas, tudo isto sem uma única referência temporal, sem a menor ficha de identidade sobre os autores.

Um grupo maior de livros é constituido pelas obras de divulgação preparadas por publicistas que pouco sabem de Psicanálise, limitando-se a condensar conhecimentos livrescos (colhidos a maior parte das vezes em outras obras de divulgação). Refiro-me a: **A PSICANÁLISE SERÁ NOCIVA?** (Inova), **Os Triunfos da Psicanálise** (Portugália), **O Pensamento de Freud** de Edgar Pesch (Morais). Esta ultima obra é a que contem mais «pérolas». Chega-se a afirmar (pág. 190) que na América se faz psicanálise nos grandes armazéns e que no mesmo país se psicanalizam gatos e cães para os livrar de «complexos». E quase impossível encontrar uma página neste livro sem uma tolice graúda.

Em vez de perder tempo e dinheiro com publicações deste género seria talvez possível elaborar, já que os livros de Psicanálise parecem ter entrado na moda, um plano mais racional de traduções. Procurar por um lado livros que não fossem demasiado especializados (os especialistas preferem os originais ou traduções francesas ou inglesas). Por outro lado evitar os livros de divulgação mais elementar que não servem senão para desapontar um desejo legitimo de informação.

Nesta zona intermédia entre dois extremos, situar-se-iam primeiramente as obras de Freud que continuam a ser a base da Psicanálise e que pelo génio com que são escritas, têm um apelo universal. AS obras de Freud se poderiam juntar outras de carácter mais teórico ou conceptual dos seus discipulos mais próximos.

Um segundo grupo seria constituido por aquelas obras de Psicanálise em que esta é aplicada a outras ciências humanas aparentadas com ela (Antropologia, Pedagogia, Sociologia, História da Arte, da Literatura e das Religiões). Nestes campos do saber a Psicanálise fornece elementos necessários para uma compreensão psicológica, compreensão que não pode ser dada pelas outras ciências humanas e mais especialmente pela Psicologia Experimental.

Esta Psicanálise aplicada a matérias extra-médicas é susceptível de interessar muitos leitores e difundir mais autênticamente a compreensão psicanalítica do que os relatos mais ou menos desajeitados, sobre casos clinicos que encontramos nos livros de vulgarização.

Entre os principais titulos que poderiam ser incluídos numa lista de livros de Psicanálise deste molde, ocorre-me citar os seguintes: **Ensaios de Psicanálise Aplicada** de Ernest Jones, **Hamlet e Édipo** do mesmo **Edgar Poe** de Marie Bonaparte, **O Jovem Lutero** ee Erikson, **Infancia e Sociedade** do mesmo, **A Verdade de Gandhi** também de Erikson, **O Pensamento Político e Social de Freud** de Roazen. **A Esquerda Freudiana** de Robison, **Pagamento Equilibrado** de **Elliott Jacques, Medição da Responsabilidade** do mesmo **Psicanálise e Filosofia** de Hanly e Lazerowitz, **Eros e Civilização** do filósofo H. Marcuse. Tratando-se na sua maioria de livros de lingua inglesa, a sua tradução seria mais indicada por ser o inglês menos acessível para o nosso público.

EXTERNATO LUSO BRASILEIRO

Abriu Recentemente Com Novos Métodos de Ensino Curso Intensivo Acompanhado de Formação Intelectual Paralela. Para Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclo dos Liceus. Informações à AV. DA REPÚBLICA, 90-2.º - TEL. 772116. Para Formação de Turmas Com Início de Aulas a 10 de Novembro. Matrículas já Abertas Grátis.

Semana 8 a 14 NOVEMBRO
SIEMENS
ELECTRODOMESTICOS
FIL
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
ENTRADA LIVRE
UMA EXPOSIÇÃO ÚNICA EM PORTUGAL

- Demonstrações práticas de máquinas de lavar roupa e louça por pessoal especializado.
- Novas formas, novas cores em TV: uma experiência para o futuro.
- Apresentação de aparelhagem estereofónica "STEREO QUADRO SOUND" (4 canais).
- A cozinha do futuro: o prazer de cozinhar num fogão que "pensa" por nós
- Sorteio diário de 3 valiosos electrodomésticos Siemens.
- Brindes a todos os visitantes.
- Serviço de café grátis.

HOJE Ultima noite sorteio final 1.º premio..
Máquina lavar loiça automática "12 talheres"

DIAS ÚTEIS - DAS 19 ÀS 24 HORAS
SÁBADO E DOMINGO - DAS 15 ÀS 24 HORAS

PRESENTES DE NATAL
SERVIÇO ESPECIAL, ECONÓMICO E EFICIENTE NA ENTREGA AO DOMICÍLIO, NO ESTRANGEIRO, DE VINHO DO PORTO, DE ORIGEM.
BURMESTER
(DESDE 1750)
GARANTIA DE FINA QUALIDADE
Rua de Belomonte, 39-1.º — PORTO — Telefones: 21086 - 32299

SURDEZ
CENTRO AUDITIVO
— A Casa mais moderna em Aparelhos Auditivos —
LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º • Telef. 5 95 97
(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)
SEMPRE OS ÚLTIMOS MODELOS em aparelhos para correcção da surdez

★ Audição frontal, produzindo som natural e nitidez inigualável
★ Tamanho discreto — forma anatómica
★ Graduação individual para cada caso
★ Audição indutiva para telefone e TV.
★ Custo mínimo de manutenção-pilha carregável

SERVIÇO ESPECIALIZADO onde os clientes encontram a melhor boa vontade para serem conscienciosamente orientados.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA:
QUALIDADE • TÉCNICA • GARANTIA

Direcção: Francisco Marcão
(23 anos de especialidade)

O Outubro - TEXTOS DE POESIA

outubro
textos de poesia

Em meados de Outubro apareceu nas livrarias uma pequena plaquete de poemas. Movimentando-se fora dos normais circuitos comerciais, sem apoio publicitário, a sua existência passou decerto despercebida aos leitores menos atentos.

Trata-se de **OUTUBRO __ TEXTOS DE POESIA,** publicação não periódica coordenada por Casimiro de Brito e Gastão Cruz.

OUTUBRO __ um nome que é apenas referência ao mês de edição __ destina-se exclusivamente à publicação de textos inéditos de poesia. Nesta sua intenção vem esta pequena plaquete suprir a ausência de uma publicação onde seja possível dar a ler poesia segundo um critério de qualidade. Esperemos que a cumpra e a prossiga para que os seus próximos números nos ajudem a definir esse critério.

Inclui este seu primeiro número um conjunto de textos inéditos de Carlos de Oliveira **(CRISTAL EM SÓRIA),** Eugénio de Andrade **(OBSCURO DOMÍNIO),** Fiama Hasse Pais Brandão **(A ERA),** Nuno Guimarães **(OS DIAS REGRESSIVOS)** e Ruy Belo **(MONTE ABRAÃO).** O desenho da capa e a orientação gráfica pertencem a Manuel Baptista.

Embora com um pequeno atraso sobre a data da sua publicação, não quer o Suplemento Literário deixar de apoiar e chamar a atenção dos seus leitores para esta iniciativa. Neste sentido, é apenas como introdução à sua leitura, publicamos a seguir pequenos fragmentos de alguns dos textos incluidos em **OUTUBRO:**

ENVIO

EUGÉNIO DE ANDRADE

À breve, azul cantilena
dos teus olhos quando anoitecem.

À criança alta e triste
que dá pelo nome de Ariane.

A Mozart,
que escreveu o «allegretto» do Concerto em sol
(K. 453), à memória de um estorninho.

A Lambros, em Delfos,
onde hei-de voltar para dançar ou morrer.

À cotovia das bodas de Romeu e Julieta,
que talvez seja a «alouette calandrelle» de Messiaen.

Aos contrabandistas de Monfortinho
(se ainda os houver),
que fornicam dos dois lados da fronteira.

A Hölderlin, que enlouqueceu a escrever versos assim:
Um amigo é muita vez a bem-amada.

NUNO GUIMARÃES

OS DIAS REGRESSIVOS (FRAGMENTO)

Idade do pão! metamorfose
cara ao coração.
das aves, do seu leito
maduro em movimento.
idade das colheitas,
dos rios, da suspeita
precoce, sem sustento.

A sua escrita: tensão
e atenção acumuláveis
em sua estável arma-
dura, talvez em tua
fóssil consciência
(tua ciência fácil
e segura).

De manhã, aquecido
pela luz, descobriu:
clareiras, zonas de
ruptura, uma dupli-
cidade perfeita.
Levitador! fomen-
tador da divisão.
ecce homo, o homicida.

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

A ERA

Sobre o dorso de um campo — em que vivemos — cai vitríolo,
o acre corruptor; e ainda gelo, esta a mais dura cicatriz
sobre as coisas e a carne. Vésper, estrela difracta, fere
o corpo; assim cegos, frente às arestas víamos
um alimento: nada era sítio: ponta, limite (espícula).
Nada era: nem a fusão do gelo que se funde,
nem o dia, enquanto espesso, era diurno.

Se era possível ser só pela ausência ou enquanto amo
a algidez. Ver os glóbulos — do corpo — serem flocos.
Ver o gelo (eternamente). Digo a linguagem, seres,
todavia: vivo dispersa, era. (A era).

ESPAÇO PARA CANÇÃO

RUY BELO

As noites desmedidas de novembro
abertas sobre a queixa rígida das árvores
inauguram o outono sobre a terra
Adeus ó meu verão impiedoso
ó limpidez da água sobre as pedras
ó inúmeros galos da manhã
ó tempestade agreste de alegria
E o país da música é a fome de noite
impossível estar só razoável rapaz
meu príncipe da própria juventude
Nos cabelos de vento do mar morto do destino
fundo antigo de água conchas e areias
no centro solitário deste solo
ante a solenidade sensual do sono
eu olho os paralelipípedos do nada e
não me detenho nos umbrais das trevas
caminho numa mesma direcção
Onde o cheiro da esteva sobre a vila
o trigo para o campo do olhar
as estrelas abertas pelo céu?
Ponho os pés sobre as folhas no asfalto
espero por dezembro mês para morrer
evoco a luz discreta das doenças de outrora
Aqui os cisnes são da cor da cinza
e o vento devasta o país dos paúis
quando perto do chão a última cigarra
anuncia a definitiva solidão
Que é dos momentos puros de outra vida
da luminosa luz como ferro em fusão
do silêncio como a nossa melhor obra?
Eu te saúdo outono punitivo
sinal desse silêncio que me não permite
desistir de cantar enquanto vivo
Que o vento a névoa a folha e sobretudo o chão
caibam dentro do espaço da minha canção.

DESCRIÇÃO DA GUERRA EM GUERNICA (FRAGMENTO)

CARLOS DE OLIVEIRA

Entra pela janela
o anjo camponês;
com a terceira luz na mão;
minucioso, habituado
aos interiores de cereal;
aos utensílios
que dormem na fuligem;
os seus olhos rurais
não compreendem bem os símbolos
desta colheita: hélices,
motores furiosos;
e estende mais o braço; planta
no ar, como uma árvore,
a chama do candeeiro.

INQUÉRITO

A nova crítica em questão

As respostas de Antônio Quadros

1. Sem dúvida. Mas a expressão é vaga e insignificativa, embora lhe possa ser dado um conteúdo relativamente preciso, ao menos por exclusão de partes. Mal se define o conteúdo de qualquer coisa que se apresente como **novo**, ei-lo no entanto que começa a transbordar, a ultrapassar os limites. Por que não dar às correntes inovadoras ou renovadoras designações mais directamente relacionadas com o seu significado teórico? E evidente que há sempre nova crítica, como há sempre novo romance, nova arte ou nova filosofia, porque o movimento é condição inelutável de ser do homem, sobretudo do homem ocidental, e pelo menos nos domínios do intelectual, do psíquico e do social. Assim, a designação de **nova crítica**, que vem de **new criticism** (o qual já não é tão novo como isso), parece-me sobretudo um emblema polémico-geracional. Como emblema tem grande poder de sugestão, mas o seu carácter impreciso leva-o a encobrir, mais do que a descobrir uma pluralidade de conteúdos e de possibilidades.

No caso português, onde é escasso o exercício de uma crítica séria, atenta, independente e sistemática, parecem-me ser frequentes os fenómenos de hibridismo. Em muitos casos, utilizam-se a linguagem e os métodos aproximativos do formalismo ou da linguística estruturalista, mas o juízo crítico e selectivo permanece vinculado à crítica sociológica-materialista, que na realidade está nos antípodas, ou então a formas de idealismo ou psicologismo. Compreendo, aliás, o embaraço desses críticos. Querem ao mesmo tempo **estar a par**, ir na vanguarda da **inteligentzia** europeia, e ser fiéis a estruturas ideológicas pessoais. Surge uma aporia pouco menos que irresolúvel. Em geral, este tipo de críticas, ou fracassa e desiste, ou se refugia no sossego das cátedras do micro-mundo universitário, ou enfim é obrigado a perseguir constantemente a nuvem que lhe escapa, passando por todas as metamorfoses de uma constante, mas superficial actualização. Só há uma medicina: pensarem por si próprios. Mas isso é uma aventura de ascetismo, de que raros são capazes.

2. Dando à expressão «nova crítica» um feixe de significados bastante lato, poderei acentuar: em geral, as formas de crítica anteriores ou paralelas àquela que ora nos ocupa, **extrapolavam** (e **extrapolam**) do seu objecto preciso, isto é, da obra literária em análise. Não é que deixassem completamente de ver na obra de certo modo um sistema ou uma estrutura (embora não o considerassem segundo um modelo rigoroso, matemático, científico, mas viam-no como um micro-sistema, totalmente dependente do macro-sistema, mais amplo e abarcador. A obra literária não era ou não é, segundo este ângulo, mais do que objecto comparticipante de um cosmos, ou então reflexo significante e simbólico de um sistema global. A crítica subordina-se assim à filosofia, à teologia, à sociologia, à psicologia, ao sistema ideológico-explicativo do mundo, etc... Para o crítico económico-sociologista, a obra de arte exprime paradigmàticamente o sistema geral das relações sociais revela-o mesmo de forma simbólica e dialéctica.Para o crítico psicologista, a obra de arte ilustra a contextura complexa da psique humana, é um documento das pulsões inconscientes e oníricas do homem. Ora o **novo crítico** não sabe ou procura não saber de sistemas transcendentes ou exteriores à obra em si, é de modelo A sua pretenção é de modelo científico-matemático. Quer descobrir numa **ordem interna e** revelá-la. Está muito influenciado, aliás, por ciências ou correntes culturais recentes, o não-positivismo, **a gestalt**, a línguistica pós-Saussure, as ciências humanas. E matetático-mecanicista. Fala me nos em termos biológico-vitalistas, do que em simbólico- engenhosos. A obra é um objecto, rigorosamente estruturado. De onde vem e para onde vai, interessa-lhe pouco. Não é médico, é anatomista. O seu escopo é a engenharia estrutural do objecto. Não é por acaso que alguns dos mais entusiastas, de entre os «novos críticos» portugueses, são engenheiros: Jorge de Sena, Melo e Castro. Aliás, tudo isto foi previsto por homens de génio. Era engenheiro o novo Fausto, de Goethe. Engenheiro (naval, por Glasgow), Alvaro de Campos, autor de **Ode Triunfal**. Os homens das «outras críticas» dizem que esta (com antecedentes, aliás, na crítica positivista de Taine, ou na estilística), é demasiado limitada. Os homens da «nova crítica» replicam que desejam fugir ao ambicioso, ao impossível, ao vago, ao desmesuradamente complexo por antes estudar com rigor científicoo que sempre foi subsumido por concepções excessivamente transcendentes. por mim, não posso de modo algum **absolutizar** taia métodos de ambição científico-tecnológica. Mas considero que, relativizados, podem na verdade ser fecundos. Aliás, já os tenho utilizado, embora limitadamente, como quando, a propósito dos contos de fadas, estudei a estrutura dos **mitemas**, seguindo indicações de Levi-Strauss, Greims, Brémond.

3. Talvez que uma ruptura entre o modelo filosófico do crítico (que aliás foi, é e será modelo científico (que tem aliás antecedentes notórios, desde que o positivismo postulou a «lei dos três estados»). Segundo o modelo filosófico, a crítica absorverá todos os métodos possíveis, aceitando-os e relativizando-os, mas sepurando-os por uma superambulância intelectual, racional e lógica; segundo o modelo científico, a crítica não consente mais do que a objectividade experimental da exterioridade dissecada e desmontada na sua estrutura e nas suas leis interiores. Mas atenção! Segundo uma inteligente observação de Starobinski, a aproximação científica da «nova crítica», que muitos diria uma forma de furo cepticismo ou de agnosticismo neopositivista perante todos os princípios metafísicos ou universalmente explicativos, reencontra indirectamente e quase sem dar por isso a aproximação filosófica. Diz efectivamente Starobinski que « **o estruturalismo, como instrumento de decifração do nosso tempo, postula a possibilidade de nele encontrar conjuntos legíveis e compreensíveis. Implica por conseguinte a fé na presença imanente de uma razão estruturante; reivindica uma racionalidade ou pelo menos uma legibilidade do mundo. Se se propusesse examinar «Sistemas» ou «organismos» doentes (os quais têm também ria, da parte do observador, uma aposta a favor do sentido, uma opção pela inteligibilidade. O estruturalismo é uma refutação de fácil dramaturgia do absurdo**». (1) Tal observação serve evidentemente também a «nova crítica», que aliás, sublinha também o mesmo autor, tal como as ciências tem a aprender da filosofia o preceito socrático de se repor constantemente em questão e de se interrogar sobre o seu próprio significado como disciplina.

4. Sim, decerto. Mas, pelas razões já apontadas, eu não falaria em conflito entre «velha» e «nova» crítica, antes preferiria distinguir entre correntes críticas de sinal oposto, todas em evolução, as «ve-

---

A cidade é grande e pequena. Como as pessoas. Como os seus quês e porquês. Como as causas e consequências do que nela se vê e escuta, do que se pensa e diz. E, também, do que se escreve e lê.

Assim, continua a haver quem se revolte, quando um Jorge de Sena fala duma tal «litero-cambada», «portuguêsmente pulha». Por cima de, ou mesmo por causa de, todos os seus ismos — o «senilismo» excluído. E quem não se rale.

Porque continua a haver quem cá viva. E leia.

Pablo Neruda

O homem que lia suplementos literários

Por exemplo: um tipo tem um emprego vulgaríssimo de Lineu, mulher e filhos chatos, cotas em dia no clube desportivo em que alinha pelo exercício regular de leitura dos trissemanários especializados. Mas tem também, há longos anos, desde sempre talvez, mais forte do que ele, do que a família, do que o ganha-pão diário, do que o sucesso ou insucesso clubista uma tendência antiga, um não sei quê de dentro, ou de cima, que o faz gostar de ler. Ler outras coisas, claro. Particularmente poesia.

Que o leva a tentar, algumas vezes, o esforço de escrever para o papel. E ler, em seguida, a ver como soa. E a sentir desconfortàvelmente que não era isso apenas o que lhe interessava, interrogando-se então sobre o que é que estaria à beira de saber. Ou o que teria perdido, e quando.

Mas persiste, a seu modo. Compra ocasionalmente um livro, uma revista. E vai conhecendo uns nomes de obras, de poetas. E umas coisas. Para o seu limitado activo, chega a fazer uns juízos.

Um dia compra o jornal da tarde. Decide-se pelo que vem acompanhado dum suplemento chamado literário. Folheia-o, como é hábito, como quem não quer a coisa. E é então que corre alvoroçado para casa.

Fecha a porta à mulher, aos filhos, a televisão, e abre os olhos. Escancara-os para deixar entrar o visitante anunciado e bem-vindo. Aconchega-se e prepara amorosamente o repasto mental. O menú: primeira página e duas interiores sobre um poeta. Pablo Neruda, prémio Nobel do ano. Um dos nomes que se incluíam no seu armazém de boas lembranças, no seu mostruário de modelos. E devora a mancha sugestiva de cada página, os poemas, os bonecos e, por fim, os testemunhos, sobre a atribuição do prémio, proporcionados por outros poetas. Portugueses. Mas.

A Natália aproveita para chatear o Sartre.

O Melo e Castro, num excelente exercício, antecipa o tratado de Pontologia e fornece uma quadra em ponto de cruz.

O Ventura Ferreira diz que espera que.

A Alberta Meneres declara, muito prosaicamente, que está de acordo.

O Ramos Rosa saca brilhantemente da ficha sobre poesia sul-americana.

O Ary faz de júri do próximo ano e nobeliza o Genet.

O Silva Carvalho sugere, não se percebe bem, que a parecença física com o poeta, aos 19 anos, lhe teria proporcionado amizade com uma moça vinda das américas subdesenvolvidas e que o amou por isso.

O O'Neill diz que as andorinhas não têm restaurante.

O Mourão-Ferreira, o Mourão-Ferreira. O poeta ou o professor de literatura?

É nesta altura que o tipo se levanta, inquieto. Olha no vazio. Procura qualquer coisa desesperadamente, na mente tornada labirinto, nos livros que vai buscar à estante, que abre e fecha. Sente-se cansado. Com duas mãos vazias duma primeira página e duas interiores. E uma mão cheia. De questões.

«A escolha não se mostra de todo desacertada». Duas negativas correspondem a uma afirmativa. Mas, a restrição? Não seria mais claro dizer-se que a escolha só em parte foi acertada?

Versos inspirados, oportunos e fáceis. Três graus duma bitolagem? Duma bitolagem quê? Explicativa, interpretativa, judicativa? Inspirado opõe-se a fácil? O Poe, que rejeitava a inspiração, proclamaria a facilidade? O poeta como *il miglior fabbro*, na exigência de Pound, será quê? O mias inspirado? O melhor artífice?

E serão as coordenadas de Neruda e Erza Pound diametralmente opostas? Que coordenadas são essas? Transposição duma particular visão do mundo, dum pretendido comprometimento político, para a obra poética? Se isso, porque não coordenadas perfeitamente coincidentes então?

Diametralmente opostos não serão antes os juízos que, de acordo com a visão oposta, o programa oposto, de dois julgadores, venham a ser formulados? Se se entende, claro, que tal juízo deve compreender a perspectivação ética que o funcionamento estético da obra lhe revela?

E ainda, a ser assim, sem que porventura se recuse a ambos a qualificação de grandes poetas, a aceitação de um não implicará necessàriamente a rejeição do outro?

Será que a velha questão da natureza e função da obra de arte literária é coisa arrumada em definitivo? Terá razão o Saroyan, de acordo com o seu amigo Caldwell, quando proclama que, se o escritor tem uma mensagem a comunicar, deve utilizar os serviços postais?

Arruma o jornal, os livros. Fecha o labirinto, os olhos. E, quando de novo os abre, vem-lhe à mão, quase sem dar por isso, um pequeno rectângulo de papel que estava ali, na frente dele. Desde sempre, também, talvez.

Torna a pegar num dos livros. Mas desta vez para o utilizar apenas como suporte numa escrita de urgência. E lança-se então, novamente interessado, para outra ordem diferente de questões.

Vouzela-Famalicão: um, xis, ou dois?

FERNANDO ARROIO

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. __ Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. __ Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. __ Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. __ Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?
5. __ A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. __ O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. __ Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processos de produção iniciado pela escrita?
8. __ Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

lhas» por vezes renovando-se fecundamente e as «novas» por vezes esgotando-se ou transformando-se. Há casos de esclerose, evidentemente. Mas não haverá «novos críticos» que, dogmatizantes, ficam logo esclerosadas à nascença?

Por outro lado, sempre que se mencione um **conflito**, penso que o termo se desloca do plano intelectual, para o anímico ou psicológico. Crio que o crítico-ético está predisposto a dialogar e está a convergir com as outras tendências opostas, aceitando mesmo algo por aculturação, enquanto o crítico-belicoso ou polemizador tem sobretudo problemas psicopáticos de um **ego** inflacionado , vive uma psicose de grupo (o **«grupo em fusão»** que, segundo Sartre descreve magistralmente na **Crítica da Razão Dialéctica**, ataca o «prático-inerte» do **stato quo** para conquistar o poder ou um poder), contesta a gerontocracia crítica vigente em nome do messianismo juvenil que assume em seu proveito, tem pruridos virtuosos e puritanos de adolescente senectude, manifesta uma das mil e uma formas de snobismo desdenhoso em relação aos grupos ou correntes que despreza, troça ou silencia segundo as tonalidades estudadas com tanto humor por Pierre Daninos, ou enfim exerce simplesmente uma vigilância político-judicativa de finalidades não críticas, mas operatórias.

5. Depois do século XIX, o prestígio da ciência - ou do saber exacto, experimental, comprovável na repetição que a lei codifica, embora limitado e segmentado - levou os adeptos de qualquer disciplina cultural, sobretudo os professores e os críticos «profissionais», desejosos de **ensinar** matéria objectiva, erudita e de aparato legiferente, a procurar-lhe e a impor à opinião o seu caracter de cientificidade. Mas eu questiono ainda hoje a cientificidade (positiva, necessàriamente), das disciplinas culturais adjuvantes da crítica mais actual: nomeadamente a linguística e a filologia, a antropologia cultural e a psicanálise, a sociologia e a etnologia - sem falar já das «regiões» da filosofia, desde a estética à lógica e à ontologia. Pessoalmente tenho utilizado selectivamente uma ou outra destas disciplinas, sem, no entanto, vinculação sistemática a nenhuma delas.

6. A etimologia da **crítica** é significativa. Vem do grego **crinein**, crivar, e passa pelo latino **crisis**, crise. Crivar é transperçar, podia ser torturar. Cf. S. Sebastião **crivado** de frechas. Na verdade, o corpo aberto por um bísturi revela a sua **crise** interna. O médico ajuiza ou diagnostica. Declara o doente são ou enfermo, definitivamente condenado ou operável. Mas o crítico tradicional aproxima-se mais da função do juiz do que da missão do médico. Cf. lista interminável de críticas literárias formadas em direito. Definição do Dicionário da Academia Francesa (1694): «Arte de **julgar** uma obra de espírito». Este conceito é ainda hoje popular. O crítico-juiz absolve e condena. O próprio autor procura nos jornais ou nas revistas a notícia da sua absolvição ou da sua condenação. Pena leve ou pesada? «O silêncio é a pena capital da crítica» (Afonso Botelho).

José Marinho revolta-se justamente contra todo o juizo. Quem pode ajuizar? Em nome de que absoluto? Não há, é certo, juizo sem interpretação, exegese ou hermenentia. Mas onde está o juizo (em geral o priorístico, subjectivo, operatório) todos os restantes elementos da crítica perdem consistência.

O crítico denuncia judicativamente a **crise** da obra, ou isenta-a de crise. Se não denunciarmos o carácter judical, penal, prisional do juizo crítico, tudo quanto de positivo a crítica tem a oferecer à literatura, como seu complemento indispensável, perde validade e qualidade. O problema não reside quanto a mim no mediato ou no imediato da crítica - mas na sua autenticidade ética, no seu valor intelectual, na sua acuidade interpretativa. Posto isto, penso que a crítica imediata pode favorecer os lados extrínsecos e marginais da literatura, contudo importantes para editores e autores, como a expansão da obra (mas também a sua liquidação) ou o estímulo ao autor (mas também a sua execução).

7. Deveríamos distinguir entre a **criação** e a **produção**, sob perigo de considerarmos a obra literária como puro objecto de consumo. A criação principia na gestação mental e termina na escrita; a produção principia no contrato com o editor e termina na publicidade, na distribuição, no **marketing** do livro, passando pela edição. Mas duas observações: a crítica literária é um género recentíssimo; a grande literatura do passado terá sido afectada pela ausência de crítica? Contudo, a crítica mais autêntica tem hoje o valor de equilibrar o aleatório da opinião. Por outro lado, penso que a crítica se tornou um género literário autónomo. Neste caso, o texto está para a crítica, como a natureza está para o cientista. O texto funciona assim como pretexto. A **peça** da crítica equivale à **peça** de ficção ou de poesia. O distanciamento é aliás cada vez maior. Michel Foncault fala das «Meninas», de Velazquez como de uma geometria labiríntica, onde o próprio Velazquez está a mais. A crítica não **completa: paraleliza**. Efectivamente, é tão frequente que o crítico permaneça aquém da obra, como a ultrapasse. A crítica é, em suma, uma outra criação autónoma,sujeita por sua vez à crítica do próprio autor, do leitor e assim indefinidamente. Não se espere dela que esclareça em definitivo ou que profira juizos infalíveis e absolutos. Por isso, deveria ser modesta. é como diálogo que sobretudo vale.

8. Sou um dos tais críticos «que extrapolam». A visão do «micro-sistema» está sempre, em mim, dominado pela consciência do «macro-sistema». Tenho horror do juizo. Contudo já fui, e às vezes ainda sou, crítico-juiz. Basilarmente, sou menos crítico do que ensaista. O ensaio permite outra liberdade. Gosto de divagar. De reflectir sem muros ao longo dos caminhos. Crítica, ensaio, são para mim capítulos menores da estética e da ética, por seu turno «áreas» de filosofia. Sim, desconfio da crítica científica, embora me aproxime às vezes, perigosamente, dos seus arredores. Não sou um crítico profissional nem professoral. Contudo, escrevo muito: é uma forma de ser. Mas sei que sou um amador e um romântico. Amador, porque amo esse inefável, esse imponderável de que a crítica «séria» foge quanto pode - o espírito. Romântico, porque acredito que a crítica, o ensaio, a ciência, a filosofia, devem ser obras de amor, plenas de univocidade, não de judicativa hostilidade. Amador e romântico, porque para mim o próprio da mais genuína actividade, intelectual é descobrir a possível convergência de toda a multiplicidade dos homens e das suas obras, artísticas ou não. Mas estou a ser grandiloquente. Desculpem. Tenho errado e fracassado tanto, que era tempo de começar a medir melhor as minhas palavras.

ANTÓNIO QUADROS

Prontuário das Letras

LIVROS, LIVROS, LIVROS

O Prontuário não saiu no domingo passado: parou para tomar fôlego, apeteceu-lhe ir passear à beira-rio, sentar-se numa bancada da Tapadinha a ver a rapaziada da bola. Em resultado do que os livros, os livros, os livros, (não é gralha, é força de expressão) ameaçam asfixiar de novo quem todas as semanas dá aqui conta deles.

Não é novidade para ninguém: publica-se cada vez mais palavra impressa, brochada ou encadernada. Até certo ponto uma secção destas deveria limitar-se a informar sobre a saída dos livros, e nem de todos, mas só dos que fossem realmente importantes, e se possível em poucas palavras, para não maçar. Vem depois a tentação de ser um poucochino mais explícito. Prolongar a informação. Sublinhar um pormenor interessante ou simplesmente curioso. Fornecer uma nota (zinha) de apoio. Um arremedo, às vezes, bibliografia (zinha). E pronto, lá se vai o espaço: como hoje, em que precisámos de ultrapassar os limites que nós próprios tínhamos fixado como convenientes.

Com o nosso veemente pedido de desculpa ao restante «Literário»...

«OUTUBRO»

Um dos acontecimentos, autênticos acontecimentos, desta quinzena que passou foi a saída de «Outubro», textos de poesia coordenados por Casimiro Brito e Gastão Cruz. O facto merece referência mais longa e isso mesmo se faz neste número do «Literário».

Tanta experiência semelhante que tem falhado... Vamos deixar morrer «Outubro», vamos deixá-lo à míngua quando nos deu poemas novos de Carlos de Oliveira («Cristal em Sória» bastaria para justificar, de per si, a compra do caderno), Eugénio de Andrade, Fiama Hasse Pais Brandão, Nuno Guimarães, Ruy Belo? A promoção não parece famosa: em mais de um sítio o vendedor tinha «Outubro» mas não sabia bem se o tinha ou não sabia já onde o puseram. E claro que um orçamento como o deste caderno não permite sequer publicitá-lo: ou o leitor passa palavra ou não há nº2.

Resumindo: leia e passe palavra. «Outubro» merece-o.

NAMORA EM VIAGEM

«Cadernos de um escritor», eis como Fernando Namora classifica o seu livro, «Os adoradores do sol» (Publicações

Europa América).Reivindicando essa situação excepcional do criador, compromete-se a dar-nos, não simplesmente notas de viagem (e podia contar brilhantemente qualquer viagem), mas uma visão aprofundada, maleável no trato dos dados coligidos, rigorosa nas sínteses parcelares ou no «ponto» final. Isto quer se trate da Escandinávia, que tem a parte de leão dos «cadernos», quer da Rússia do Norte, reduzida a mais breves apontamentos onde, de par com a agudeza do observador, também se nota a emoção de quem fez amigos e experimentou o companheirismo em algumas horas efémeras.

Daí que consideremos este livro de Namora, para além da sua eventual qualidade estilística (que outros discutirão), como uma obra inteligente, dessa apaixonante inteligência que se encontra, por exemplo, em «Clefs pour la Chine», de Claude Roy, ou em «L' Amérique au jour le jour», de Simone de Beauvoir.

«SUA EXCELÊNCIA»

«Um homem certo, no lugar certo, no momento certo», diz o tipo das Relações Públicas. A peça acaba logo a seguir com a imposição da Grande Ordem do Mérito a Afrânio Reboredo.

Antes disso, porém, Luís de Sttau Monteiro descarna à vista a personagem-tipo do aventureiro que, longe do país de origem, amealha a fortuna sem olhar a meios. **«Sua Excelência»** tem a crueldade da caricatura a traço grosso. Nona peça publicada do mais talentoso dos nossos dramaturgos sem encenador, vai mais longe que as anteriores no propósito de demolir o mito escolhido como alvo: já não se trata de acertar nele, mas de fragmenta-lo por explosão. Incongruências, facilidades que se queiram sublinhar são coisa de somenos nesta obra que lá fora se chamaria «agit-prop».

Uma incomodidade, em suma. Para Suas Excelências.

AS DATAS DA HISTÓRIA

Elaborada com base num apêndice ao **«Dicionário de História de Portugal»**», foi agora publicada pelas Iniciativas Editoriais a **«Cronologia Geral da História de Portugal»**, de Joel Serrão, trabalho utilíssimo que o autor confessa ter constituído «tarefa morosa e delicada» no sentido de «preencher uma lacuna da bibliografia historiográfica portuguesa». As datas da nossa história (alunos liceais e universitários terão todo o interesse em controlar, com este material de apoio, o seu estudo) são apresentadas em nove capítulos: Proto-História, Condado Portucalense, Formação e Organização de Portugal, Expansão Marítima e Colonial, Domínio Espanhol, Restauração da Independência e Consolidação do Domínio Português no Brasil, Aceleração do «Processus» de Independência Brasileira e Instauração do Regime Liberal, Regeneração e Expansão Africana e República (até 1930).

De acordo com a cronologia fornecida por Serrão teremos em 1972 algumas efemérides a assinalar: por exemplo o sexto centenário do tratado de Tagilde, celebrado entre D. Fernando e o duque de Lencastre; o quinto centenário das Cortes de Coimbra (Afonso V); o quarto centenário da publicação de «Os Lusíadas» (este em vias de ser comemorado a nível nacional) e da «Gramática» de Manuel Alvares; o bicentenário da Imprensa Régia; e o primeiro centenário da publicação de «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Dinis, e da »Teoria da História Literária Portuguesa», de Teófilo Braga.

CAMÕES DE BOLSO

Entre as novidades de Outubro da Editora Arcádia veio para as livrarias uma edição de bolso (400 e tal páginas, 40$00) de «Os Lusíadas», antecipação às comemorações do quarto centenário de publicação do clássico. Introdução e notas do prof. Hernâni Cidade ajudam a situar e a compreender em pormenores o texto camoniano.

Também da Arcádia vimos «As Religiões Chinesas», de D. Howard Smith, e o sexto fascículo da «História da Arquitectura Moderna», de Bruno Zevi.

GARRETT 1971

A Parceria António Maria Pereira anuncia uma nova edição das «Obras Completas» de Almeida Garrett, orientada pelo prof. Jacinto do Prado Coelho e com os textos fixados sobre as últimas edições revistas pelo escritor.

Incluirá estudos críticos de André Crabbé Rocha, Joel Serrão, Manuel Viegas Guerreiro, Ofélia Paiva Monteiro, Rogério Fernandes e do próprio J. Prado Coelho. Recorda-se, a propósito, que a última edição das «Obras Completas» de Garrett (coordenada e dirigida por Teófilo Braga) data de 1904-1905.

SUPLEMENTOS CULTURAIS

A sobrevivência dos suplementos e páginas culturais da Imprensa regional é tão difícil que chega a constituir um acto de heroicidade. Chamamos hoje a atenção para dois dos mais bem elaborados suplementos deste tipo: «Ao Km. Zero» e «Sintoma».

O primeiro vem (irregularmente, o que se lamenta) no jornal «Reconquista», de Castelo Branco; dirigido por José Correia Tavares, traz no recente nº25 material de bastante interesse, como seja a saborosa história de uma crónica que o poeta norueguês Jan Erik Vold enviou a vários jornais e revistas do seu país (a crónica era formada pela repetição exaustiva da palavra «bla», o que causou engulhos a todas as redacções). Quanto a «Sintoma», duas páginas do «Jornal do Centro», da Pampilhosa, coordenadas por Luís de Miranda Rocha e Manuel Rui, inclui no nº4, de Setembro/Outubro, colaboração original de Casimiro Brito, Hélio Correia (um poeta a acompanhar com muita atenção), José Nogueira Gil e Adelino Madeira de Castro.

PRONTO PARA LER

SHAW, Irwin: Na colecção Nova Visão, da Editorial Futura, «Vozes de um dia de Verão» («Voices of a Summer Day»), em tradução de Patrícia Joyce. Irwin Shaw (n. 1913, Nova York) celebrizou-se em 1936 com a peça «Bury the Dead» («Enterrem os mortos»), mas é mais conhecido do grande público como romancista ou, segundo um crítico americano, como o romancista de «The Young Lions» («Os jovens leões»).

Continua na pág. sete

Max Frisch

Uma nova narrativa de Max Frisch

GUILHERME TELL PARA AS ESCOLAS

Muito antes da sua publicação, prevista para a Suhrkamp Verlag de Frankfurt, numa edição de menos de cem páginas, a narrativa de Max Frisch «Wilhelm Tell für die Schule» («Guilherme Tell para as escolas») já apaixonou a Imprensa alemã. Este entusiasmo explica-se pela importância do autor, cujas peças «Andorra» e «Biedermann e os incendiários» são representadas em todo o mundo, assim como pela atracção exercida por uma personagem que deve a sua existência à imaginação dos poetas.

Nascido do encontro entre uma lenda nórdica - a do archeiro fanfarrão - e as tradições locais dos primeiros suiços, que dele necessitavam para simbolizar a sua unidade, Guilherme Tell mistura-se, desde o princípio, aos autos populares em dialecto, e depois aos dramas da Reforma, onde recita altamente as tiradas dos católicos e dos protestantes.

Um pastor que se atreveu a pôr a sua existência real em dúvida foi imediatamente forçado a retractar-se. Schiller firmou-lhe definitivamente a fama ao opô-lo, frente a Napoleão, como o campeão do direito dos povos a dispor de si próprios. Goethe, sempre prudente, não se atrevera a escrever aquele drama e dera a ideia a Schiller. Em 1920 um autor suiço transforma-o em bolchevista e em 1935 o nosso herói até se torna nazi...

Frisch, cujas personagens romanescas são constituídas por fragmentos contraditórios de biografias (Stiller, Gatenbein), não podia deixar de se sentir fascinado por aquele mito. Critica as fontes: «Apenas conhecemos», afirma, «Guilherme Tell através das tradições orais que o desfiguraram e embelezam. O que é que se esconderá por detrás de tão belas cores? Se hoje apenas dispuséssemos de tradições orais, ninguém saberia que houve na Suiça, durante a guerra, burgueses e oficiais favoráveis a Hitler.»

Servir-nos-à a história de auxílio? Frisch cita historiadores que se contradizem e lendas que nos permitem, sobretudo, apreciar a capacidade de efabulação e de delírio dos povos montanheses e as riquezas dos seus dialectos.

Aquele material diverso (Frisch, ao multiplicar as notas, parodia os eruditos) não permite, mesmo assim, a construção da personagem. Chega a vez de o romancista intervir: Max Frisch decidiu tomar para herói da sua narrativa não Guilherme Tell, mas o bailio austríaco que lhe deu ordem para fazer pontaria à maçã posta sobre a cabeça do filho. Mas quem era esse tal bailio? O escritor hesita: provàvelmente Konrad von Tillendorf, ou talvez um indivíduo chamado Grisler, ou ainda um outro cavaleiro - em todo o caso, um alto funcionário da corte imperial que detestava a montanha. Ainda jovem, é bastante gordo, tendo dificuldade em respirar. Receia estas montanhas que se alinham por cima da sua cabeça (a moda das paisagens alpestres data apenas do século XIX), este povo teimoso, calado, submetido aos grandes proprietários de terras que odeiam os indivíduos e as ideias estrangeiras.

Cheio de boa vontade, procura desenvencilhar-se recorrendo ao humor - o que cria barreiras ainda mais intransponíveis. O bailio não tem sorte: forçado a ir-se embora, deve ainda organizar a cerimónia imperial da saudação ao chapéu quando lhe vêm anunciar que um montanhês de cabelos ruivos, um tal Guilherme Tell, se não descobriu diante daquele símbolo.

O caso, a princípio, não é grave. Tell pede desculpa, mas o público tem os olhos nele e o filho gaba-se: «O meu pai é formidável, é capaz de atirar a uma maçã posta sobre a minha cabeça.» - «Uma maçã em cima da tua cabeça? Porque não?», diz, rindo-se, o bailio. Mas pegam-lhe na palavra; um padre cai de joelhos, implorando à graça divina. A história não passa de uma sucessão de mal-entendidos.

Max Frisch improvisa com muito brilho, nestas cem páginas, sobre os acasos e as necessidades, sobre a arte do romance e os trocadilhos da linguagem, ao mesmo tempo que participa nos ensaios críticos que os seus jovens compatriotas Peter Bichsel, Jorg Steiner ou Adolf Muschg igualmente inserem nas suas obras.

O Teatro de Basileia já consagrou uma noite a este livro, com um debate que, partindo da situação na Suíça, ràpidamente desembocou, tal como sempre acontece com Max Frisch e os melhores escritores suiço-alemães, na situação política e cultural vigente no mundo.

Os garotos das escolas - a quem o livro é um tanto irònicamente dedicado - é que gozaram imenso com tudo isto.

UM OLHAR PARA OS SAPATOS

Continuação da página um

Mas, o filme. Atrás disse: o mais português. Não no sentido do Benfica. Mas, no sentido literal: aqui e agora. Português na tristeza, nas pequenas rábulas, na frustração de pastelaria, no invejoso, nos outros (outras) que até se estão rindo para ti, ó César, para mim, para quem fala na primeira pessoa embora seja a voz dos outros e não a voz do dono. Desencanto? Não é preciso ir ao **Johnny Guitar** ou aos **Inadaptados** para ver o desencanto. Experimentem descer a pé Almirante Reis. Entrar no Ritz (dancing) ou no Bolero. Beber umas tulipas no Gambrinus. Mais vale experimentar. E as experiências, ao contrário do que dizia o poeta e as velhas tias e avós, não se fazem só em casa. É entrar, meus senhores, é entrar! Mais uma voltinha no grande carrocel barreirense! Quem não tem cabeça não paga nada!

O filme. As fitas. A esplanada depois da viagem

«Quem espera por sapatos de defunto...». O que é o filme? Um doloroso olhar

interior à beira da morte. Nosferatu o vampiro em contraste de luz. Cintra/Jerry a experimentarem sapatos num banco de jardim. Um gesto suspenso. Camões (**Um mover d'olhos brando e piedoso**) muito a propósito. Um olhar (sempre) já de raiva, quase ódio, mas a deixar a ternura meter golo na própria baliza (vamos para o ataque, descurando a defesa, e ele é cada cabazada!) Em resumo: a importância de te chamares João César Monteiro e de te assumires até ao fim, até ao último fotograma, até à última piscadela de olho ao espectador.

Um filme português. No sentido literal

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES
2 programas
51 cm . . . . . 3.450$
59 cm . . . . . 4.450$
Gravadores de Cassetes . . 1.200$
Rádios bolso . 120$

FRIGORÍFICOS
140 litros . . . 2.100$
175 » . . . 2.650$
220 » . . . 3.450$
270 »(2 portas) 4.450$

MÁQUINAS
LAVAR ROUPA automáticas
4.350$
LOIÇA
5.950$

ESQUENTADORES
1.390$

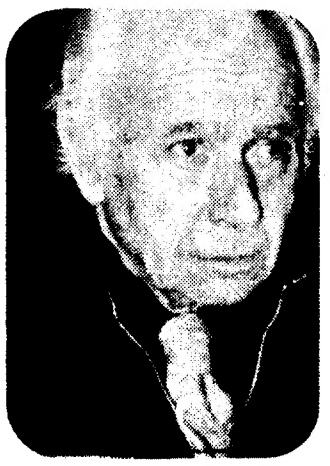
FOGÕES A GÁS
3 lumes . . . . 1.190$

MOBÍLIAS COMPLETAS ★ MÓVEIS SOLTOS ★ ALCATIFAS ★ CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA – RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (Junto ao Largo)

A Poesia de Circunstância



Louis Aragon

Pode compremeter-se a poesia e, se assim for continua ela ainda a ser poética? Esta questão, posta por Sartre em 1948 nas suas **Situations II;** acaba de ser retomada por Predrag Matvejevitch, professor de literatura francesa na Universidade de Zabreg, crítico literário e autor de numerosos ensaios sobre Sartre, o novo romance e as letras jugoslavas.

Se o seu livro **A poesia de circunstância** se apresenta sob o aspecto austero de uma tese da Sorbonne, a verdade é que só se lhe compreende a intenção quando colocado no contexto vivo que o inspirou. Jugoslavo, mas de ascendência soviética, Matvejevitch alimentou-se de Maiakovski e dos dias que se seguiram à revolução de Outubro; alistado, ainda adolescente, na Resistência, testemunha lúcida da miséria da «Literatura de partido», nunca deixou de se interrogar sobre as formas de «compromisso» político e poético. Preocupado em salvaguardar a sua paixão pelos futuristas e a fidelidade à estética lukacsiana dos conteúdos, tenta, através desta análise da «poesia da Resistência», dilucidar o seu valor duradouro ou efémero e resolver o problema do «comprometimento» poético. A originalidade do intento assenta na escolha feita: através de um género, o menos conhecido e o mais

Que há de mais poético do que fazer apelo à poesia para reter o transitório?

MATVEJEVITCH

menosprezado, a «poesia de circunstância, reencontra todos os outros.

Goethe: «Todos os meus poemas são poemas de circunstância»

Desta «poesia de circunstância» não conhecemos, em geral, mais do que algumas célebres afirmações de Goethe: **Os meus poemas são todos poemas de circunstância; inspiram-se na realidade, é sobre ela que se que se baseiam e assentam.**

Matvejevitch esforça-se por lhe delimitar os principais aforamentos. As mais antigas formas de poesia são todas de «circunstância». Celebram o nascimento e a morte, os deuses e os cultos, as vitórias e as derrotas. No entanto, ao contrário do sânscrito, o grego desconhece a particularização de tal género. A Idade Média assiste também ao desabrochar dessa poesia, graças aos jograis, menestréis e trovadores. Nos séculos XVII e XVIII aquela conhece, em toda a Europa, uma inflação sem precedentes.

Será necessário esperar pelo romantismo alemão para a ver severamente condenada. Esta má vontade irá aumentando cada vez mais. Baudelaire, por sua vez, afirma que verdadeiro poema é apenas aquele que se escreve pelo prazer de o escrever, e estigmatiza os «poetas de circunstância», Lautréamont indigna-se contra as «Jonglerias relativas e as contorsões contingentes»; Mallarmé sente «a necessidade de poetar por oposição a variadas circunstâncias» e o surrealismo acabará por amarrar ao pelourinho aquele tipo de inspiração. E então que aparece a poesia da Resistência.

Estava a totalidade da vida cultural imobilizada pelo ocupante quando se viu surgir uma profusão de poemas clandestinos, que se tornaram ràpidamente outros tantos símbolos de luta e de liberdade. Eluard, Desnos, Aragon, Emmanuel escreveram-nos, e esta trágica «Escola de Oradour» conseguiu estabelecer um contacto inesperado com os outros homens durante o pesadelo da ocupação.

Em **Le déshonneur des poètes»** Benjamin Péret atira-se violentamente aos que, segundo ele, tinham «traído a poesia» pondo-a ao serviço de uma causa política, «submetendo-a a fins utilitários», e tal julgamento foi retomado, num tom menos agressivo, pelo próprio Breton, que, reconhecendo embora os «louváveis sentimentos» de que ela tinha sido o veículo, declarava tal poesia sem futuro. Estranho veredito que condenava Maiakovski, Lorca, Aragon e Eluard!

Matvejevitch aborda de muito perto esta noção de comprometimento e mostra que uma arte absolutamente «descomprometida» não tem mais sentido do que uma arte de propagsnda. Ajeitando-se no trabaljo de Lukás, sublinha que mesmo entre os teóricos marxistas a noção de «Partiynost» («Part-ei-lischkeit»), de «espírito de partido», é muito mais flexível do que deixa supor. e renunciarmos a considerar a «poesia comprometida» como uma poesia de encomenda (e a saldo) e a estabelecer uma hierarquia entre os temas poéticos, nesse caso só um estudo da criação poética pode permitir que se separe a verdadeira poesia da falsa. Uma obra comprometida, «circunstancial», pode ser autêntica e universal. Má poesia é a que se mantém prisioneira de um determinado momento histórico, e nada mais do que isso. Demasiado presa a circunstâncias empíricas, não soube ganhar a distanciação essencial que define toda a poesia.

MAIAKOVSKI OU 150 MILHÕES DE HOMENS

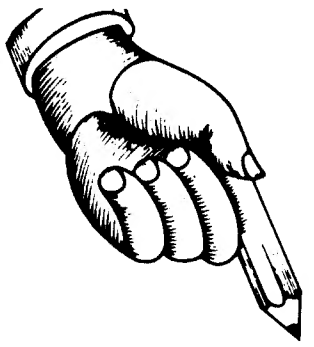
Matvejevitch ilustra a sua tese com dois exemplos, as luzes e as sombras projectadas sobre a poesia europeia por dois acontecimentos quase contemporâneos: a guerra de 1914 e a revolução de Outubro. Entre muitos escritores franceses - Paul Fort, Paul Claudel, Edmond Rostand, Anatole France - a guerra de 1914 foi pretexto para uma pseudo-criação poética em obras de uma mediocridade difícil de imitar, ao mesmo tempo que provocava gritos de revolta, de ódio, de desgosto, entre os expressionistas alemães.

Matvejevitch mostra que o fracasso de tais poemas reside não só no seu conteúdo ideológico pequeno-burguês mas também na ausência total de distância em relação ao acontecimento. Se, pelo contrário, lermos os poemas que Maiakovski escreveu, quase na mesma época, sobre a revolução de Outubro, sentimo-nos impressionados por esse distanciamento. Ainda que exprima, em termos incisivos e simples, as reivindicações dos pobres, como no admirável «**150.000.000**», não é apenas um comunista que fala através dele, mas um homem que faz falar o sofrimento e a revolta de um povo que quer «inventar novas rosas, as rosas das capitais, nas pétalas das praças».

Não foi a revolução de Outubro a fazer Maiakovski, mas ela constituiu, para o poeta, uma ocasião única. Em vez de se sentir tolhido pelo acontecimento, transfigurou-o. Por isso Matvejevitch, reconhecendo embora o fundamento das críticas tradicionalmente dirigidas à poesia comprometida, prevê-lhe um belo futuro se seguir pelo caminho de Brecht e Maiakovski.

«Que há de mais poético do que fazer apelo à poesia para reter o transitório?», interroga-se Matvejevitch. Não sobreviverão à história - não apenas a da literatura - os que tiverem repetido um instante morto sem o trancender, e é a estes que se dirige o lamento do «**Partisan2**, de Leonard Cohen:

«O vento sopra sobre as campas
A liberdade virá
Esquecer-se-ão de nós
Reentraremos na sombra.»



PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Continuação da pagina cinco

SARTRE, Jean-Paul: «Com a chancela das Publicações Europa-América saiu a versão portuguesa das «Situações, III». Em tempo: as quase 300 páginas desta recolha ensaística incluem estudos como «Materialismo e Revolução» e «Orfeu Negro».

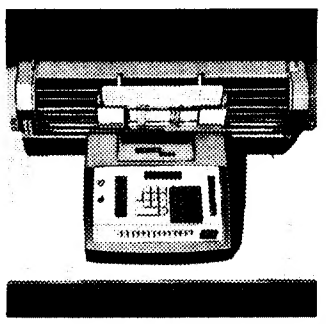
GERTRUD VON LE FORT

No primeiro dia do mês faleceu em Obersdorf, na Baviera, a romancista alemã (de ascendência francesa e italiana) Gertrud Von Le Fort, figura importante das letras germânicas deste século. Tinha 95 anos de idade. Entre as obras desta protestante convertida em 1926 ao catolicismo destacam-se «O véu de Verónica», (Papa saído do Gheto», «A coroa dos anjos» e «A catedral» (de 1968).

FALA SENGHOR

O poeta Léopold Sédar Senghor, presidente da República do Senegal, foi este mês padrinho de um novo curso da Escola Superior de Comércio de Paris, tendo declarado a propósito do facto: «Se a França retém para si a parte de leão nas relações comerciais com o Senegal e os outros Estados africanos e malgaxes, é porque, ao longo da cadeia que vai do produtor ao consumidor, uma só língua é falada, escrita e compreendida por todos: o francês».

...ESTA É A NOSSA
COLABORAÇÃO...



Um programa completo de máquinas de contabilidade e sistemas de organização

Uma equipa de especialistas em organização e racionalização administrativa

Um centro mecanográfico equipado para execução, actualização e supervisão de serviços de contabilidade

Cursos rápidos de preparação nos nossos métodos para o pessoal das empresas

EFICEX KIENZLE
FUNDADA EM 1947

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A — Telefs. 727028 - 725074
SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B — Tel. 726105-727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 1.º-Esq. — Telefone 30698

O EROTISMO NO FEMININO ou os caminhos da liberdade

POR PAUL MORELLE

EXCLUSIVO «LE MONDE» «D.L.

A notícia dada por Maurice Girodias sobre a publicação em versão francesa do primeiro livro erótico soviético chegado ao Ocidente «As Noites de Moscovo», será sinal de que a tempestade depois de ter varrido as nossas costas, se estará a afastar para Oriente?

Isso não impede que uns tantos resquícios do vendaval tanto mais violentos quanto esporádicos e passageiros se continuem a registar nos pluviómetros e anemómetros da edição.

A última daquelas vagas, numa coincidência que será difícil de considerar fortuita, é feminina. Queremos com isto dizer que os autores são mulheres, o mesmo acontecendo com as personagens centrais de tais obras. Mas, para a mulher o erotismo não será qualquer coisa mais do que isso, tal como o amor, seguxdo Chardonne, é «sempre mais do que o amor»?

«A PANTERA AZUL»

Nicole Bley, em «A Pantera Azul» (1), utiliza o erotismo como arma. Ofensiva? Defensiva? A gradação é infíma. Faz-se o disparo e a granada explode no baixo ventre. Poder-se-á, no entanto falar em erotismo, diante daquilo que é, acima de tudo, a expressão mais vingativa, mais cruel, de uma experiência pouco vulgar. Criada à solta pelos campos, criança a que fora dado um apelido grosseiro, adolescente demasiado fácil, após aventuras múltiplas e colectivas, ei-la que chega a Paris. O destino estava traçado — uns metros de passeio numa rua sem luz. Mas o seu carácter singular vai levá-la a ultrapassar esta devassidão primária, encaminhando-a para uma devassidão maior ainda. Depois de uma tentativa de amor sáfico e de uma outra para viver na companhia do pai, velho operário esgotado pelo trabalho em cadeia, a protagonista regressa ao seu meio e aos seus hábitos preferidos: uma intensidade sexual sem discernimento nem freio, frenética e condescendente, neste moderno «Pátio dos Milagres» que é o «underground» parisiense, um «bas-fond» que sobreviveu aos espaços verdes e aos grandes conjuntos habitacionais, às avenidas da periferia e á lavagem das paredes, habitado por uma «jungl'asphalt» cosmopolita e possessa, mundo subterrâneo que vem ao de cima quando o da superfície adormece.

O casamento de um jovem fotógrafo de arte progressista de boa pinta, as viagens aos Estados Unidos e as recepções «in» nos salões aureolados de taoísmo nada disso a reterá

. Vende a mobília para regressar ao seu mundo violento e primitivo, aos odores selvagens e às brutalidades de fauno.

Ser-se-á tentado a ver, neste regresso à animalidade, a expressão, apenas de uma perversão de uma depravação a beirar a anomalia.

Mas quem for capaz de ultrapassar a barreira das palavras obscenas, as situações de enorme indecência, quem, sobretudo, estiver disposto a interpretar a utilização exacta de tais palavras, a naturalidade do seu encadeamento, como sinal de um domínio de si próprio sentir-se-á atingido por este sopro de raiva este furor de destruir, de se aviltar, que não é senão a outra face da fúria de viver, uma maneira, como em «Eden, Eden, Eden», de Pierre Guyotat, de se bater não já com as pedras da calçada mas com as dejecções do mundo que se condena.

Um povo silencioso saído das lixeiras da noite, atira o seu conteúdo à fachada dos prédios adormecidos.

«O SILÊNCIO, DEPOIS...»

Muito diferente, embora igualmente audacioso, é «O silêncio depois...» (2) de Catherine Breillat, que se segue a «O homem fácil», livro escrito quando a autora tinha apenas dezassete anos. Aqui, o erotismo é tanto um exercício como um exorcismo. Uma provocação contra o medo. Assim, dois adolescentes que se iniciam num jardim na aproximação desajeitada do amor, chegam, por vezes, por uma escalada irracional de ataques inoportunos e de defesas agressivas aos insultos obscenos. Catherine Breillat serve-se de palavras reles como coura e como jogo. Faz tapeçaria bordado inglês, renda, para o enxoval do amor que virá. A flor azul metamorfoseia-se em anémona, carvão ardente, planta omnívora. Porque esta defesa é também um ataque, esta ofensa aos bons costumes, uma ofensiva.

O sexo, que para a mulher era fragilidade, fraqueza, objecto de cobiça ou de comércio, torna-se força, facho, moeda de troca, arma de conquista, nos caminhos da liberdade. O brinquedo transformou-se em chicote a jovem tímida em «guerrilheira». O anjo da resignação em arcanjo da violência revolucionária.

«O HOMEM DAS MULHERES»

Ler-se-á com não menor proveito após aquela plétora de tempestades incendiárias que fazem ouvir um duplo ruido de atabaques e alabardas, os dois livros que Rita Krauss consagrou à libertação das mulheres, e que são o reverso daqueles primeiros: «O homem das mulheres» (4), seguido de «As Nanas» (5). Rita Krauss professa um certo número de ideias que podem parecer reaccionárias, numa época em que a revolução é cavalo que cada um monta a seu talante. Parece pensar — em todo o caso, adianta-se com uma volubilidade igual à sua convicção — que se pode ser uma mulher de espírito sem perder o espírito uma mulher livre, sem, por isso, se abandonar a todas as licenças. Defende — o que é exemplificado por toda uma tradição literária masculina e feminina — que a mulher é tanto mais forte quanto melhor souber utilizar a sua pretensa fraqueza, e que as «bonecas», as «miúdas», e outras «maluquinhas» no género apenas conseguem fazer depreciar a mercadoria que apregoam.

Que isso da provocação não é uma virtude em si, sobretudo se for acompanhada de numerosas quedas, e que qualquer coisa, só tem valor graças à sua raridade.

Além disso, como uma autoridade que reivindica como fruto da experiência afirma que o verdadeiro «homem das mulheres», aquele que todas desejam, não é o «menino bonito», nem o «gigolo», o «play-boy» adorado, o atleta sexual, o Apolo de bairro, o campeão de natação, nem sequer o D. Juan de olho pesquisador, mas o homem que tem a coragem de ser ele próprio.

Que não é de boa educação atirar-se, gulosamente a todos os pratos, embora pareça que a isso se tenha sido convidado.

Que entre o leito do guerreiro e a aljava de Diana Caçadora, a mulher tem outros encantos, que são os da sua feminilidade, como o homem dispõe de outras armas, que são as da virilidade.

Em resumo, Rita Krauss ousa escrever, «em voz alta», aquilo que muitos homens pensam em surdina.

Ainda que se assinalem no seu panfleto os limites da parcialidade, e do parcial, ou apenas se lhe conceda o sabor das coisas que já lá vão, tem de se lhe reconhecer um valor curativo.

A imagem que ela dá da mulher não é aliás, menos livre pois nos surge mais «temível».

No turborreactor da revolução sexual em combustão — e sabe-se que a mesma vai a grande velocidade — os livros de Rita Krauss preenchem uma função essencial e vital: a dos travões.

1) J. J. Pauvert, col. «L'Accés», 140 pag. 14,80 F.

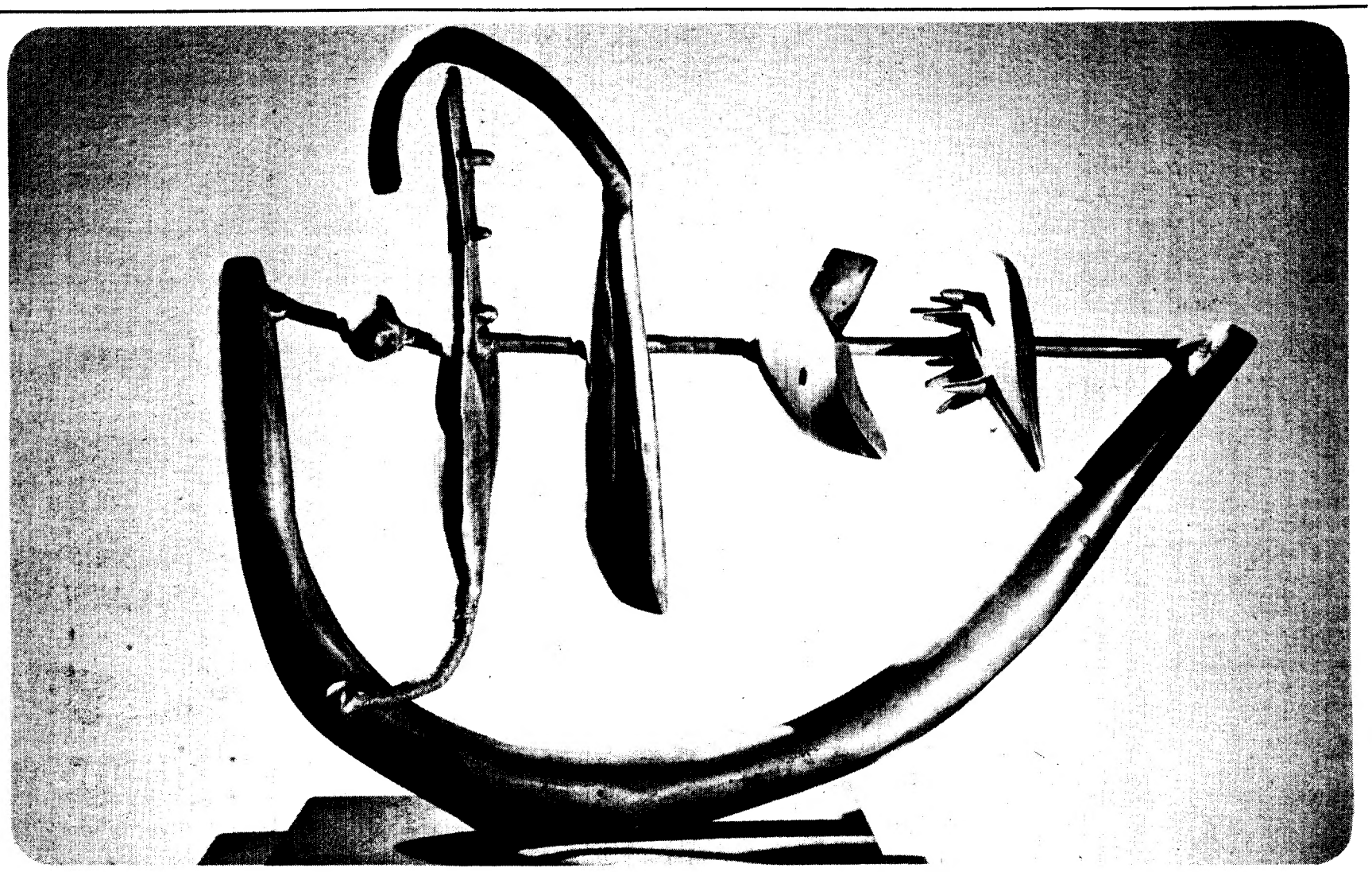
2) François Wimille, 250 pag. 20 F.

3) e 4) Balland, 230 pág., 24 F e 180 pág., 20 F.

Desenho de Gavarni, publicado no número de 23 de Maio de 1831 de «Le Charivari» - primeiro jornal ilustrado francês

PAOLOZZI na Tate

Abriu na Tate Gallery, de Londres, uma grande exposição retrospectiva do escultor Eduardo Paolozzi, de que vemos aqui «Formas sobre um arco», um bronze de inspiração surrealista.

Filho de pais italianos, mas nascido na cidade escocesa de Edimburgo, Paolozzi estudou ali no Colégio de Arte, passando mais tarde para Londres, onde completou o seu aprendizado na Slade School. Entretanto a sua imaginação nunca foi atraída por qualquer proposta inglesa: o escultor moveu-se com mais à vontade no surrealismo e posteriormente na «Pop Art». Para a crítica, Paolozzi é, não obstante, um dos mais versáteis artistas plásticos «britânicos» (além de trabalhar os materiais específicos do seu ramo, escreve poesia e ficção e tentou mesmo o cinema).

A mostra da Tate Gallery inclui oito dezenas de trabalhos, todos eles revelando a preocupação «paolozziana» pelo pormenor e pela manipulação dos objectos, que um humor sardónico torna por vezes extremamente agressiva.